GUSTAVO BARROSO

Memórias

LICEU do CEARÁ

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

GUSTAVO BARROSO

Memórias

LICEU do CEARÁ

2º VOLUME

(3ª EDIÇÃO)
Com Notas de Mozart Soriano Aderaldo

UFC
CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL
2000

Barroso, Gustavo
Memórias de Gustavo Barroso. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2000.
(Coleção Alagadiço Novo, 252)
196p.
1 - Barroso, Gustavo - Memórias. I - Liceu do Ceará.
II. Título.

CDD - 928.69

NOTA

A presente edição de *Liceu do Ceará*, de autoria do escritor Gustavo Barroso, constitui o 2º tomo das MEMÓRIAS do eminente escritor cearense.

O texto está enriquecido com Notas do escritor e historiador cearense Mozart Soriano Aderaldo, nome da mais alta expressão das letras cearenses, extraídas da copiosa bagagem literária divulgada em preciosos livros de sua autoria, como, por exemplo, *História Abreviada de Fortaleza*, *Crônicas Sobre a Cidade Amada* e também nas revistas do Instituto do Ceará e Academia Cearense de Letras.

Referidas Notas enriquecem a 2ª edição do livro publicado, pelo governo do Estado do Ceará - MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO, contendo *Coração de Menino*, *Liceu do Ceará* e *Consulado da China*, obra essa hoje completamente esgotada.

Com o patrocínio da Federação das Indústrias do Estado do Ceará, as três obras serão reeditadas pelo Programa Editorial da Casa de José de Alencar, separadamente e em meses sucessivos.

Importa ressaltar que, para maior enriquecimento dos volumes, terão de ser conservadas as Notas divulgadas na segunda edição do Governo Estadual, em consonância com os entendimentos mantidos com a família do saudoso escritor.

Acrescente-se que a iniciativa dos editores colima o alto objetivo de divulgar na atualidade, entre os jovens estudantes cearenses do curso fundamental e das escolas superiores, o gênio do nosso eminente conterrâneo, membro ilustre da Academia Brasileira de Letras e patrimônio imprescindível para a cultura cearense.

Julho de 2.000

Os Editores

À memória de meus mestres e amigos:

MONSENHOR BRUNO DE FIGUEIREDO
Dr. Antônio Teodorico da Costa
Capitão Oscar Feital
Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos
Dr. Hermino Barroso
Dr. Aurélio de Lavor
Dr. Antônio Adolfo Coelho de Arruda

Recordo como era na minha juventude a visão das cousas que ora vivem em minha alma, no perfume da memória e que, passadas e mortas, continuam encantadoras. As imagens, a modos de realidade, me conservavam prisioneiro num castelo interior: indiferente ao bulício e rumor estrondoso da vulgaridade, eu não pensava que aquilo pudesse ser uma vaidade do espírito e uma ilusão frágil como espuma. Os triunfos do canto, as ternuras do amor, a emoção diante da natureza, tudo era para mim tão suave e real que não trocaria por todas as maravilhas da ciência ou milagres do cálculo. Assim, os dias passavam como relâmpagos de alegria, as noites como adivinhações do paraíso. Vivia sonhando, sonhava acordado e conseguira edificar um mundo de ficções e quimeras que conhecia, amava, estava sempre presente à minha fantasia e ao meu coração. Primavera! Que linda primavera!

REMÍGIO CRESPO TORAL
(Primavera literária)

SUMÁRIO

1899

1900

1901

1899

BICHO FEDORENTO

No ano da Graça de 1899, matriculei-me no Liceu do Ceará, deixando com saudades o colégio Parténon Cearense do Professor Lino da Encarnação, onde me preparara para o curso secundário.

O Liceu funcionava, então, no edifício para ele expressamente construído pelo tenente João Arnoso, à praça dos Voluntários, no governo do Coronel Bizerril Fontenele, que deixara fama de econômico e bom administrador. Dizia-se que fora o melhor governo que já tivera o Ceará. Acrescentava-se com espanto ter acumulado mil contos em caixa, que o sucessor logo desperdiçara. Todavia, percorrendo-se os jornais da época, ver-se-á quanto essa famosa administração foi atacada pelos oposicionistas. Recordo-me que o órgão do partido contrário estampava diariamente na primeira página, dentro duma tarja negra, em versalete, esta mofina: *Faltam tantos dias para a saída do Bujamé!* O Bujamé era o Coronel Bizerril, como o Babaquara seria seu sucessor, o dr. Antônio Pinto Nogueira Acióli.

A gente do partido governista tinha a alcunha de *cafinfim*; os oposicionistas apelidavam-se *maloqueiros*, porque a oposição se chamava Maloca. O dr. Nogueira Acióli chefiava os cafinfins. O dr. Paula Rodrigues, o Rodrigão, e o Coronel Carlos Filipe Rabelo de Miranda, com farmácia à praça do Ferreira, dirigiam os *maloqueiros*. Os jornais do governo chamavam ao último Ti-Filipe, levando-o numa troça terrível em prosa e verso. Ainda guardo de memória um dos seus epigramas:

Na praça do Coração,
Quando votava com o povo,
No dia da eleição,
Ti-Filipe pôs um ovo!

O bicho, que não é novo,
Ao abaixar-se gemeu.
Vendo cair o *legume*,
Para evitar o perfume,
O Pata-Choca comeu!

Pata-Choca era o Coronel Francisco Bizerril Fontenele, irmão do antigo Presidente do Estado, que militava nas hostes contrárias ao aciolismo dominante. Até na política assim se justificava o que diziam de minha terra: Ceará Moleque.

O Liceu era um casarão de platibanda, pintado de verde, com cinco sacadas de gradis de ferro, de cada lado de alta porta abrindo sobre meia dúzia de degraus de mármore. No vestíbulo, sob uma sineta de bronze pendente dum arco, a mesa do porteiro, o negro José, tipo de abexim, de pincenê de ouro sempre a escorregar, pretensioso, malcriado, antipático, continuamente de má vontade, mas desmanchando-se em adulações ao diretor e aos professores. Ali, os corredores que dividiam as salas cortavam-se em cruz. Havia ao todo oito salas, seis para os seis anos do curso, uma para a Secretaria e outra para o Gabinete de Física, Química e História Natural. Esta vivia sempre fechada. Uma vez por outra, ali entrava o professor Francisco Moura e pela porta entreaberta se lobrigavam seus mistérios: bichos empalhados, maquinismos estranhos, um esqueleto apavorante! Quatro salas davam para a praça e quatro para larga varanda corrida debruçada sobre um pátio interno, entre cujas colunas se estiravam compridos bancos de pau. Alguns anos mais tarde, essa disposição interna seria completamente modificada.

No lado contrário do pátio ou quintal, como chamávamos, as portas traseiras de outro edifício semelhante, levantado pelo mesmo construtor, com frente para a rua mais crismada de Fortaleza: Direita, de Baixo, Conde d'Eu e Sena Madureira. Hoje nem sei mais que nome tem. Nele estava instalada a Biblioteca Pública. Nas duas faces laterais do pátio, dois pequenos pavilhões em que ficavam as sentinas, um destinado à Biblioteca e o outro, ao Liceu.

A praça dos Voluntários era um retângulo arenoso, emoldurado de casas por três lados(1), orlado de velhas castanholeiras e mongubeiras frondosas e tracejantes, hoje substituídas por abjetos ficus aparadinhos. O quarto abria para vasto terreno em declive que ia ter ao Parque da Liberdade, construído no local da antiga lagoa do Garrote, aprisionada em margelas de cimento(2). A gente miúda não dizia nunca – a praça dos Voluntários, mas – o Garrote. Eleva-se aí agora o palacete do Clube Iracema. A edilidade atual de Fortaleza não se cansa de entupir-lhes as velhas praças.

O edifício do Liceu ficava quase ao fim do lado oriental do retângulo. Entre ele e a esquina da bodega do velho Amorim, somente a casinha baixa de porta e janela e biqueira corrida, onde este morava. Do outro lado, uma casa de platibanda e um renque de casinholas de meia morada e bicas que se prolongavam até o canto da rua do Rosário, onde se erguia, fronteiro, um sobrado velho e sujo(3), em cuja loja funcionava um botequim de má fama com o letreiro característico: – "O Diabo a quatro!". No fundo, fazendo esquina com a rua do Oitizeiro(4), a vendinha do Lino, de fama pior que o botequim.

---

1 – O retângulo da praça ainda não havia sido fechado, ao sul, pelo prédio do Clube Iracema, construído no início da década de 1940, depois desapropriado pela Prefeitura. – M.S.A.
2 – Nesse parque foi instalada a Cidade da Criança. – M.S.A.
3 – Ainda hoje (1987) de pé. Fica na esquina noroeste das ruas do Rosário e Perboyre e Silva, continuação do Beco do Y, como diz o povo. – M.S.A.
4 – Atual Rua General Bizerril. Esquina nordeste desta com o Beco do Y. – M.S.A.

Em frente, na face ocidental, o sobrado azul de meu tio-avô Antônio José Seifert, seguindo-se-lhe uma linha de casas baixas, fronteiras ao Liceu, entre as quais a de D. Sabina Macaíba, excelente senhora, casada com o sr. Viriato, guarda-livros da firma Boris Frères, então a mais importante de Fortaleza. D. Sabina era a mais exímia fazedora de lapinhas da cidade. Um pouco adiante, morava Teofredo de Castro Goiana, digno funcionário do Estado, cujo amor ao dinheiro era proverbial. Em duas residências maiores, de *cinco portas*, uma delas *abarracada*, isto é, com porão, habitavam as duas personalidades mais notáveis do pequeno logradouro: o negociante José Gentil e o desembargador Irineu.

No meio da praça, ao lado dum cacimbão com aduelas de pedra-lioz de Lisboa, construído na seca de 1877, um chafariz de ferro sistema Wallace, inutilizado. Toda praça da Fortaleza de meu tempo tinha um nessas condições. Sobre o cacimbão contava-se uma anedota interessante. Um dos homens mais conhecidos pela sua avareza na cidade, além do comerciante Manso Valente e do Teofredo Goiana, era o coronel Mirandão, Antônio Leal de Miranda, meu padrinho, veterano da guerra do Paraguai, antigo tabelião e dono do Banco Forte, o mais reputado banco de jogo de bicho do Estado. Conversando sobre a velha cacimba de pedra com o Teofredo, alguém lhe disse:

– Quando estavam cavando este cacimbão, um menino caiu lá dentro e morreria afogado, se não fosse o Mirandão que passava e se atirou no buraco cheio de água, salvando-o.

Calmamente, a voz fanhosa do Teofredo, que não concebia o menor gesto desinteressado, sobretudo da parte dum colega, indagou:

– Por quanto?

O Teofredo era feio, canhestro, sem atrativo algum. O Mirandão era bonito, amável, viajado, culto, conversador. Tinha – coitado! – a doença de amar o dinheiro, mas protestava sempre contra o renome de sovinice que o cercava, repetindo:

– Absolutamente não sou avaro! Sou inteligentemente econômico!

Uma feita, quando eu ainda estava no colégio, levou-me a assistir na praça dos Coelhos(5) à função dos Fandangos. Sentados num dos bancos de pau destinados ao público, ouvimos todas as cantorias daquele auto de Mouros e Cristãos inspirado nas antigas xácaras das navegações dos portugueses. Quando o velho Mouro trouxe o resgate do filho prisioneiro, achando-o convertido e batizado, no auge do desespero, apunhalou-se e tombou morto no convés, deixando cair a bolsa cheia de moedas de ouro. Os marujos suspenderam o corpo pelos braços e pelas pernas e começaram a balançá-lo para lá e para cá, cantando:

O mouro morreu,
Botemos no mar!
O mouro morreu,
Botemos no mar!

O coro respondia:

O dinheiro dele
É p'ra nós gastar!
O dinheiro dele
É p'ra nós gastar!

Subitamente indignado, furioso, vermelho, meu padrinho levantou-se e arrastou-me pela mão, vociferando:

– Vamos embora, menino! Vamos embora! Canalhas! Cabroeira safada que só pensa em gastar o dinheiro dos outros!...

Naquela paisagem urbana da praça dos Voluntários, entre aquelas fachadas e aquelas pessoas, decorreria lus-

5 – Oficialmente, Praça José Bonifácio. – M.S.A.

tro e meio de minha vida. Todos os dias! Vinha meio tímido do colégio iniciar o curso secundário no instituto oficial, cujos professores gozavam da mais alta reputação. Ouvia constantemente falar em dois deles como talentos extraordinários e culturas formidáveis. Um já morrera, não o cheguei a conhecer, o dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães. O outro continuava vivo e podia ser visto diariamente, todo de preto, sisudo, vagaroso, concentrado. Tinha um nariz vermelho e atomatado, que merecia um epigrama de Bressane, Bocage ou Tolentino. Até hoje ainda não encontrei nariz que mesmo de longe se parecesse com aquele. Fora educado na Europa por conta do Estado, devido à grande inteligência que revelara na infância. Menino prodígio! Chamava-se José de Barcelos e diziam que sabia grego. Algumas pessoas acrescentavam em voz baixa, como a sussurrar um segredo grave, que também sabia hebraico. Nunca produziu nada que se aproveitasse. Suas aulas de grego ou de francês matavam de sono.

Magricela, pálido, cabeçudo, de pescoço fino e comprido, com botas cambadas, meias de algodão caídas como polainas, roupinha cerzida de riscado ou zuarte, chamavam-me no colégio, nos últimos tempos, o Girafa. Os amigos abrandavam a alcunha com um diminutivo – Girafinha. Minha triste figura (uma de minhas tias, lida em D. Quixote, às vezes me apelidava – Cavalheiro da Triste Figura) ia penetrar aquele santuário de doutos professores, freqüentar a meninada mais indisciplinada e terrível da cidade, afrontar a iniciação do trote e aproximar-se de sumidades como o dr. José de Barcelos. Ao pensar nisso, eu sentia um calafrio na espinha.

Os nomes dos professores do Liceu eram de estarrecer um fedelho como eu. Havia cônegos e monsenhores, um dos quais várias vezes recusara a mitra. Havia oficiais do Exército doutorados em ciências físicas e matemáticas, com anelões de turquesa estrelados de ouro. Alguns lentes eram deputados estaduais ou federais, outros haviam sido e

outros iam ser. Este fora senador. Este outro era ainda. Aquele pertencera ao parlamento do Império. Os meninos ficavam boquiabertos.

Esses deuses, porém, deviam ser vistos de longe. De perto, com o tempo, revelaram-se na maioria de argila comum. Alguns, pior do que isso. Mas houve os que se fizeram respeitar, estimar e mesmo amar, o que é muito difícil.

Minha primeira impressão do Liceu não foi das melhores. Levara à Secretaria o requerimento de matrícula assinado por meu pai, instruído com o certificado da terminação do curso primário, a certidão de idade e o recibo das taxas, a fim de me inscrever no 1º ano do que então se chamava Curso Integral, depois Curso de Madureza, e que durava seis anos. Entreguei tudo ao bedel, rapaz moreno, pálido, anguloso, de janeiro a dezembro metido num casaco pardusco de gola de veludo preto. Já lera seu nome nos editais de matrículas e exames estampados na "República" e achava-o sonoro, imponente:

Dagoberto Jugurta Viana.

Indicou-me um banco no corredor e disse-me, citando os nomes das sumidades da casa:

– Sente-se aí. O sr. Francisco Florêncio de Araújo, secretário do Liceu, está em conferência com o diretor, R. Agapito Jorge dos Santos, mas não tarda. Ele fará o termo de matrícula para você assinar.

Sentei-me. Pela primeira vez em minha vida ia assinar alguma cousa pública, oficial. Sentia instintivamente a mudança de existência que isso tinha necessariamente de provocar. Agitado por certa emoção, olhava por uma das sacadas a praça deserta, onde o vento da tarde brincava com as folhas rubras caídas das castanholeiras. De quando a quando, as mongubeiras deiscentes deixavam tombar com estrépito a metralha dos caroços amarelos dos seus grandes frutos. Fui me acalmando e distraindo. De repente, ouvi ao meu lado uma voz fanhosa, sibilante:

– Bicho fedorento! Fum! Fum! Fum!

Sabia que no Liceu os calouros se chamavam *bichos fedorentos* no primeiro semestre do ano e *bichos* somente, no segundo. Estava a par deste e de outros hábitos por alguns meninos conhecidos. Encolhi-me, intimidado, na ponta do banco. Com toda a certeza, um veterano vinha dar-me trotes. Atrevi-me a levantar os olhos e deparei diante de mim, saindo da secretaria, o menino mais feio que jamais vi em minha vida. Cara amarela, espapaçada e torta como modelada em sabão. Cabeça desmesurada com orelhas cabanas. Vestia uma roupa à marinheira, de luto fechado. Fez-me uma careta, tapou o nariz e passou, resmungando:

– Fum! Fum! Fum! Bicho fedorento!

– Venha assinar o livro, falou quase ao mesmo tempo o bedel.

Entrei na secretaria. Deram-me uma pena e indicaram-me onde devia assinar. O meu nome por extenso espantou o secretário e maravilhou o bedel: Gustavo Adolfo Luís Guilherme Dodt da Cunha Barroso. O secretário declarou que nas listas de chamada não poderiam figurar mais de quatro apelidos e escolheu: Gustavo Adolfo Dodt Barroso. O destino do meu nome era mesmo ser diminuído quanto mais crescesse. Oficialmente reduziram a Gustavo Dodt Barroso, graças à minha carta de bacharel. Eu o limitei ao mínimo possível: Gustavo Barroso.

A fisionomia acolhedora do bedel fez com que me atrevesse a perguntar:

– Em que ano está aquele menino de preto que saiu daqui agora?

Dagoberto Jugurta Viana respondeu-me:

– É a primeira vez que o vejo. Matriculou-se no primeiro ano. Olhe, aqui está o nome dele.

E apontou-me o termo de matrícula logo acima do meu, no grande livro aberto sobre a mesa. Li:

– Eduardo Eurico de Oliveira.

Achei este nome bonito, mas não tão bonito quanto o do bedel, cuja sonoridade me enchia os ouvidos: Dagoberto

Jugurta Viana! Eu não sabia ainda que Dagoberto fora um Rei Merovíngio, amigo de Santo Elói, perpetuado nas canções brejeiras do folclore francês e nos contos eruditos de Emílio Gebhart. Ignorava também o papel de Jugurta na resistência da Mauritânia antiga à expansão conquistadora de Roma. Admirava infantilmente no fim dos editais publicados pela "República" a assinatura oficial: "O Bedel-Arquivista, Dagoberto Jugurta Viana". Os pomposos apelidos acabaram fazendo-me admirar seu proprietário com seu casaco de gola de veludo preto. Bedel-Arquivista, que personagem de rara importância! Certo domingo, à saída da missa da Sé, acompanhei de longe Dagoberto Jugurta Viana até o Passeio Público e daí até a praça Castro Carreira(6), admirando em silêncio aquela gola de veludo e fantasiando o que faria se um dia fosse bedel e pudesse vestir uma igual...

Assinado o termo de matrícula, despedi-me, pus o chapéu, atravessei os corredores e desci os cinco degraus de mármore sem encontrar viva alma. A praça completamente deserta. Janeiro. As aulas começariam em fevereiro. Só vinham ao Liceu, um a um, os matriculandos. O ventinho que eu vira brincando com as folhas mortas trouxera nuvens carregadas que obscureciam o céu. Desde dezembro, chovia quase diariamente. O ano de 1898 fora de seca brava. O de 1899 anunciava-se com tanta chuva que já se falava em *seca de água*... O destino do Ceará, segundo o povo, é o do "ferreiro da maldição", que, "quando tem carvão não tem ferro e quando tem ferro não tem carvão".

Pingos de água, grossos como ovos de pássaros, precipitaram-se rapidamente do céu, metralhando o chão. Estuguei o passo à procura de abrigo e entrei por uma das portas do "Diabo a quatro!", quando a chuvarada violenta-

---

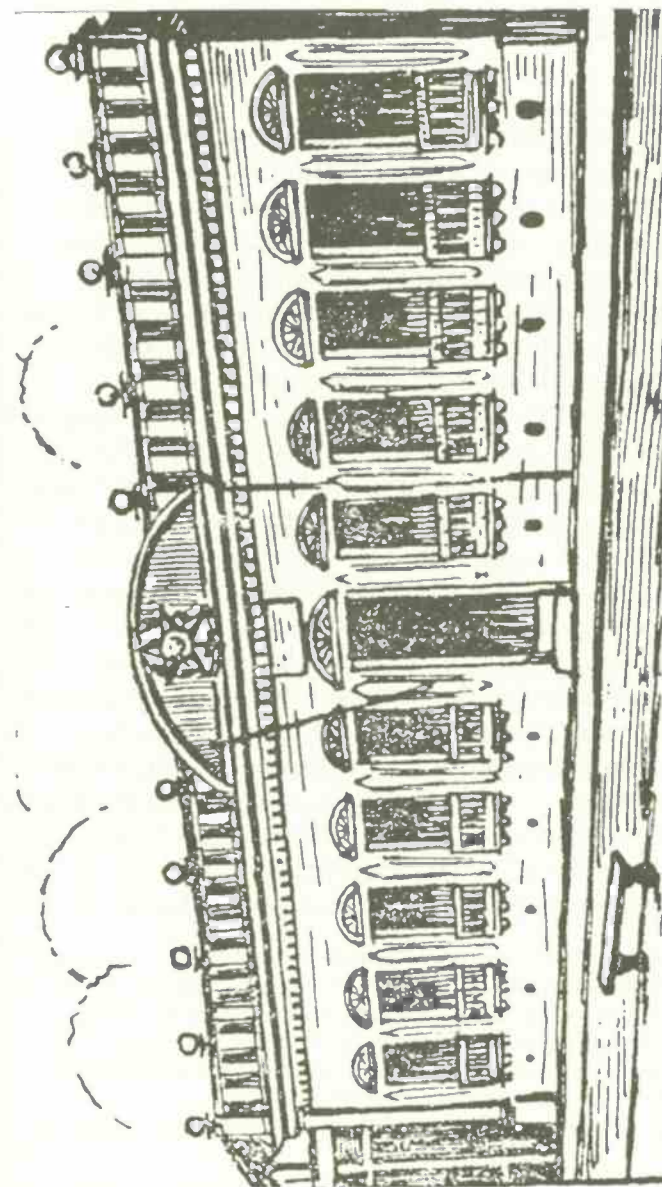
6 – Praça da Estação, como o povo a chama, em vista de em sua face norte se achar a estação da rede ferroviária. – M.S.A.

mente já varria a praça dos Voluntários. Esbarrei com o menino feioso que vira sair da secretaria do Liceu, o qual também ali se acolhera. Agora, eu sabia que ele era tão bom como eu e que fingira de veterano para se dar importância. Tapei o nariz com dois dedos, funguei alto três vezes e esguichei-lhe à queima-roupa:

– Bicho fedorentol Fum! Fum! Fum!

Baixou a cabeça, ençalistrado. Mal sabiamos que estávamos destinados a ser companheiros de carteira até o terceiro ano. Dai por diante, ele continuaria o curso sozinho e sozinho receberia o titulo de bacharel em ciências e letras no ano de 1904, seguindo então para a Escola Politécnica, onde fez excelente figura. Era órfão e paupérrimo. Estudava, porém, com afinco e cumpria seus deveres. Eu e todos os de minha turma encontrariamos no terceiro ano como que uma esquina do pecado. Repeti-lo-íamos, como outros mais, tentados pelo demônio irresistível da vadiagem. Eduardo Eurico de Oliveira soube resistir a todas as tentações e atingiu solitário o primeiro bacharelato do Liceu do Ceará. Ainda em 1929, de visita à minha terra, entrei na secretaria do Liceu e vi, desbotado pelo tempo, o quadro da primeira formatura pelo Curso de Madureza em 1904. Lá estava um único retrato, o de Eduardo Eurico, com seu paraninfo, o professor Teodorico da Costa.

No correr da vida, muitas e muitas vezes o encontrei no Rio de Janeiro, engenheiro de valor, à porta da casa Artur Napoleão, na Avenida. Trocávamos um aperto de mão e, em lembrança do primeiro encontro tão distante embora, diziamos ao mesmo tempo:

– Bicho fedorento!

Edifício do Liceu do Ceará, quando nele fiz meu curso secundário. Fachada sobre a Praça dos Voluntários.

A TENTAÇÃO DA VADIAGEM

A tentação da vadiagem era muito grande e se multiplicava deliciosamente em outras tentações, como a luz se reflete em cambiantes nas facetas polidas dum cristal. Dificílimo evitá-las na encantadora Fortaleza do meu tempo de menino. Banhos no reservatório do Pajeú(1) e no açudeco do Padre Pedro,(2) onde a água ficava gelada sob as alfombras boiantes dos aguapés. Banhos de mar com mergulhos sob as vagas verdes e descabeladas no Pocinho da Praia. Pescarias de pitus nos riachos. Excursões alegres aos cajueirais da Aldeota. Passeios de bonde a Porangaba(3). Durante todo o ano uma sucessão de tentações. Em janeiro, açudes cheios, cobertos de pasta verde, provocando o nado e o jogo de camba-pé. Em fevereiro, o carnaval, a papanguzada e a maracatuzada nas ruas. Em março, os Judas com seus júris e sítios, as procissões e as festas de igreja, que reuniam à porta da Santa Casa, nos adros da Sé, do Rosário e do Coração de Jesus os melhores tabuleiros de doces da cidade. Em abril, os assaltos a cercados e muros para comer as primeiras atas e mangas maduras. Em maio, o mês de Maria com todas as suas novenas e todas as suas ladainhas. Em junho, Santo Antônio, São João e São Pedro, fogueiras, fogos, canjicas, aluás. Em julho, os papagaios e arraias enfeitando o céu com suas cores brilhantes, empinados no alto das dunas, com os longos rabos de trapos em que alumiavam as rocegas de vidro para o *jogo do ponto*. Em agosto, luares maravilhosos, embriagadores, com os banhos de mar noturnos e as idas ao Mucuripe e ao Meireles para comer saborosas peixadas Em setembro e outubro, começavam os cajus e se assavam as castanhas. Em novembro, iniciavam-se os ensaios das Pastorinhas, dos Congos, dos Fandangos e do Bumba-meu-boi, para os festejos tradicionais do Natal. Em dezembro, o Natal!

Quem poderia ter coragem de estudar? Só mesmo um asceta capaz de se privar de todas essas delícias como Eduardo Eurico de Oliveira. Para mim e para os outros, todas as horas eram poucas para o gozo sem par de tudo isso naquele tempo de lampiões a gás, sem rádio, sem bondes elétricos, sem automóveis, quando a vida andava devagar. Para ele nada disso existiu. O demônio da vadiagem nada conseguiu dele com todos esses sortilégios. Para ele somente existiam livros. Sua cabeça não se povoava de luares lânguidos, de perfumes selvagens, de cajueirais, de praias, de águas mansas, de ondas revoltas, de cantos populares, de fogueiras joaninas, de sons e de cores, mas de raízes quadradas e cúbicas, de senos e co-senos, de incógnitas e logaritmos, de equações e expressões. Passou pela vida e não viveu...

1 - Primeiro açude público, construído por José Martiniano de Alencar, Presidente da Província e futuro Senador do Império, em sua primeira administração. Situava-se na confluência do riacho Pajeú com seu afluente da margem esquerda, vindo da lagoa do Garrote (onde fica a Cidade da Criança), bem próxima. Hoje desaparecido, com a urbanização da área pelo Prefeito Lúcio Alcântara. - M.S.A.

2 - Hoje aterrado, situava-se nas imediações (face sul) da Praça São Sebastião. - M.S.A.

3 - Voltou a denominar-se Parangaba a partir da reforma administrativa de 1943. - M.S.A.

O CAFÉ PERI

Seria grave injustiça não incluir entre essas tentações o Café Peri, situado ao fim da praça do Ferreira, do lado da rua Major Facundo(1). A primeira casa de torrefação de café que se abriu em Fortaleza, fundada por um irmão de meu padrinho, Álvaro Leal de Miranda, que habitava o prédio contíguo. Tinha dois filhos um pouco mais velhos do que eu, com quem me dava: Narciso, que morreu muito cedo, e Raul, atual proprietário do "Pavilhão" à rua do Ouvidor. Brincava algumas vezes com este, mas admirava loucamente o gênio inventivo do outro. Jamais conheci na vida alguém com a habilidade manual de Narciso Miranda. Fabricava pequeninos motores a corda ou a vapor, com que fazia mover o que queria: casas, bonecos, bichos. Fez uma reprodução em miniatura da torrefação paterna, que eu apreciava horas e horas, embevecido. As visitas ao Narciso no Café Peri atraíam-me a gazetas ou me forçavam a chegar tarde às aulas.

O pai de Narciso, Álvaro Miranda, tinha a bossa da publicidade, que demonstrava diariamente, apesar do atraso da imprensa na pequena capital nordestina. Raro o dia em que não aparecessem nos jornais contos fantásticos, relatos sensacionais, descobertas estupendas, terminando sempre com a surpresa dum anúncio do produto. Conseguia que os melhores poetas da terra escrevessem versos sobre seu café moído. Por toda a parte estampava um poemeto da famosa poetisa Francisca Clotilde, com este final:

> Portanto é comprarem todos,
> Na praça ilustre na história,
> O célebre Café Peri,
> Para cantar a vitória!

1 - Conheci-o, depois, na esquina sudoeste das ruas Barão do Rio Branco e Guilherme Rocha. - M.S.A.

O NAVIO SERPENTE

Minha maior ambição era poder imitar o que fazia o Narciso. Ensaiei isso de todos os modos. Os resultados nunca corresponderam aos meus desejos.

Certo dia, li em um almanaque a notícia, se me não engano tirada da "Revista das Revistas", sobre a mirífica invenção do engenheiro norte-americano Gresham, que pensava construir um navio-serpente dotado de espantosa velocidade. Teria a forma que a lenda empresta à famigerada Serpente do Mar, descrita por Olavo o Magno em sua crônica escandinava. Pensava com o novo barco poder dar a volta ao mundo em vinte dias, quatro vezes menos tempo do que levara o Fileas Fog, de Júlio Verne.

A notícia impressionou-me e resolvi construir também um navio-serpente. Escavei pacientemente uma raiz de timbaúba, dando-lhe a forma do monstro marinho, segundo minha imaginação, cabeça à proa e cauda à ré. Ao bojo adaptei velho maquinismo dum relógio de parede, que devia mover duas rodas com pás de folha de Flandres.

Depois de muitos dias de acurado trabalho, fui em campanhia de outros meninos inaugurar o barco exótico no tanque redondo do Passeio Público, em frente à rua Major Facundo, que ainda existe. Esperava-me, infelizmente, fiasco pior do que o dos construtores do cruzador "Tamandaré". Ao menos este não pode navegar. O meu navegou dois metros e *se rompió todo*, como dizem por aí.

A corda do relógio, sem um controle seguro, disparou duma vez e lançou a proa do navio-serpente contra a margela de cimento. A embarcação foi ao fundo e levei uma vaia. Isso teve o condão de curar-me para sempre dos meus pruridos de inventor.

AULAS E PROFESSORES

O programa do primeiro ano do Liceu em que me matriculei com muitos de meus companheiros do colégio do velho Lino da Encarnação, entre os quais Antônio Pompeu e Paulo Martins, incluía cinco matérias: Português, Aritmética, Geografia, Francês e Desenho. As aulas duravam uma hora, das nove da manhã ao meio-dia, alternando-se nos dias da semana.

A sala do primeiro ano ficava por trás da Secretaria e dava para a varanda interna. Comprida e escura. Nas suas três longas filas de carteiras envernizada de preto, todas riscadas a lápis e insculpidas a canivete, os estudantes sentavam-se dois a dois. A um toque de sineta, entravam em balbúrdia e tomavam seus lugares. Cinco minutos depois, fazia-se silêncio e o professor aparecia, seguido do bedel-arquivista Dagoberto Jugurta Viana, que procedia à chamada.

Ensinava aritmética o doutor Henrique Autran, que cursara alguns anos a Escola Politécnica do Rio de Janeiro e exercia o cargo de engenheiro da Municipalidade. Pequenino e vermelho, um tanto ou quanto frenético e muito rigoroso nas notas, sabia bem a matéria e a explicava com a maior clareza. Não aprendia quem não queria. Incapaz duma injustiça.

O professor de francês estava interinamente na cadeira. Era o cônego Urbano do Monte. Ainda me parece o estar vendo com sua batina coçada e seu carão largo, marcado de espinhas. Falava tão baixo nas aulas e com voz tão grossa que se não ouvia nada do que dizia. Até hoje não consegui sair da dúvida que assaltou há mais ou menos quarenta anos meu espírito infantil: o cônego sabia ou não sabia francês? Dava sempre boas notas. Tratava brandamente os alunos. Parecia pedir desculpas de caceá-los.

teá-los. Passou sem deixar quase vestígios na alma dos discípulos como uma sombra amável. Ao contrário do dr. Autran que as marcou com sua figura exigente, mas justa e afirmativa. Quando este dava um zero, fazia-o rápido, incisivo, circular, do mesmo modo que riscava um 5, um 9 ou um dez. A gente conformava-se certa de que merecera a nota, tanto sentia que ele não tinha prazer ou raiva, era frio, imparcial.

Conheci, com o tempo, outros professores. Observei muitas vezes como davam as notas na caderneta das aulas ou na margem das provas escritas. A maneira como as traçavam dizia tudo sobre as suas almas. Havia os indiferentes que escreviam notas apagadas, havia os chaleiras que se aprazіam em distinguir os filhos dos ricos e poderosos, e havia os perversos, os mesquinhos, que levavam minutos, por assim dizer, a olhar para o desgraçado que não soubera a lição e a arredondar o zero com a ponta do lápis, gozando. Um desses professores gabava-se por toda parte de nunca ter dado uma distinção a ninguém. Quanto mais alta a nota que se via forçado a conceder, mais apagada a escrevia, furioso. Um 7 dele quase que só com uma lente se podia ler.

Lecionava português o Dr. Armando Monteiro, genro do coronel João Brígido, o mais terrível jornalista do Ceará. Rapaz bonito, elegante, de basta cabeleira escura, que agitava de quando em vez, sacudindo-a para trás. Um tanto displicente. Falava pouco. Dava aulas por dar. Quase não me lembro dele.

Entretanto, quem poderia esquecer o professor de geografia, dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, ex-lente da Escola Militar e deputado estadual? Fraque ao vento, colete branco meio desabotoado, chapéu no alto da cabeça, gravata torta, bigode e mosca encanecidos, o guarda-chuva debaixo do braço. Não se preocupava com exterioridades. Bom. Manso. Sábio. Aconselhava com brandura os que não estudavam. Somente dava uma nota má, quando não encontrava outra saída. Entrava sempre na

aula com o pincenê de ouro à ponta do nariz, corrigindo provas dum artigo de jornal. No fim da lição, chamava-me:

– Barrosinho!

– Pronto, doutor!

– Você vai para casa depois da aula?

– Sim, senhor.

– Então, faça o favor de entregar estas provas na redação da "República".

"A República" era o jornal do governo, dirigido pelo velho João Câmara, cuja redação, com as oficinas anexas, ficava a dois passos do sobrado onde eu morava, à rua Major Facundo(1). Esse diálogo entre mim e o professor Antônio Augusto repetia-se mais ou menos três vezes por semana. Todos os alunos queriam muito bem a esse velho mestre que, com saber e graça, os fazia viajar pelas cinco partes do mundo. Eu talvez um pouco mais do que os outros. Com seu filho Ábner, que se tornou distintíssimo magistrado, detinha o primeiro lugar em geografia. Lembrando-me do Liceu, basta fechar os olhos para que a figura veneranda e suave do professor Antônio Augusto se desenhe nitidamente na minha memória.

Não me recordo absolutamente quem foi meu professor de desenho no primeiro ano, por mais esforços que faça.

1 – O sobrado foi derruído para no local levantar-se novo prédio que tem o nº 170 da Rua Major Facundo. – M.S.A.

GIRAFA DO CHAPÉU DE MULHER

Não houve bicho fedorento que escapasse totalmente aos trotes dos desalmados veteranos do Liceu. Todos fizeram discursos bestialógicos trepados na margela do cacimbão da praça, em riscos de cair lá dentro. Todos subiram ao cocuruto do chafariz Wallace, para fingir de estátua. Todos se escancharam nos galhos das árvores e foram caçados a caroços de monguba, como guaribas. Um dia encheram de estrume fresco de cavalo o boné de xadrezinho que eu trazia do colégio e m'o enterraram até as orelhas. Lavei a cabeça, mas o boné ficou imprestável e teve de ir para o lixo.

Em minha casa, o dinheiro era curto e os hábitos de economia ainda mais o encurtavam. Não me foi possível obter que me comprassem um boné novo. Impuseram-me o uso de antigo *canotier* de minha tia Iaiá. À primeira vista, o chapéu de palhinha não parecia de mulher. Aos olhos da gente grande, ficava por isso mesmo; mas menino descobre tudo. Mal entrei na praça dos Voluntários, um veterano gritou:

– Agarra o bicho fedorento do chapéu de mulher!

Abri o arco em direção à rua do Rosário e entrei como um raio pela primeira porta aberta que encontrei. Era a da casa do major Arrais, da Polícia, velhote grosso, baixo, forte como um touro, de bigodeira branca, afamado pelas suas lutas contra os cangaceiros do sertão.

– Que é isto, menino? gritou em mangas de camisa, saindo da alcova e barrando-me a passagem pelo corredor.

– *Seu* major, implorei quase de joelhos, pelo amor de Deus, não deixe os meninos do Liceu tomarem o meu chapéu!

Tremia, apavorado. Se o *canotier* fosse destruído com estrume como o boné de xadrezinho, não haveria descul-

pas que minhas tias aceitassem e sabia lá que horror poderiam forçar-me a pôr à cabeça!

O rude tarimbeiro apiedou-se da minha aflição e disse:

– Fique aí!

Foi até a porta, escorraçou a meninada com dois berros. Depois:

– Você não pode deixar de ir à aula, não é verdade?

– É, sim, senhor.

– E o chapéu?

– Não sei...

– Deixe o chapéu aqui e venha buscá-lo, quando voltar para casa.

Assim fiz naquele dia e continuei a fazê-lo nos subseqüentes. Antes de ir à aula, guardava o maldito chapéu de mulher na casa do major Arrais e o apanhava de volta. Mas ele era a minha tortura por toda parte. Às vezes, passando descuidado por uma rua, ouvia de repente o grito dum colega, partindo duma janela ou duma esquina:

– Girafa do chapéu de mulher!

Tirava-o instintivamente, desesperado. As lágrimas pulavam-me dos olhos.

Certo dia, de volta das aulas para casa, tomando um copo de garapa misturada, isto é, de caldo de cana doce e azedo em partes iguais, com o meu colega Plínio Santiago, no engenho do Bembém, junto ao Mercado,(1) ele me disse:

– Os veteranos estavam dizendo hoje que te vão esperar em grupos nas esquinas da rua do Cajueiro,(2) antes da casa do major Arrais, de modo que não escapas. Vais ficar sem o chapéu.

E ria, antegozando a cena.

O Plínio, apelidado Plineta, era bicho fedorento como eu. Filho do dr. Santiago, magistrado no interior, e neto do dr. Rufino de Alencar, médico, cuja casa ficava na praça

1 – Situava-se em plena Praça Carolina, do lado do Mercado de Cereais, mais ou menos correspondendo à Rua Senador Alencar. – M.S.A.

2 – Atual Rua Pedro Borges. – M.S.A.

do Mercado(3) e dava os fundos do quintal, com suas cocheiras, para o sobrado onde eu morava. Por causa da vizinhança, andávamos quase sempre juntos e nos tornamos amigos.

Deixei o Plineta e fui para casa, dando tratos à bola. Como escapar dos veteranos no dia seguinte? Dentro em pouco meu plano estratégico estava traçado. Pu-lo em execução com êxito. Ao invés de dirigir-me ao Liceu pelas vias naturais de acesso para quem residia como eu do lado norte da cidade, desci a rua da Boa Vista(4) até a de D. Pedro,(5) pela qual atingi o Parque da Liberdade. (6) Ali, pedi ao Antônio Barrigudo guardasse no seu quiosque de vender cachaça e café à entrada do beco do Pajeú,(7) o malfadado *canotier* feminino, e, enquanto os veteranos me esperavam dum lado da praça, entrei lampeiro e indene no Liceu pelo outro.

O Antônio Barrigudo era conhecido de minha família e gostava muito de mim. Quando acabou com o quiosque, anos mais tarde, foi ser gerente do Café do Comércio, à praça do Ferreira,(8) onde o conheceu e estimou toda a rapaziada da Fortaleza de meu tempo.

Para sair do Liceu, pus em prática um ardil que várias vezes já me dera o melhor resultado. Esperava no corredor que um professor fosse embora, puxava conversa com ele sobre assunto das aulas fazendo perguntas. Assim, íamos andando juntos até a saída da praça. Aí pernas para que te quero? Era o que se chamava *andar de escudo*.

Mais tarde, informou-me o Plineta que os veteranos estavam fulos. Falavam em agarrar-me fosse como fos-

3 – Praça Carolina. José de Alencar e Capistrano de Abreu foram os nomes que lhe deram. Entupida pelos prédios dos Correios e Telégrafos, do Banco do Brasil e pelo Palácio do Comércio, hoje praticamente não existe. – M.S.A.

4 – Rua Floriano Peixoto. – M. S. A.

5 – Rua Pedro I – M.S.A.

6 – Onde se acha a Cidade da Criança. – M.S.A.

7 – Início da Rua Pinto Madeira. – M.S.A.

8 – Ficava no canto noroeste da Praça. – M.S.A.

se. Além de me darem o trote, queriam castigar-me pela fuga. Calculei que cercariam a praça agora por todos os lados e não haveria salvação. Remexi bem os miolos à cata duma saída. Achei-a afinal. *Eureka!* A solução era, segundo me parecia e ficou provado, definitiva. Faltavam-me forças para lutar contra os veteranos. Tinha, pois, de recorrer à astúcia.

Eduardo Eurico de Oliveira revelara-me a Biblioteca Pública. Entrava-se, dependurava-se o chapéu num cabide e falava-se com um sujeito baixote, barrigudinho, ranzinza, de nariz arrebitado, com um bigode que parecia uma escova de dentes, verdadeiro bacorinho vestido de gente:

– *Seu* Dantas, um *pedido!*

Ele entregava uma fórmula impressa, na qual se escreviam o título e o autor da obra a ser consultada, o nome e a residência do consulente. Passava-se para vasto salão com uma grande mesa de leitura ao centro, emoldurado de altas estantes envernizadas, cheias de livros, solenes – diria Eça de Queiroz – como doutores num concílio. Sobre as estantes, pequenos bustos de gesso patinados de verde azinhavrado para fingir bronze: Homero, Cícero, Virgílio, Dante, Goethe, Shakespeare, Voltaire, Napoleão e Lamartine. Havia ali sempre meia dúzia de pessoas lendo no maior silêncio.

Quando se precisava satisfazer qualquer necessidade fisiológica, acordava-se o suíno Dantas do seu eterno cochilo, entregava-se-lhe o livro e segredava-se:

– Vou lá dentro.

Ele grunhia, aquiescendo, e indicava, sempre com o mesmo gesto mecanizado, a derradeira porta ao fundo da sala. Dava para o pátio que separava o edifício da Biblioteca do Museu. Do lado esquerdo, as privadas de alunos e professores. Do direito, as dos funcionários e consulentes da Biblioteca.

Pois bem, daquele dia em diante, todas as manhãs eu saía da casa mais cedo, subia a rua Sena Madureira

desde o Palácio do Governo,(9) entrava calmamente na Biblioteca, dependurava o maldito chapéu e pedia um livro. Dez ou quinze minutos depois, ao ouvir a sineta chamando para a aula do outro lado, ciciava ao Dantas as palavras sacramentais, entregava-lhe o volume, abria a porta, esgueirava-me pelo pátio deserto, subia ao varandão e entrava alvissareiro na sala, a tempo de responder em voz alta a chamada feita pelo bedel-arquivista Dagoberto Jugurta Viana:

– Gustavo Adolfo Dodt Barroso!

– Presente!

Os bichos todos voltavam-se diariamente surpreendidos com o milagre. Meu triunfo era até certo ponto o deles todos, pois gozavam o desapontamento dos veteranos. Como eu entrava? Ninguém sabia. Como saía? Também não.

Esperava ficassem o pátio e a alpendrada desertos, para descer às privadas, onde me escondia um pouco, a disfarçar, se havia mouro na costa. Era o pior do plano. Fediam horrivelmente aqueles compartimentos de tabiques verdes riscados a lápis e giz de nomes feios e desenhos obscenos. Em cada um, um cabungo de louça esmaltada, da altura de quarenta centímetros, que os presos da cadeia pública levavam duas vezes por semana, abarrotado de imundície.(10)

Saía, cosendo-me às paredes, empurrava a porta do fundo do salão de leitura da Biblioteca, atravessava-o, dava baixa no meu pedido na mesa do Dantas, tomava o chapéu e ia embora. Sempre sonolento, automatizado naquela vidinha, o Dantas não reparava que eu demorara horas.

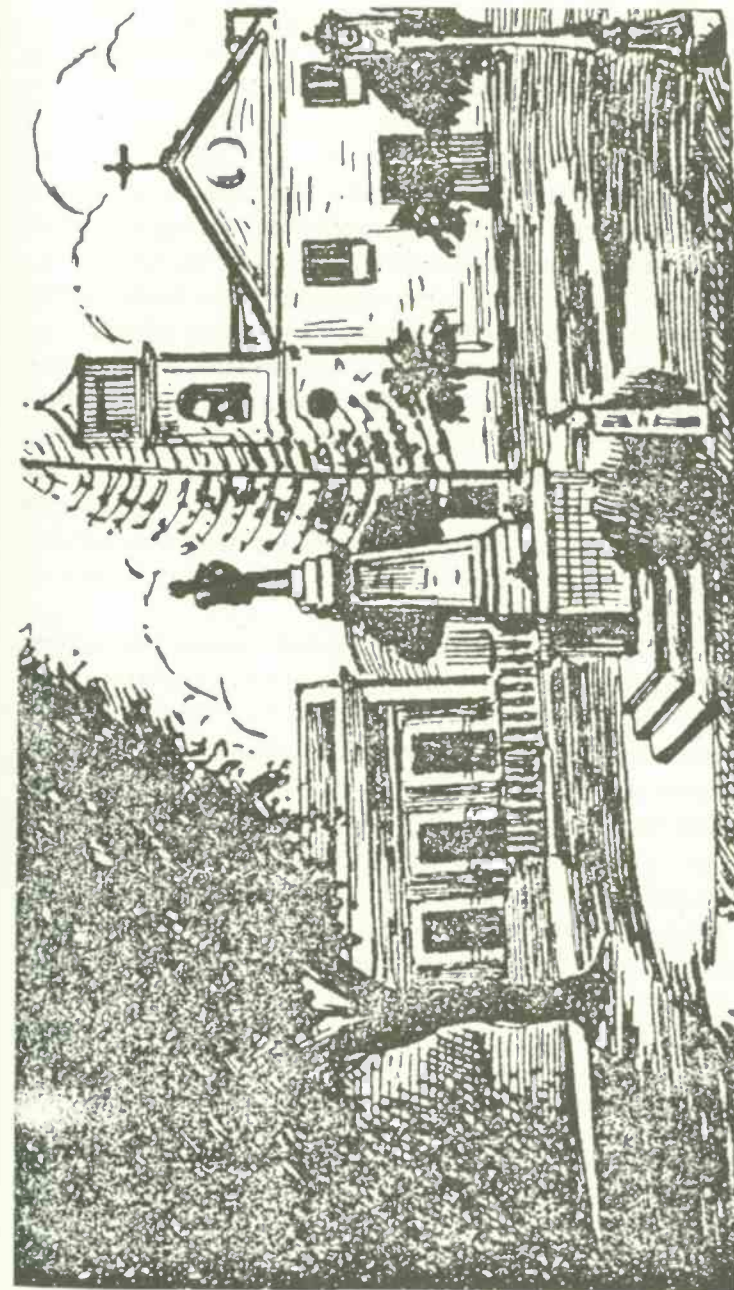
Ao princípio, a meninada preocupou-se muito com o modo por que eu lograva escapar aos trotes; mas, como o

---

9 – Depois cognominado Palácio da Luz, hoje sede da Casa de Raimundo Cela, depois que a Administração Estadual se mudou para a Aldeota. – M.S.A

10 – O serviço de águas e esgoto de Fortaleza somente funcionaria a partir do meado da década de 1920. M.S.A.

povo dos Bandar-Log, os macacos, de que nos fala Kipling, em breve não prestou mais atenção ao caso, passando com a sua versatilidade simiesca a tratar de outras cousas.

Consegui, assim, salvar-me e salvar o amaldiçoado chapéu de minha tia, durante o ano da Graça de 1899, tão chuvoso que poderia ser denominado o Ano da Chuva. Nos dias de hoje, ao ver moços e até velhos ruas acima e abaixo, sem chapéu, ostentando carecas e cabeleiras em obediência à moda, lembro-me sempre dos transes que sofri e dos ardis que tive de pôr em prática, a fim de que não enchessem de estrume o *canotier* feminino que tinha de usar, porque nem homens, nem meninos andavam em público de cabeça descoberta.

Praça General Tibúrcio com sua estátua. Ao fundo, a velha Igreja do Rosário e o Palácio do Governo. Das três janelas que aparecem, a última a contar da esquina era do meu gabinete quando Secretário do Interior. Na meninice, quase diariamente passava entre a Igreja e o Palácio, indo para o Liceu. A Praça, então, não era ajardinada.

SECA DE ÁGUA

Choveu tanto nesse ano que "as sapas ficaram viúvas", naturalmente por terem morrido os sapos afogados, - dizia o povo. Isso não impediu espantosa proliferação de sapinhos. Quando ia passar os domingos, como costumava, em casa de meus primos Floriano e Benvinda, no bairro da Praia,(1) levava horas apanhando-os na rua do Chafariz,(2) à sombra úmida das tamarineiras da chácara do judeu Boris.(3) Pululavam pelo calçamento de frinchas betadas pelo viçoso capim de burro. Enchia com eles caixinhas de fósforos, soltava-os na sala de aula, às segundas-feiras, sem que ninguém visse. Era um divertimento vê-los a pular nas pernas dos meninos. Gritos, risos, pitos dos professores e dos inspetores.

Nunca se vira tanta água. Na Praia, empoçava-se em redor do abandonado e arruinado edifício da Alfândega Velha.(4) Não havia pedra, ponta de tijolo ou galho de planta que dela não surgisse florido de róseas ovas de uruá. Dormia-se ao som da música da saparia contente: - Foi-não-foi! Foi-não-foi!

Os riachos corriam gorgolejando por toda parte. A levada do Lourenço Porto esbeiçara a duna por trás do sítio do Chico da Matilde,(5) aluindo coqueiros, carregando as pinguelas postas pelos pescadores do Porto das Jan-

1 - Residentes, como já foi esclarecido, na esquina sudeste das ruas Almirante Jaceguai e José Avelino. M.S.A.
2 - Atual Rua José Avelino. M.S.A.
3 - Em frente à sede da firma que deu nome à rua. M.S.A.
4 - No seu local foi construído o prédio da Capitania dos Portos. M.S.A.
5 - Situada no decadente bairro da Prainha. Ver, a propósito, trabalho meu na Revista do Instituto do Ceará, ano de 1986. Francisco José do Nascimento, conhecido como Chico da Matilde, era o "Dragão do Mar" da campanha antiescravocrata. - M.S.A.

gadas.(6) Espraiava-se por baixo do galpão da Guardamoria, fervilhando de gargarus que eu ia pescar de landuá para comer fritos com farófia ao cair da noite. O córrego da Teresinha rompera o empedrado da sarjeta em frente à casa do Zuzinha e saía em caudal, turvo e ondeado, da boca do túnel que o despejava no maceió da Alfândega Nova,(7) quando outrora era ali tão manso e vagaroso que se namorava na translucidez de suas águas à sombra ligeira dos pitus, moradores nas locas da abóbada de alvenaria. O Pajeú descera em catadupas do seu reservatório,(8) acrescido pelo sangradouro do Parque da Liberdade,(9) alagara os capinzais do beco do Pocinho,(10) devastara os quintais da rua Sena Madureira, destruíra as hortas do Palácio do Bispo,(11) inundara os sítios do Pirralho, do Mississipi, do Tomé, e fora encher pela borda o velho lago do Passeio Público.(12)

No açudeco do Padre,(13) a água lavava a parede. O açude do João Lopes(14) arrombara, unindo-se por um veio de água ao riacho do Urubu e a lagoa do Tauape enchera de tal modo que os ribeiros que a alimentavam encharcaram toda a estrada de Arronches(15) entre o Benfica e as Damas. O caminho do sítio de meu pai, na Baixa-Preta,(16) estava empapado, apesar de arenoso. Nas arneiras e sulcos das carroças, cheios pelas chuvas contínuas, moviam-se girinos e peixinhos.

6 - Depois Praia de Iracema. M.S.A.
7 - Depois de servir à Alfândega e à Receita Federal, esse velho prédio abriga hoje uma das agências da Caixa Econômica. M.S.A.
8 - Hoje desaparecido, situava-se no início da Rua Pinto Madeira, lado de números pares. - M.S.A.
9 - Onde se acha a Cidade da Criança. M.S.A.
10 - Hoje Rua do Pocinho, embora muita gente julgue tratar-se da continuação, para leste, da Rua Pedro Borges. M.S.A.
11 - Hoje Paço Municipal. M.S.A.
12 - Hoje desaparecido. Ficava no chamado terceiro plano. M.S.A.
13 - Próximo à Praça São Sebastião. M.S.A.
14 - Por trás do bairro do Alagadiço, hoje São Gerardo. M.S. A.
15 - Parangaba. M.S.A.
16 - No bairro do Benfica. M.S.A.

Tudo verde. Tudo viçoso. Passarinhos aos bandos, cantando. Nas praças descuradas pela edilidade, o matapasto à altura dum homem, entremeado de fedegoso e manjerioba. O major Pedro de Araújo Sampaio, delegado de policia, mandava-o arrancar pelos vagabundos, ladrões, bêbados e rameiras que as rondas caçavam à noite no morro do Moinho,(17) nas Areias, no Outeiro(18) e na rua da Misericórdia,(1 9) todos de cabeça raspada a máquina. Aquela vegetação - dizia ele - somente servia para esconder traquinadas de meninos e sem-vergonhices de gente grande...

-Seca de água!

O delegado Sampaio esteve tantos anos seguidos no cargo que o povo o acabou confundindo com seu nome de família. Morreu nele e creio que o exercia desde sua volta da guerra do Paraguai. Ninguém dizia - Fulano foi nomeado delegado de tal parte, mas - Fulano foi *nomeado* sampaio. Perguntava-se com a maior naturalidade: - Quem é o *sampaio* de Baturité? Quem é o *sampaio* de Quixadá?

17 - Entre a estação da estrada de ferro e o mar. M.S.A.

18 - Bairro antigo, entre a Avenida Dom Manoel e a Praça do Colégio Militar. - M.S.A.

19 - Atual Rua João Moreira. M.S.A.

EXAMES

Planos para fugir aos trotes e brincadeiras não me impediram, no entanto, de estudar e fazer boa figura, como no colégio. O primeiro aluno do nosso ano era, sem dúvida Eduardo Eurico de Oliveira. Quanto ao segundo, dividia-se a opinião: Ábner de Vasconcelos ou eu. Em terceiro, vinham Paulo Martins e Plínio Santiago. Antônio Pompeu começava a vadiar. Dissolvia-se aos poucos o primitivo grupo do Colégio Partênon.

Outros meninos de outras procedências cercavam-me e andavam comigo. Entre eles, Luisinho Cunha Barros, Alísio Rocha Souza, João de Carvalho Rocha, Homero Ribeiro, Raimundo e Jerônimo Vilela, Alberto e Neto Elói, Alfredo e Eduardo Vieira Perdigão, Raul Domingues Uchoa, filho do Dr. Samuel Uchoa, íntegro magistrado, juiz federal, que o jornal aciolino combatia, apelidando-o: *Madame Samu.*

Nos exames, ao fim do ano, fui aprovado com distinção em português e geografia, plenamente nas outras matérias, interrogado pelo diretor do Liceu, professor Agapito Jorge dos Santos, pelo enfezado engenheiro Francisco Marcondes, pelo Dr. Antônio Teodorico e por Monsenhor Xisto Albano,(1) que usava uma barba negra com licença especial da Santa Sé. Além dos professores das cadeiras, compunham esses as bancas examinadoras. Meia hora de argüição cada um.

1 - Capelão da igreja do Coração de Jesus, construída por seu pai, o Barão de Aratanha. Foi, tempos depois, Arcebispo do Maranhão. M.S.A.

O PUTRIÃO E A RAPOSA

Passei as férias no sítio da Jurucutuoca, em pleno tabuleiro do extinto município da Mecejana, o lugar que mais amei em toda a minha vida. Ali cometi nesse ano um crime, cujo remorso me tem sempre acompanhado.

Depois de passar uma tarde inteira pelos alagadiços do sítio, entre o riacho do Safé, corruptela local do nome austríaco de meu tio-avô Seifert e a lagoa da Precabura, caçando sem acertar um tiro não sei por que caiporismo, regressei aborrecido. O sol deitava-se. Ia chegar em casa sem trazer ao menos uma rolinha morta. Minha prima Rosinha, que era paralítica e passava o tempo sentada perto de uma janela, contando os tiros que ouvia na redondeza para se distrair, certamente me daria uma vaia.

Caminhei até a pequena lagoa do Presepeiro, que devia seu nome a ter ali morado outrora um fazedor de presepes. À beira da água, penetrou ligeiro numa moita um vulto de ave. Aproximei-me cautelosamente e espiei. Vi entre os ramos folhudos uma rola caboclinha deitada sobre seu pequenino ninho. Ao menos esta – pensei – vou levar para minha prima Rosinha não fazer troça. Apontei covardemente a espingarda que meu primo Joãozinho me emprestava e puxei o gatilho. A ave imobilizou-se morta sobre os ovinhos espatifados. Veio-me logo profunda tristeza por ter praticado aquela maldade inútil. Longos anos depois, quando li o poema do Albatroz, de Samuel Taylor Coleridge, compreendi que como o marinheiro maldito, pendurara para sempre ao pescoço o minúsculo cadáver emplumado.

Felizmente, nunca fui bom caçador. Durante os anos em que vivi pelos matos do Ceará, a caça era o que menos me seduzia. Não me sentia com ânimo de atirar nos pássa-

ros canoros e de cores vivas. Preferia admirá-los. Entre mim e certos animais estabelecia-se como que uma simpatia tácita e espontânea, corrente misteriosa que até hoje não sei explicar.

Naquela mesma lagoa do Presepeiro, observei durante dias seguidos que, ao cair da noite, um grande pato selvagem, um putrião, ave bastante rara, alçava o pesado vôo, ao crepúsculo, em procura do longínquo pouso onde dormia. Relíquia duma raça perseguida, arisco e só, perdia-se ao longe no céu que escurecia arroxeado. Esse pensamento, um tanto informe, naquele tempo, em minha alma infantil, paralisava-me o braço. Nunca apontei a arma ao putrião solitário. Acompanhava-lhe o vôo, enquanto podia, imaginando onde iria esconder-se nas trevas da noite silenciosa. Muitas vezes, rastejando pelos ervanços, avancei até a margem da pequenina lagoa perdida nos desertos tabuleiros. À minha frente, via o grande pato nadando por entre as vegetações aquáticas, mariscando e mergulhando. Erguia de quando a quando a cabeça, desconfiado. Seus olhos orlados de amarelo perscrutavam os arredores. Submergia-se rápido. Reaparecia mais longe. Retirava-me ao ir ele embora, sulcando o espaço com o pesado vôo. Murmurava baixinho:

– Até amanhã!

Uma tarde, não fui ao Presepeiro. Meu primo Joãozinho fora caçar para aquele lado. Ouvi um único tiro ao cair da noite. Meu coração se anuviou. Quando ele chegou em casa, foi logo dizendo alvissareiro:

– Afinal matei o diabo do putrião do Presepeiro!

E tirou da bolsa de couro de maracajá o pobre bicho inteiriçado. Fiquei com os olhos cheios de água. Nunca mais veria aquele vôo misterioso que cortava diariamente o céu na hora crepuscular.

Ao dia seguinte, quando o serviram ao almoço, recusei comê-lo, apesar da insistência de todos, de mau modo:

– Não gosto de pato!

Fato mais extraordinário aconteceu-me anos depois, na fazenda Água-Boa, na ribeira do Ceará.(1) Após o jantar, tomava sempre um clavinote antigo carregado com chumbo grosso e ia prosar com o velho Jurema, caboclo caçador e mandingueiro, no seu casebre, a dois quilômetros de distância da casa-grande. Levava aquela pesada arma, porque voltava à noite e podia encontrar um bicho de porte. O caminho saía do canto dos currais da fazenda, dava umas voltas pela caatinga e desembocava numa varjota atapetada de panasco e junco, onde se erguiam os cocares gementes de meia dúzia de carnaubeiras. Adiante, na lombada dum teso, uma tapera. Descia-se do outro lado para um córrego, além do qual ficava a morada do velho Jurema.

Servia-se o jantar às quatro horas. Eu levava uns vinte minutos até ali. Quando o sol se punha, vinha embora. Ao subir do córrego para a lombada, um cachorro do mato, que o sertanejo chama raposa, saía da tapera e começava a choutear na minha frente, à distância duns trinta metros, tão naturalmente como se não houvesse ninguém. Eu diminuía o passo. Diminuía-o também e voltava às vezes a cabeça. Atravessava a varjota. Sumia-se na orla da caatinga. Todos os dias. Nunca pensei em disparar a arma. Tinha a impressão de que era um bom gênio. Isso lembra-me hoje os animais folclóricos que os homens outrora entendiam e entendiam também os homens, como se vê admiravelmente nos Livros da Jângala e no folclore da Ásia Menor.

1 – O nome Ceará sempre se prestou para identificar muita coisa. No texto em questão Gustavo Barroso referiu-se ao rio Ceará, que tem um percurso de mais ou menos cinqüenta quilômetros e desemboca em Fortaleza, exatamente ao lado da povoação de Pero Coelho de Sousa e Martim Soares Moreno. – M.S.A.

O FIM DO "CANOTIER"

Nos últimos dias do ano, vi-me felizmente livre do maldito *canotier*.

Por trás do meu antigo colégio,(1) entre as ruas do Trilho de Ferro, hoje Tristão Gonçalves, e do Imperador, estendia-se uma praça então abandonada que o povo denominava da Lagoinha e a edilidade rotulara como coronel Teodorico.(2) Dominava-a a Caixa d'Água da Estrada de Ferro de Baturité, pintada de vermelhão e encimada por grande moinho de vento, que acionava as bombas do cacimbão próximo.

Muito antigo, o nome Lagoinha lhe fora dado por haver ali de fato pequena lagoa, onde os escravos da cidade incipiente iam buscar água. Com o aumento da população, construíram-se prédios em volta e fizeram-se aterros que reduziram seu espaço. Os maus invernos secaram-na. Cavou-se uma cacimba forrada de aduelas de madeira em 1850. Sua água era fornecida às casas em carroças e barris pelo negociante Abel da Costa Pinheiro. Depois de 1860, tendo-se organizado a Companhia de Água do Benfica, que nesse bairro elevou seus grandes reservatórios em colunas de ferro, estabelecendo encanamentos por toda parte, chafarizes sistema Wallace nas praças, e venda do precioso líquido em barrilões sobre rodas, a cacimba foi abandonada até que a Estrada de Ferro a reconstruiu em alvenaria e aproveitou para seu uso. Depois da falência da Companhia do Benfica, a água foi vendida por

1 – Situava-se no prédio da esquina sudoeste das ruas 24 de maio e Guilherme Rocha. – M.S.A.

2 – Hoje denomina-se, oficialmente, Capistrano de Abreu. Em seu centro foi colocada uma bela estátua do grande historiador brasileiro. – M.S.A.

particulares que a distribuíam em ancorotes no lombo dos tradicionais jumentinhos de Fortaleza.(3)

Em 1899, com *seca de água*, a Lagoinha tornou a encher. Voltando duma visita à casa do velho Xavier de Castro, o Carapuça, antigo escrevente do cartório de órfãos de meu pai, no bairro do Mororó, com minha tia Isabel, ao passarmos de bonde por ali, uma lufada súbita arrancou-me o malfadado chapéu de palhinha e lançou-o ao meio da lagoa. Boiou alguns instantes sobre a face crespa da água e submergiu-se quando o bonde parou e um moleque se prontificava a ir buscá-lo por um tostão. Testemunha de minha inocência, minha tia viu que não valia a pena trazê-lo. Embora estuando de alegria, fiz-me triste e balbuciei:

– Que pena! Estava ainda quase novo...

Ela respondeu-me:

– Naninha vai ficar furiosa, mas você não teve culpa. Seu pai tem que lhe dar outro.

Estremeci. Que outro chapéu seria? Do *Canotier* estava para sempre livre e dou minha palavra de honra que a consciência não me acusa de haver em nada ajudado a ventania. Agora, poderiam gritar na rua o meu apelido: – Girafa! Mas ninguém soltaria mais o grito que me enregelava a alma:

– Girafa do chapéu de mulher!

Fora o meu melhor dia no ano de 1899. Que ele seja bendito e lembrado pelos séculos dos séculos! Amém!

---

3 – Esse sistema vigorou até o meado da década de 1920, quando a cidade passou a consumir água através de encanamento, vindo do açude Acarape do Meio. Mas perdurou nos bairros sem encanamento. – M.S.A.

1900

O JUDEU MALTÊS

Neste ano casou minha prima Isa, que de todas as minhas primas era e é a minha melhor amiga. Foi residir à rua Formosa,(1) logo no primeiro quarteirão, duas casas aquém(2) daquela onde nasci. Se me não engano, o casamento realizou-se em fevereiro. A festa ficou bem gravada na minha memória, porque pela primeira vez bebi cerveja. A negra Francisca, contratada para servir de copeira ao novo casal, deu-me um copo. Achei amarga e torci a cara. Insistiu, dizendo que era muito bom, e tomei segundo. Depois do terceiro, dirigi-me à sala de visitas, onde os recém-casados recebiam cumprimentos e pretendi fazer um discurso... Cassaram-me violentamente a palavra e retiraram-me à força. A negra Francisca levou um pito e eu outro. Vomitei, dormi como uma pedra e acordei com dor de cabeça.

Esta, a mais viva lembrança que conservo do casamento. Acompanha-a outra, um tanto mais apagada: a de vaporosa figura feminina, que me deixou impressionadíssimo com seu decote, seus véus cor-de-rosa e suas jóias cintilantes, a Naomi, filha do judeu maltês J. Clemente Lévy, exportador de gêneros do país, em cuja casa comercial o noivo era empregado. Naquele tempo, naturalmente ainda não podia saber o que era em verdade um judeu. Considerava os judeus como quaisquer outros estrangeiros sem maior distinção. Ignorava completamente na insciência de meus onze anos seu papel de lagartas rosadas da sociedade cristã, com algumas exceções, sem

---

1 – Atualmente Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

2 – O Autor se posicionou olhando para o norte. Na realidade, a casa de sua prima ficava além daquela em que ele nascera, com numeração mais alta, sabido que esta tem início na orla marítima. – M.S.A.

dúvidas, de perigosos parasitas secretamente organizados e de fermentos ruinosos para a saúde material e moral dos povos.(3)

Conheci um bando deles em Fortaleza. Os mais antigos haviam vindo em meados do século XIX trocar pelo sertão inocente belas e frágeis jóias folheadas de ouro e recheadas de breu pelos anéis, argolões, correntes, medalhas, olhos de Santa Luzia, figas e santinhos grosseiros, mas sólidos e de ouro de lei dos nossos antepassados. Com essas e outras peloticas piores, fizeram rapidamente fortuna. Lembro-me bem do Jaques Weil, relojoeiro num sobradinho da rua Major Facundo, que levava relógios de ouro a consertar na Europa, era sempre vitima de roubos ao atravessar a Espanha, indenizando-os entre lamentos por uma luta e meia; dos dois Gradwohl, Jaques e Gerson, baixotes e gorduchos, que visitavam minha família e, depois de velhos, se retiraram para a França; dos irmãos Boris, que negociavam à esquina do meu quarteirão(4) e mais tarde se mudaram para a Praia, onde ergueram uma torre oitavada ao lado do seu armazém, com um mastro de sinais e um óculo de longo alcance.(5) Dizia o povo que se destinava a facilitar-lhes os contrabandos.

Conheci três Boris: Isaías, chefe da casa, sempre com um barretinho preto de rabino; Adriano, com fama de caridoso, cujo retrato o jornal do Governo publicava todos os anos, em março, no aniversário de sua morte, com saudosos elogios; e Aquiles, que passeava pela cidade num cavalo ruço mais magro e preguiçoso do que o Rocinante do herói manchego. Quis falar em mais dois: Jorge e Rafael.

3 – O autor escreveu estas memórias entre 1938-1940, ainda ressabiado com a perseguição ao integralismo, movimento a que emprestou o seu talento. E o judaísmo era uma das suas preocupações. Mas judeus eram Cristo, Maria e os Apóstolos, que somente bem fizeram à humanidade. – M.S.A.

4 – Prédio que hoje tem o nº 126 da Rua Maior Facundo. – M.S.A.

5 – Esquina sudoeste das Rua Boris com a Avenida Pessoa Anta. Ainda hoje lá se encontra instalada a Casa Boris. – M.S.A.

A Casa Boris Frères, que longos anos dominou economicamente e até certo ponto politicamente o Ceará, disputava à velha Casa Inglesa, não judaica, de Holderness & Salgado, o monopólio da carga e descarga de mercadorias no porto. Cada qual possuía para esse fim uma flotilha de lanchas ou alvarengas. As dos Boris, pintadas de azul, ostentando nomes "alsacianos: "Sarreguemines", "Sarrebruck", "Sarreloius", Mulhouse", "Altenkirchen", "Strassburg". As outras todas vermelhas; tinham apelidos cearenses: "Icó", "Crato", "Meruoca", "Maranguape", "Aratanha".

Recordo-me ainda de outros judeus, uns de rabo e outros perdendo o rabo. O barrigudíssimo Klein ligando-se a antiga e tradicional família do Aracati e dando origem aos Figueiredo-Klein. Um Cahen legítimo, o Cahn, de quem sairiam os Cahn-Coqueiro. O magrelo Afonso Lévy – tipo judeu-aranha –, casando em Fortaleza com a eximia doceira D. Sinhá Alencar e criando os Alencar-Levy. O Neftali Levi, que aportuguesava o nome em Natalino. O Benoit Levy, da casa Benoit Levy & Dreyfuss, tornou-se cearense com o tempo, dissolvido no meio e no clima. O Isidoro Brun, sócio do velho cozinheiro francês Dragaud no Hotel de France,(6) cujos filhos, já cearenses, Boulanger e Gambetta Bruno,(7) foram meus companheiros nos bancos escolares. O Edmundo Levi, joalheiro, baixotinho e barrigudinho, verdadeiro porco baé, que morreu maluco, subindo pelas paredes, vítima duma das taras da raça. Os Reischoffer, que falavam como araras e andavam de pés espalhados: Carlos pequenino e narigudo; o Júlio mais alto e quase sem nariz. Alcunharam-no Júlio Ventinha. Sua esposa, D. Branca, judia de Paris, deslumbrava a cidade pela sua elegância e pela sua beleza. Ele era horrendamente feio. Um poeta cantou o contraste sem pôr os pontos nos ii, em pequena poesia: "O sapo e a estrela".

6 – Esquina sudoeste das Ruas Maior Facundo e João Moreira. – M.S.A.

7 – Pai do futuro Pe. Arquimedes Bruno: que, de tanto se envolver com problemas sociais, se tornou político militante e acabou afastando-se da Igreja, como não é raro acontecer.

J. Clemente Lévy arribara ao Ceará, vindo de Pernambuco e Alagoas. Fingia-se inglês e importante. Isolava-se no sobradão que alugara, à rua Major Facundo, ao negociante português falido José Gomes Barbosa. Num sítio que possuía na Aldeota, ao fim da linha de bondes,(8) tinha sempre muitos cavalos de sela. Andava diariamente neles, com o filho Clemente, dono de respeitabilíssima bicanca, o sobrinho Amadeu e a filha Naomi. Arreios ingleses. Botas de canos lustrosos *Steeks*. Animais bem tratados, de crinas aparadas, rabos cotós, patas encamisadas em couro e trote inglês. A gente miúda fazia pouco caso desses trotões e os denominava *cavalos de mitaines*. Eu admirava a tribo, não por causa dela em si, mas por causa de seus cavalos.

Desde a mais tenra idade, tinha verdadeira loucura por animais de montaria. Ricardo, o marido de minha prima,(9) também gostava de equitação. De vez em quando, arranjava uns com o velho Tomé, que os alugava em seu sítio da Praia, para irmos passear até a ponta do Mucuripe ou até as matas do Cocó. Certa feita, quando J. Clemente Lévy foi à Europa ou ao Recife, não me recordo com certeza, tratar de seus negócios, meus primos ficaram tomando conta do sítio da Aldeota. Fartei-me, então, de andar nos *cavalos de mitaines* do judeu maltês.

Bom, generoso e muito meu amigo, meu primo Ricardo, natural de Trieste, instruído e viajado, foi meu iniciador em muitas cousas da vida. Graças a ele, tive contato bem cedo com o mundo inteiro, através dos jornais e revistas ilustrados ou não que assinava: a "Illustration Française", as "Lectures pour tous", o "Graphic" de Londres, o "Fliegend Blatter" de Viena, o "Meggendorf Blatter" de Munich e o "Piccolo della Sera" de sua terra natal. Ajudava-me a traduzir os trechos dos "Morceaux Choisis" de Chateaubriand, concatenados por René Nollet, que o professor de francês, então Monsenhor Xisto Albano, me passava nas aulas do Liceu. A meninice do autor de "Atala" nas praias de Saint-Malô enchia-me de encanto e imaginação. Às vezes, guiava-me nas lições de inglês, do "Inglês sem mestre" de Bensabat e da famosa "Estrada Suave", em que me defrontava com Shakespeare, Byron, Milton e Longfellow.

8 – A Aldeota, naquele tempo, terminava mais ou menos na quadra em que se instalaria o Colégio São João (entre as ruas Antônio Augusto e Ildefonso Albano) – M.S.A.

9 – Vieram a ser pais de Waldir Liebman, meu contemporâneo no Liceu do Ceará. – M.S.A.

Na esquina do meu quarteirão com a rua das Flores,(10) onde fora outrora a Casa Boris Frères e, depois, o armazém de fazendas do Dr. Cosme, o italiano Emílio Barroccio, irritadiço e gesticulante, que já montara uma confeitaria na praça do Ferreira, morta por falta de freguesia, inaugurara o Hotel International. Meu primo Ricardo, mais italiano do que austríaco, encomendava-lhe macarronadas, nhoques, raviólis e risotos, aos domingos, a que me fui afeiçoando. Revelou-me ainda, em ceiatas, após os banhos de mar nas noites de lua, a culinária alemã através das conservas estrasburguesas de Myrtil Weil: chucrutes, salchichas de Brunswick, de Viena e de Francfort.

J. Clemente Lévy fora, em outros tempos, sócio daquele homem extraordinário que se chamou Delmiro Gouveia, fundador da Fábrica da Pedra, na Cachoeira de Paulo Afonso, que varreu toda a linha inglesa dos mercados brasileiros e pode-se dizê-lo – dos sul-americanos, perecendo de maneira um tanto misteriosa, como se tivesse sido vítima de manejos de interesses ocultos. Dissolveram a sociedade e tornaram-se inimigos. Delmiro acusava o judeu de ter querido passar-lhe a perna. Odiavam-se. Lévy viera para o Ceará fugindo de Delmiro, que temia. Quando este uma vez apareceu em Fortaleza a negócios, hospedando-se no Hotel Barróccio, recentemente fundado à esquina das ruas das Flores e Major Facundo, o judeu de Malta, o filho e o sobrinho trancaram-se em casa, sem coragem de pôr sequer o nariz à janela.

10 – Esquina sudoeste das ruas Castro e Silva (antiga das Flores) e Major Facundo. – M.S.A.

O DUDU

A casa de meus primos naquele trecho da rua Formosa(1), vizinho ao Passeio Público e perto da rampa do gasômetro, a dois passos do mar(2), foi o melhor dos pretextos para que eu tomasse mais contato do que tivera antes com a praia. Mal acabava de engolir o jantar, ia logo dizendo a minha avó e minhas tias:

– Vou à casa da Isa. Querem alguma cousa?

Tolerantíssima comigo, a Isa encobria minhas vadiagens. Entrava em sua casa como um relâmpago, tirava os sapatos, apanhava meia dúzia de cigarros ou um charutinho Vitória do meu primo sobre uma cômoda e, descalço, descia como uma bala a rampa do Gasômetro. Lá embaixo era o Paraíso Terreal. Entre o gradil enferrujado do último plano do Passeio Público e o sítio do Mississipi, que fazia esquina com o antigo beco do Maceió, havia uma casa alta, pintada de amarelo, onde morava o velho Remígio Joaquim da Silva, prático do porto(3). Não tinha filhos e sua mulher criava um menino alvo e pálido, de nome Manuel Saldanha, alcunhado Dudu, que aprendera a ler e escrever na escola de minha tia Iaiá. Dali datava a nossa camaradagem. Na sua casa, onde eu ia todas as tardes, juntava-se um bando de meninos encapetados: João e Xavier Mississipi, João, José e Luís Pereira, o Vieirinha e um caboclo dentuça que atendia pela alcunha de Jacaré. Andávamos sempre de conserva. Um por todos, todos por um. Fazíamos exercícios de barra e trapézio no quintal do

1 – Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

2 – Quarteirão anterior ao da Santa Casa, entre a rua Senador Jaguaribe e a atual Avenida Leste-Oeste, como o povo a chama, ou Marechal Castelo Branco, seu nome oficial. – M.S.A.

3 – Tudo isto desapareceu, primeiramente por desleixo da edilidade e, depois, com a abertura da Avenida Leste-Oeste.

Dudu para imitar os Aprendizes Marinheiros, cuja escola ficava próxima(4). Nadávamos no riacho Pajeú(5) ou nos maceiós com a maré cheia. Remávamos nas bateiras e construíamos jangadinhas em que navegávamos. Arranjávamos corridas, com apostas, de pequeninos barcos a vela. Atravessávamos a ponte do Maceió grande, que era em declive, deslizando nos pesados trolleys da Casa Inglesa. Trepados no paneiro da lancha "Crato", encalhada num lameiro, fingíamos combates navais com abordagens de piratas.

Nesse tempo, eu me desenvolvia num crescimento espantoso e tinha uma fome terrível. Não havia comida que chegasse. Jantava em minha casa às quatro horas, pela segunda vez em casa do Dudu às quatro e meia ou cinco, pela terceira em casa de minha prima Isa às sete. Minha amizade com o Dudu atravessou intacta muitos anos e terminou do modo mais triste possível.

Deixei-o rapaz no Ceará, quando vim para o Rio de Janeiro. Ao voltar, em 1914, como Secretário do Interior, encontrei-o casado e pai de filhos. Era funcionário da Saúde do Porto. Ajudei-o a melhorar de condição. Ia mais ou menos bem na vida. Em 1919, pouco depois de meu regresso da Europa e dos Estados Unidos, onde servia com o Presidente Epitácio Pessoa, ele procurou-me na minha residência em Santa Teresa. Manhã de chuva constante e miudinha. Trabalhava em meu gabinete, quando o criado me veio dizer:

– Sr. Dr. está aí um sujeito que diz ter sido seu colega, mas acho que é maluco.

– Maluco por quê?

– Só o sr. vendo como está sujo e rasgado!

Saí do terraço e deparei o Dudu em tão lastimoso estado que meus olhos se encheram de água. Sem chapéu. Barba de muitos dias. Descalço e imundo. As calças

4 – No local do posteriormente construído prédio da Secretaria Estadual da Fazenda, no início da Avenida Alberto Nepomuceno.

5 – Em sua embocadura. – M.S.A.

rasgadas. O torso emagrecido mal coberto por uma camisa de meia esburacada.

– Que foi isso, rapaz?

Contou-me entre lágrimas que perdera o emprego no Ceará por perseguição política e viera em busca de meios de vida no Rio de Janeiro. Não achara trabalho e pouco a pouco descera até aquele estado. Vivia no Cais do Porto num armazém em ruínas. Passava dias sem comer. Pedia esmolas. Sabendo por um patrício que eu havia chegado de viagem, viera pedir-me auxílio.

Senti o coração apertado. Lembrei-me da farta mesa de seu pai adotivo, do carinho com que o velho Remígio me tratava por ser seu amigo de infância, das saborosas peixadas que comíamos juntos e de nossas brincadeiras pela praia. Mandei o criado dar-lhe um banho e fazer-lhe a barba. Vesti-o da cabeça aos pés. Fi-lo almoçar, dei-lhe algum dinheiro e uma recomendação para um amigo do comércio que incontinenti o empregou.

Dias mais tarde, recebi uma carta de meu pai, de Fortaleza, prevenindo-me que, se o Dudu me procurasse, tomasse a maior cautela. O rapaz dera para jogar, cometera várias falcatruas no emprego, abandonara miseravelmente a família e fugira para o Rio de Janeiro perseguido pela polícia. Passei um tanto intranqüilo pala casa comercial do amigo a quem o recomendara. Este me disse que o Dudu furtara-lhe várias cousas e desaparecera. Não dera queixa à policia em consideração a ter sido recomendado pôr mim.

Uns dois anos depois, indo certa manhã tomar na Central um trem de subúrbio, o Dudu passou por mim e não me viu. Ia descalço, roto e sujo como quando me procurara em Santa Teresa. Pensei no provérbio francês, muitas e muitas vezes verdadeiro: *Le misérable mérite sa misère*. Deixei que ele mergulhasse na multidão sem coragem de fazer um gesto, embora cheio de tristeza. Nunca mais soube a menor notícia dele. Qual teria sido seu desgraçado fim? Pobre Dudu!

A SECA DOS DOIS ZEROS

Voltemos ao ano de 1900, no Ceará. Os jornais preocupavam-se com os menores sintomas anunciadores de chuvas. Um deles chegava a registrar os halos solares e lunares, que *revelavam a existência de vapor d'água na atmosfera*. O inverno, apesar dos halos, foi escassíssimo. O do ano anterior, superabundante, inundara e prejudicara as safras. A falta de água encontrou, portanto, o matuto sem recursos para resistir-lhe. De novo os retirantes encheram os caminhos do sertão. De novo os cajueiros dos arredores da capital cearense se embandeiraram com as encardidas redes dos pobres sertanejos expulsos de seus lares.

Curiosa essa denominação popular de *Seca dos Dois Zeros* no ano de 1900. É um vezo cearense o de dar às secas designações referentes ao número do ano em que ocorrem. A de 1877 foi a dos Dois Setes. A de 1888, a dos Três Oitos. A de 1915 seria simplesmente O Quinze.

PEDAÇOS DA INFÂNCIA

Cursei em 1900 o segundo ano do Liceu. Não levei mais trotes. Dei-os nos outros, porém menos do que haviam dado em mim. Tive uma briga com o Neto Elói e dei-lhe uma canivetada no braço. Arrependi-me muito disso, tempos depois, porque ele adoeceu e morreu, não em conseqüência da canivetada que mal o arranhara, mas de mal antigo, talvez congênito. Tinha remorsos de haver brigado com um colega destinado a morte tão prematura. Sentia muito nesse tempo a morte dos que eram ceifados em plena juventude. Outro companheiro que também, anos depois, se finou sendo aluno do Liceu foi Roderico Rocha, criatura boníssima, meu grande amigo, que me deixou o coração transbordante de saudades. Eram como pedaços de minha infância que iam embora com os colegas que morriam.

OS BUSCAPÉS

Nas proximidades da festa de São João, logrei tirar uma vingança esplêndida de dois veteranos do Liceu que demasiadamente haviam judiado comigo, quando passei pelos trotes tradicionais. Alunos do quinto ano, tinham pretensões a elegantes e publicavam sonetos nos jornais literários. Andavam aos domingos de fraque e chapéu coco. Chamavam-se Gilberto Lopes e Luís de Paula Lima. O primeiro, filho do conceituado e rico negociante Jesuíno Lopes de Maria, tradicionalmente estabelecido à praça do Ferreira, tinha um irmão, o Juvenil, hoje distinto médico da Armada, meu colega de ano. O outro, narigudo e metido a sebo, creio que se formou em medicina.

Descobri que ambos namoravam as duas filhas mais moças do sr. Telésforo de Abreu, residente num sobradinho da rua da Alfândega(1). Todas as tardes, por volta das cinco horas, desciam do bonde e passavam duas ou três vezes pelo quarteirão, tirando o chapéu às meninas que os bispavam da sacada. Encomendei duas dúzias de buscapés sem estouro, carregados de limalha de ferro, ao famoso fogueteiro Padre-Nosso, distribuí-os com a malta de moleques que brincavam comigo no bairro da Praia(2) e esperei a passagem dos dois à esquina do prédio da antiga Recebedoria do Estado(3).

A rua àquela hora ficava triste e erma. Começava numa praça ensombrada de mongubeiras e tamarineiras, e acabava na rua do Boris, um pouco adiante. Dum lado,

1 - No bairro da Prainha, nas proximidades da casa Boris. - M. S. A.

2 - Refere-se o Autor à Prainha, pois na Praia de Iracema só moravam pescadores, chamando-se, por isso, do Peixe. - M.S.A.

3 - Na atual Avenida Alberto Nepomuceno, local do Fórum Clóvis Beviláqua. - M.S.A.

a fábrica de bebidas do dr. Pedro de Queirós, duas casas baixas de moradia, o sobrado do sr. Telésforo, alguns sujos armazéns de guardar couros salgados, a residência do velho Marcos Apolônio e a venda do português Cruz. Do outro, após o corpo da guarda da Recebedoria, um renque de cercas arruinadas duma horta, ladeada de bananeirais.

Quando os rapazes cumprimentaram as Dulcinéias, a molecada, capitaneada por mim, rompeu numa vaia feroz:

– Vassouras!

– Vagabundos!

– Fraques do Judas!

– Chapéu de penico!

– Gravatas de pano da Santa Casa!

– Deixem as moças, *seus bestas!*

– Namorados sem ventura!

Gritaria infernal. As mocinhas recolheram-se horrorizadas, fechando as vidraças. Os dois voltaram-se enraivecidos e vieram contra nós, brandindo ameaçadoramente as bengalas. Deixamo-los se aproximarem e, quando chegaram bem perto, ordenei, pulando como um demônio:

– Negrada, buscapés neles!

Todos levamos os cigarros e os charutinhos de vintém ás escorvas já preparadas e lhes chamuscamos as roupas e as faces. Era-lhes impossível resistir à chuva de limalha ardente daquela estativa de foguetes. Recuaram e correram de fraques ao vento. Perseguimo-los com um berreiro terrível. Os moradores da vizinhança surgiram às portas, indignados. As mulheres protestavam. As crianças corriam, chorando. Os homens armavam-se de cacetes e cabos de vassoura. E nós varríamos a rua com os buscapés que esfuziavam em nossas mãos e, soltos, corriam espadanando fagulhas em todas as direções. Uns entravam até pelas casas. Houve gente queimada. No outro dia, os jornais reclamavam providências à polícia.

Alguns soldados da guarda da Recebedoria saíram em nosso encalço. Os moradores cobraram ânimo com o reforço e juntaram-se a eles. Todos gritavam:

– Pega essa cambada! Pega!

Com a retirada para a praça cortada, procuramos fugir pela rua Boris, onde os vaiados tinham achado refúgio na venda do Cruz. Mas dela saíram o bodegueiro e dois ou três estivadores com achas de lenha, barrando-nos a passagem. Nossas munições estavam quase esgotadas. Então, varamos a velha cerca e nos ocultamos nas bastas touceiras do bananeiral.

O cachorro do bodegueiro deu com o nosso esconderijo e sua mulher, forte campônia de Trás-os-Montes, começou a gritar, agitando um varapau:

– Chega, gente! Chega! Cá estão eles nas bananeiras!

Tentamos sair e ela nos ameaçou com a vara. O cachorro latia furiosamente. Os perseguidores aproximavam-se. Nossos corações batiam de medo. Lembrei-me que ainda havia alguns buscapés e bradei:

– Negrada, buscapé nesse cachorro! Buscapé nessa velha!

Os fogos chiaram. As fagulhas de ouro saíram em leque. O cão pôs-se a correr, ganindo, todo chamuscado. A portuguesa recuou, largando o pau e cobrindo o rosto com as mãos. Saímos na carreira, soltando os derradeiros buscapés para nos cobrir a retirada e, atravessando a horta abaixados por dentro das valas de irrigação, conseguimos galgar alto muro que a separava da praça por trás da Recebedoria e alcançar as dunas além da Alfândega, onde era impossível nos agarrar. Dispersamo-nos como um bando de vendeanos após a derrota. À noitinha, reunimo-nos no fim da rua do Chafariz(4), sob os coqueiros do sítio de Mister Myles, para comentar a batalha.

Os dois veteranos nunca tentaram tirar uma desforra. Ao princípio, com receio, tomei todas as precauções

4 – Atualmente Rua José Avelino. – M.S.A.

aconselhadas pela astúcia na entrada e saída do Liceu. Depois, verificando que não pretendiam fazer nada, não me preocupei mais com eles. Acredito que assim procederam temendo outra vingança com o apoio da molecada. Ficamos homens sem nos falarmos. A vida nos separou. Relembro hoje sem rancor o episódio, achando-lhe somente um pouco daquele sabor divino que os antigos davam à vingança – prazer dos deuses...

CHAPÉU DE COURO

Neste ano, comecei a usar calças compridas. Para o casamento de minha prima Isa, meu pai mandou o alfaiate português Acácio Lobo, nosso vizinho, fazer-me uma roupa de flanela azul à marinheira, com pantalonas de alçapão. Devia servir também para o casamento da outra prima, Alice, com o tenente Pedro Dantas, mais tarde. Em ambas as bodas, eu tinha a importante função de suspender as longas caudas das noivas.

Como essa roupa, a primeira no gênero que me era dado possuir, somente devesse ser vestida em dias de gala, continuei no uso diário das blusinhas de gola feitas por minha tia Iaiá, combinadas com meia dúzia de calças compridas mandadas fazer pelo alfaiate Bezerra. A fim de substituir o malfadado "canotier", compraram-me na chapelaria do Chico Cordeiro um chapéu novo, não ao meu gosto, porém ao da gente grande. Era de feltro áspero, de bordos curtos e copa arredondada, castanho-vermelho. No primeiro dia em que apareci com ele na praça dos Voluntários, a meninada do Liceu deu-me uma vaia. De todas as partes ouvia o grito esganiçado:

– Chapéu de couro, dá um estouro!

Os vaqueiros nordestinos costumam campear o gado nos carrascais e nas caatingas do sertão completamente vestidos de couro de bode ou veado capoeiro. Longas perneiras encamisam-lhes as pernas, presas ao cinto e abotoadas por uma polaina no bico dos sapatos. Somente as nádegas ficam livres. O guarda-peito, espécie de avental curto, pende do pescoço, cobrindo o tórax. O gibão de mangas defende o busto e os braços; as luvas grossas e sem dedos, as mãos. Na cabeça, um chapéu cônico de sete peles superpostas e pespontadas, que, dobradas desta ou daquela forma, indicam as várias regiões sertanejas.

Ao entrarem nas vilas e cidades, os vaqueiros costumam despir essa rude indumentária, conservando unicamente o chapéu. A molecada não os deixa, no entanto, passar sem gritar:

– Chapéu de couro, dá um estouro!

Não dei o menor cavaco com a pilhéria e por isso ela morreu por si. Continuei com o meu antigo apelido de Girafa. O de Chapéu de Couro não pegou. Dentro de pouco tempo, a cor do meu ordinaríssimo petaso desbotou ao sol e deixou de ser semelhante à da vestimenta dos vaqueiros para tomar o tom que o povo denomina com grande espírito – *cor de burro quando foge.*

O CHAGAS DOS CARNEIROS

Além das calças compridas e do chapéu de couro, o ano de 1900 trouxe para mim maior novidade. Às matérias que cursava no 1º ano do curso, o programa do 2º acrescentava: Álgebra até equações do 1º grau. Estudava-se no livro francês de Bourbon, o que aumentava as dificuldades. O professor era um engenheiro formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o dr. Francisco Marcondes Pereira. Grande matemático e um dos tacos mais afamados nos salões de bilhares de Fortaleza. Um tanto áspero no trato com os alunos. Demasiado rigoroso nas notas. Em volta de si, criara-se uma atmosfera de receio e má vontade, demasiadamente prejudicial a todos. Sua constante irritação contribuía para aumentá-la. Eu, como a totalidade da minha turma, o detestava.

Quando me chamava à lousa para a lição, ia de mau modo ou com um risinho de escárnio que lhe não escapava e o enfurecia. Às vezes, errava fórmulas e cálculos de propósito, para aperreá-lo. Batia com os pés no estrado da mesa, impaciente, irado, afogado numa onda de sangue. Depois, levantava-se com um berro:

– Sente-se!

Arredondava um zero na caderneta de notas, caprichosamente, resmungando:

– Venha outro, menos burro!

Nos exames, deu-me o simplesmente mais baixo que pôde e disse-me de passagem num dos corredores, irônico:

– Deixei você passar, mas de quatro pés, por baixo da mesa! Eu tinha ronha e arquitetei uma vingança.

Andava por esse tempo em Fortaleza o famoso Chagas dos Carneiros. Era um cego muito alto e muito magro, com as órbitas profundamente encovadas sob o sarçal das sobrancelhas. Vestia um camisolão de algodão branco e

ceroulas do mesmo pano amarrado nos tornozelos. Na cabeça, vasto sombreiro de palha de carnaúba em tranças superpostas, vulgarmente chamado *casco-de-tatu* ou *casco-de-peba*. Ao pescoço, rosários, terços, escapulários e figas. Numa das mãos, um varapau de jucá envernizado: na outra, o cabresto do carneiro que lhe servia de guia. Às costas, um saco cheio de cousas. Em volta, balando e fazendo ressoar os chocalhos, um bando de carneiros pintados de anil, de verde e de cor-de-rosa, cada um com um nome pelo qual atendiam disciplinarmente. O tipo merecia ser pintado por um Delaroche e descrito por um grande escritor. Morreu sem essa glória, creio que em 1912. A cidade inteira o conhecia e toda a gente estava lembrada que milagrosamente se salvara no naufrágio do paquete "Bahia", entre a Paraíba e Pernambuco.

O Chagas dos Carneiros sentava-se às esquinas, na borda dos passeios. Juntava logo muita gente em redor dele. Tirava do saco uma gaita de taboca betumada de cera de abelha e tocava solos variados. Depois, com umas tabuinhas enceradas esfregadas no canto dum caixote conseguia outros sons. E com a ponteira ferrada de vara nas lajes produzia outros. A tudo isso juntava gorgolejos e modulações engraçadíssimas com a boca e a garganta. O cego valia por uma orquestra.

Terminada essa primeira parte do espetáculo, começava a segunda. Entravam, então, em cena os carneiros, obedientes à sua voz. Rodeavam-no. Punham-se de pé. Dançavam. Ele fazia do cajado espingarda e fingia dar tiros. Os carneiros iam-se deitando como se estivessem mortos.

– Está tudo morto, mortinho da Silva? indagava o Chagas. Respondia-lhe um silêncio profundo. Ele imitava o badalar dos sinos e bradava:

– Ressuscita, cambada!

A carneirada punha-se de pé e começava aos pinotes e às marradas.

O último ato era com o carneiro-guia.

– Mimoso, – dizia ele – venha cá!

O animal dava-lhe uma marradinha na perna. Acariciava-o, passava-lhe a mão lentamente pelo focinho e perguntava:

– Mimoso, como foi que o Moreira César fez quando morreu em Canudos?

O carneiro deitava-se de lado e soltava um berro estertorado e doloroso. O Chagas era monarquista. Por isso, o Mimoso caricaturava os vultos republicanos. Depois de Moreira César, Quintino, Deodoro e Floriano. Continuava:

Mimoso, como é que o Padre Liberato faz sermão na Sé?

De pé, o Mimoso sacudia a cabeça e emitia uns balidos fanhosos.

A assistência ria a morrer. Cobres e níqueis choviam no chapéu do cego. De vez em quando ele desaparecia de Fortaleza. Durante muitos meses não era visto. Perambulava pelo interior ou navegava para o Norte e para o Sul, até Manaus e até São Paulo. Conhecia quase todo o Brasil.

Eu e outros segundanistas nos cotizamos e demos cinco mil réis ao Chagas para novo truque do carneiro Mimoso.

– Mimoso – dizia o cego – como é que o dr. Marcondes dá aula aos meninos do Liceu?

O carneiro levantava uma pata como quem vai escrever numa lousa e punha-se a berrar descompassadamente.

O professor Marcondes deu o cavaco e pretendeu queixar-se à policia. Os amigos dissuadiram-no, mostrando-lhe que se tornaria ridículo. Já nesse tempo ele viera residir perto de minha casa, à rua Major Facundo, separado de sua esposa. Com os anos vim a saber que essa situação doméstica é que o tornava irritadiço e injusto, criando aquele ambiente desagradável: hostilidade recíproca entre ele e os alunos. Quando me tornei homem, tive oportunidade de aproximar-me do meu antigo mestre de álgebra e de conhecê-lo melhor. Verifiquei que não era propriamente perverso como o julgava na meninice. Já de cabelos al-

vejando, aposentou-se e veio morar no Rio de Janeiro. Trabalhava eu nesse tempo no "Jornal do Comércio", onde desfrutava invejável situação. Gozava de certo nome nas rodas literárias. Freqüentava a famosa Porta do Garnier. Privava com Coelho Neto e João do Rio. Andava em companhia de Félix Pacheco. Encontrávamo-nos quase diariamente no antigo Café Jeremias e conversávamos um pouco sobre os tempos passados no Ceará. Falamos um dia do Chagas dos Carneiros e dos truques do Mimoso. Disse-me, sorrindo:

– Aquela palhaçada do carneiro comigo só podia ser obra tua. Foi ou não foi?

Baixei a cabeça para esconder o riso. E ele:

– Eras um demônio em figura de gente. Arrependo-me de não te ter reprovado duas vezes em lugar de uma...

Fez uma pausa e indagou, pondo com simpatia a mão no meu ombro:

– Que milagre foi esse? Como passaste de repente a estudar e deste para gente, tu, o mais descarado moleque que jamais houve em Fortaleza?. .. Sempre pensei que não desses para nada. Julgava-te homem ao mar. Felizmente, enganei-me.

Respondi-lhe:

– Eu mesmo não sei como foi... Talvez que tudo fosse resultado duma falta de compreensão. Não me compreendiam e eu não compreendia os outros. Um dia, deu-me o estalo na cabeça. Dei para compreender-me um pouco e para compreender os outros. Bastou isso. Nem foi preciso que me compreendessem. Imagine se me compreendem... o que eu poderia ser...

O FANTASCÓPIO

Ano rico em divertimentos para a meninada alegre. Primeiro, o Circo Novo-Mundo do espanhol Gonzales, armado na praça Castro Carreira(1), onde se inaugurou no dia 24 de maio a estátua em mármore, feita no Ceará, do bravo general Sampaio(2). Precedeu-a uma série de quermesses em seu benefício, no Passeio Público, que eu freqüentava sem pagar entrada, pulando o gradil ao lusco-fusco, antes que acendessem os lampiões a gás. Aperuava as bancas de jogo de jaburu, arriscando um ou outro níquel e pegando, às vezes, sete paradas. Com o produto, comprava cousas na barraquinha "Iracema" de D. Bela Bezerra, a grande costureira da cidade, sempre muito distinta, com sua face ainda formosa coroada de cabelos níveos.

No dia da inauguração, enquadraram o monumento as tropas em grande gala sob o comando do general Marciano de Magalhães, irmão de Benjamim Constant, o Proclamador da República: o 2º de Infantaria, o Batalhão de Segurança do Estado e a Escola de Aprendizes Marinheiros.

Depois do Circo Novo-Mundo, o Circo Lusitano do famoso Henrique Lustre e o Circo União do equilibrista José Blondin. A gurizada do Liceu enchia as arquibancadas num berreiro infernal. Os que podiam pagavam entrada. Os que não podiam entravam de *bochecha* por baixo ou por cima das empanadas, auxiliados pelos que estavam lá dentro. Aplaudiam-se ou vaiavam-se os artistas. Bisavam-se os números de sensação. Aparteavam-se os

---

1 – Em sua face norte situa-se a estação da via férrea. – M.S.A.

2 – Foi transferida, depois, para a frente do CPOR, no bairro de São Gerardo, e do 23º BC, na Avenida 13 de Maio. – M.S.A.

palhaços. Pilheriava-se com os espectadores. A maior vítima era o velho João Pedro de Vila Real, encarregado do Mercado Público. Mal aparecia com sua vasta barba, os gaiatos berravam do alto dos bancos oscilantes o começo duma quadra picaresca alusiva a uma de suas aventuras galantes:

Ai! *seu* João Pedro, Você disse que não doía!...

O circo todo como que vinha abaixo às gargalhadas, ganidos e miados do pessoal miúdo. Compunham o bloco líder dessas brincadeiras eu, Humberto Monte, filho do Desembargador Antônio Sabino, hoje distintíssimo engenheiro, Pólux e Pretinho, cujo nome de batismo era Oscar, filhos do escritor Pápi Júnior, então em visita à Exposição Internacional de Paris.

Pápi Júnior morava na rua General Sampaio defronte do Circo, numa casa que passou depois para o velho Proença, fabricante de resíduo de caroço de algodão(3). Dirigia um estabelecimento comercial, a futura Casa Quixadá, no quarteirão da minha residência, à rua Major Facundo, nº 40(4). Vivia à larga. A publicação do romance naturalista "O Simas", ao tempo da Padaria Espiritual, cobrira-o de glória literária. Freqüentava a espaços o Velho Mundo, onde convivia com Eduardo Prado e Eça de Queirós. Seus filhos tiveram um destino infeliz. Pólux faleceu na adolescência. Pretinho finou-se guarda aduaneiro em Belém. Nesse tempo, eu ignorava a existência do "Simas", mas via todos os dias o nome de Pápi Júnior nos anúncios da "Infalível Máquina Spalla contra as formigas"...

Os anos passaram. As vacas magras sucederam às vacas gordas. As enfermidades levaram o escritor e comerciante à maior pobreza. Tive a feliz oportunidade em 1925 de auxiliá-lo a vir tratar-se no Rio de Janeiro, tomando a meu cargo a revisão das provas de seu romance "A Casa dos Azulejos". Quantas vezes, então, não suspendi o trabalho e perdi-me a meditar nas reviravoltas da vida...

---

3 – Esquina sudoeste das ruas General Sampaio e Castro e Silva. – M.S.A.
4 – Hoje nº 196 da Rua Major Facundo. – M.S.A.

O antigo Cosmorama do Paula Barros, companheiro de minha primeira meninice, morreu em 1900. Assassinou-o o primeiro arremedo de cinema aparecido em Fortaleza, o Fantascópio, a 500 réis a entrada. Anunciava três sessões contínuas, às 7, 8 e 9 horas da noite, à rua Formosa(5) nº 27, em grandes cartazes colocados às esquinas da praça do Ferreira, com estes dizeres pernósticos:

DESLUMBRANTE APOTEOSE!
A LUZ ATRAVÉS DO UNIVERSO:
Vistas das principais cidades do mundo.
A LUZ ATRAVÉS DA ARTE:
Alegorias, vultos e estátuas célebres.
A LUZ ATRAVÉS DA RELIGIÃO:
Quadros da vida de Jesus.

Diante dessa lanterna mágica de última invenção, o Cosmorama foi ficando às moscas, mas o velho Paula Barros tentou lutar contra o progresso, armando uma *lapinha* mecânica, em que personagens e bichos se moviam. Ao fundo, passava lentamente a caravana dos Reis Magos. A freqüência foi diminuta e em breve fechava as portas. O seu animador desapareceu, talvez que hoje somente eu me lembro dele.

---

5 – Atual Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

A LITERATURA DOS PARABÉNS

Em 1900, comecei a interessar-me pela leitura dos jornais da terra. Em casa, assinava-se "A República", órgão governamental que sucedera ao antigo "Libertador". Minha tia Nenêm lia em voz alta pela manhã para minha avó, que quase não enxergava. Eu a saboreava toda, de cabo a rabo, até mesmo o expediente da Secretaria do Governo, firmado indefectivelmente pelo diretor geral Cesídio de Albuquerque Martins Pereira, homem alto e vermelho, que encontrava sempre, ao ir para o Liceu, de fraque azul e calças brancas, um rolo de papéis debaixo do braço. Não perdia as partes da polícia dadas pelo comandante da Guarda Cívica, Major Ranulfo Gonzaga de Menezes Lira, gordo como Sancho Pança, chupando dia e noite um charuto fedorento. Preferia a tudo a seção diária *Bric-à-brac*, em que saiam os sonetos de Bruno Barbosa, cujo livro "Utopias" a meninada devorava. Era a época do amor teórico, em versos. Também lia as produções com que Carlos Sá estreava nas letras.

Não perdia por cousa alguma os escritos da *Tribuna do Povo*, coluna paga de a pedidos ou ineditoriais, divertindo-me com os *parabéns* em prosa e verso, grotescos, pernósticos ou simplesmente imbecis. Bastava ler uma vez qualquer uma dessas produções para guardá-la de memória. Havia-as deste jaez: "*Lila*. Comemorar o magno e auspicioso sucesso de teu aniversário que passará no dia 8 do fluente, imprimindo em tudo a nota álacre da alegria por ser consagrado à excelsa Virgem da Conceição, é um grato dever imposto pela nossa acrisolada amizade que dia a dia se avigora duma maneira por demais incomparável. Como que já antevejo, através do áureo-purpurino reposteiro oriental, a aurora deslumbrantíssima que te osculou o tépido berço mimoso de angelical infante e ouço o chilreio harmonioso dos passarinhos saudando-a numa vibratilidade de júbilo inefabilíssimo. X.X.X."

É o que pode haver de melhor no gênero. Parece até inventado. No entanto, o nosso Brasil está cheio de gente que faz isso. Quando se limitam à literatura genetlíaca, como eles dizem, é uma felicidade, porque não faltam asneirentos da espécie nas artes, nas ciências e na política, às vezes laureados com as maiores láureas.

Os parabéns engraçados eram quiçá mais interessantes:

Ao MANUEL RODRIGUES
Hoje, 15 de novembro,
Completa anos o Negrinho,
Haja cana e aluá,
E toque de cavaquinho!
Os amigos do garrafão

Ao AMÂNCIO
Fará anos amanhã
Dos dungas o maioral.
Haja aluá! Haja cana!
Haja, pois, porre geral!

Ao AMARO DE CASTRO
Haja aluá! Haja festa!
Haja porre colossal!
Que faz anos o Amaro
Da União Caixeiral!

O professor primário Barata entoava loas em público à filha aniversariante desta maneira:

"Quebra-se o silêncio da noite, rompe o dia. Os pássaros saltam, gritam e cantam sob o doce orvalho das serras. Chove. Há cheiro de terra molhada. Brota a luz baça da madrugada. Há alegria na terra, na mata, na luz e no espaço. Entrelaçam-se os cravos e as boninas, dá-se o beijo floral. Faz anos hoje a inocente e mimosa Déa! *Seu Pai*"

A *inocente* e *mimosa* Déa tornou-se com o tempo uma mulherona que não inspirava mais nem mesmo essa literatura.

O primor professoral provocava dias após uma paródia: "Quebra-se o silêncio da noite, rompe o dia. Tudo salta, berra, grita e chora como o doce parati da serra de Maranguape. Há cheiro de gente molhada. Brota a luz baça da madrugada. Há porre no riso, no cérebro e no espaço. Entrelaçam-se copos e garrafas, dá-se o beijo alcoólico. Faz anos hoje o inocente e meigo Gervásio Gurgel".

O *inocente* e *meigo* Gervásio Gurgel era um comerciante matriculado.

O verbo *parabenizar* tinha de ser fatalmente o produtor de semelhante literatura, que recomendo à atenção dos especialistas indígenas...

A VIDA NO LICEU

Muito movimentado o ano letivo de 1900. Assistimos cheios de curiosidade às provas orais de dois concursos para cadeiras vagas. Primeiro o de grego, com um único candidato, Maurício Graco Cardoso, que foi Deputado Federal e Presidente de Sergipe. Conhecia-o desde o tempo em que fora aluno da extinta Escola Militar de Fortaleza. Nossos caminhos cruzaram-se algumas vezes na vida política do país e nos tornamos amigos. Os jornais da oposição afirmavam que ele era *grupo* na matéria. Ao segundo, de Mecânica e Astronomia, apresentou-se também um candidato único, Benjamin Pompeu Pinto Acióli, filho do comendador Acióli, então dono político do Ceará. Não cheguei a freqüentar as aulas de ambos. Deixei o Curso de Madureza antes de chegar aos espaços planetários do Benjamin Acióli e, quando cursei as aulas da língua de Homero, regia-as interinamente um dentista surdo como uma porta, Remígio Ribeiro de Aboim.

Pintávamos o sete com ele, que não sabia patavina de grego. Abria a gramática e nos argüia sonolentamente. Respondíamos as cousas mais horríveis em voz baixa. Receoso duma esparrela, aquiescia com a cabeça e dava notas altas. Um dia, escrevi cinicamente no quadro negro: *Bleptas thas eleptas*, e traduzi: *O camponês comeu a maçã*. Continuei o tema no mesmo estilo. Deu-me grau dez. Foi, sem dúvida, adivinhando a vinda do Aboim ao mundo que o Padre Manuel Bernades escreveu na Nova Floresta aquela deliciosa página do *Madna so sotap mes sotapas:* Andam os patos sem sapatos...

A 12 de julho, o corpo discente, devidamente convocado, compareceu na Assembléia à posse solene do novo Presidente do Estado, dr. Pedro Augusto Borges, que desfrutava grande simpatia popular como médico caritativo. Sofremos a paulificação, mas tivemos a recompensa duma folga no dia seguinte. Tudo neste mundo tem sua compensação.

Meu circulo estudantil alargou-se. Comecei na qualidade de veterano a freqüentar as rodas dos alunos mais adiantados do que eu. Lembro-me de muitos. Alguns seguiam o Curso Integral. Outros faziam preparatórios avulsos, o que se chamava então exames parcelados. Entre eles, Valdemar de Carvalho Mota, Francisco de Assis Bezerra Filho, José Lopes de Aguiar(1), depois meu dileto colega na Faculdade de Direito, Artur Vieira Dias, César Cals de Oliveira(2), o atual Coronel José Pio Borges de Castro, Secretário de Educação do Distrito Federal, Eugênio Gomes de Matos, o poeta camoniano José de Abreu Albano(3), o Embaixador Hildebrando Acióli, que atendia pelo apelido intimo de Bibio, José Carlos de Matos Peixoto, futuro Presidente do Estado, o grande proprietário dos cinemas cariocas Luís Severiano Ribeiro, o Ribeirinho, Joaquim Marques Tabosa, sertanejo robusto, Luis Rolim da Nóbrega(4), bonissimo e catacego, Afonso Pontes de Medeiros, Carlos Albano Amora, irmão dum de meus maiores amigos, tempos depois, José Gil Amora, Mário Hérbster Menescal, José de Castelar Sombra, Francisco Sidrião Ferreira e Aureliano Amazonas Azevedo, com quem muito me ligaria mais adiante. O vento da vida espalhou-os. O vento da morte já levou alguns.

Na data da fundação do Liceu, 19 de outubro, assisti à primeira sessão literária de minha vida, presidida pelo dr. Pedro Borges, ladeado pelo diretor Antônio Epaminondas da Frota e pelo vice-diretor dr. Raimundo Leopoldo Coelho de Arruda. O secretário José de Araújo Domingues

1 – Irmão do futuro professor Martinz de Aguiar, um dos luminares do magistério cearense e meu antecessor na Cadeira nº 19 da Academia Cearense de Letras. – M.S.A.

2 – Genro do comerciante Antônio Diogo de Siqueira, pai do Cel. e Governador César Cals de Oliveira Filho e *avô* do engenheiro e prefeito César Cals de Oliveira Neto. – M.S.A.

3 – O maior poeta cearense, patrono de minha Cadeira na Academia Cearense de Letras. – M.S.A.

4 – Pai de meu colega de Liceu e saudoso amigo José Rolim da Nóbrega. – M.S.A.

Carneiro descerrou o véu que cobria o retrato dum lente falecido, dr. José Carlos da Costa Ribeiro. Godofredo Maciel, futuro Deputado Federal, falou pelos estudantes.

Aquela festa anual era sempre esperada por todos com grande ansiedade. Evocavam-se com vibração as tradições daquele instituto tradicional de ensino, pelo qual passavam, umas depois das outras, gerações de moços, deixando a lembrança dos que mais se distinguiam entre mestres e alunos ligada pelo fio espiritual do amor ao velho Liceu. Parece que hoje ninguém ama cousa alguma. O passado não tem mais eco na alma da mocidade. A tradição estiola-se. O demônio do interesse material e imediatista envenena as almas juvenis.

O GORDUCHO

Não me lembro mais em que mês, certo dia, ao chegar em casa de volta das aulas, surpreendeu-me a presença na nossa sala de visitas dum tipo impressionante pelo seu físico. Baixote e gordo como uma bola, nem podia cruzar os braços sobre o volumoso tórax, que formava uma rotundida contínua com o abdômen. Conversava animadamente com minhas tias, sentado no banco giratório do piano, a enxúndia a extravasar para todos os lados. Discorria sobre a Questão Dreyfus, então de novo na baila pela revisão do processo, sobre a guerra na China, onde os bóxers rebolados matavam os europeus, e sobre o Rio de Janeiro, que começava a me tentar. Fui todo ouvidos.

Depois que saiu, perguntei quem era. Tratava-se de velho amigo do finado marido de minha tia Isabel no Rio, ao fim da Monarquia, João de Pino Machado, em viagem pelo Norte como representante do periódico carioca "A Imprensa". O primeiro jornalista do Sul que conheci. Desde essa tarde nunca mais lhe pus os olhos em cima. Gostei daquela conversa variada e animada. De vez em quando indagava de minha tia:

– Quando aparece o Gorducho?

O Gorducho nunca mais apareceu.

O ALMIRANTE

À esquina da rua Sena Madureira com a praça da Sé, no inicio da ladeira que leva à praia(1) ergue-se antigo palacete com vasto quintal murado dando para o Outeiro (2) e um jardim lateral com gradil de ferro. Dividiam este, outrora, renques de escuras pitangueiras, entre os quais alvajavam estátuas de louça do Porto. À noite, no escuro, parecia um cemitério e me apavorava aos cinco anos de idade. Nele esteve ao princípio a Pensão Bitu e funcionou alguns anos a Prefeitura Municipal. Morava ali o general reformado José Augusto de Morais Rego, que faleceu em 1900. Prestou-lhe honras fúnebres o 2º de infantaria, cujas descargas de pólvora seca à passagem do caixão mortuário, envolto na bandeira brasileira, causaram-me arrepios. Anos após, eu comprava por meia dúzia de mil réis, na casa de prego do Monteiro das Palhinhas, seu chapéu armado e seu talim, empenhados e abandonados pela viúva necessitada. Com essas relíquias militares e uma sobrecasaca velha de meu pai, ornamentada de botões dourados, fantasiei-me de almirante em diversos carnavais.

Isso denunciava minha obsessão em seguir a carreira da Marinha. Outros sintomas mais graves ocorreram. Em viagem da Finlândia para a Colônia do Cabo, arribou a Fortaleza, com avarias devidas a um começo de incêndio, uma grande galera do porto de Viborg. Pela primeira vez a bandeira da Rússia tremulava sobre as águas cearenses. Meu amigo Mister Myles, encarregado de tapar os rombos do navio, levava-me a bordo, aos domingos. Subia pelos

1- Esquina nordeste da Avenida Alberto Nepomuceno (antiga Rua da Ponte) e a Rua Rufino de Alencar. – M.S.A.

2 – Como já ficou esclarecido, bairro compreendido entre a Praça Cristo Redentor e a Avenida Santos Dumont e a Praça Figueira de Melo (ou da Escola Normal, como o povo a chama) e a Praça Cristo Rei (oficialmente Benjamim Constant). – M.S.A.

enfrechates, escanchava-me nos vaus do joanete grande e, balançado pela vaga do largo, demorava os olhos na toalha do mar batida pelo sol ofuscante, todo entregue ao meu sonho aventureiro. E pensava numa história que havia lido de Ruyter, menino metido nos barcos do porto de Flessinga.

Pensei em fugir de casa e meter-me a bordo como grumete, mas caí na asneira de revelar meu ousado projeto a Mister Myles. O escocês ficou algum tempo pensativo e nada me respondeu. Daí por diante nunca mais quis me levar a bordo. Se insistia, replicava na sua língua baralhada:

– Ó você menina muita danada muita imaginaçom. Pode caí de mastra e quebra cangotes, pensando em besteiras. Sua pai minha amiga. Sua avó minha amiga. Suas tias minhas amigas. Tudo fica muita tristeza. Mim muita responsabilidades.

Não saía disso.

Essa mania de ser marinheiro fazia-me namorar silenciosamente o almirante Manhães Barreto, quando esteve em Fortaleza. Um almirante, que cousa do outro mundo para mim! Até então vira somente dois generais: Artur Oscar e Marciano de Magalhães. Um almirante era grande novidade, *avis raríssima*. Seguia-o onde quer que fosse, admirando-lhe a farda, sem que ele pudesse suspeitar aquela comovida contemplação. Se cursasse a Escola Naval talvez um dia chegasse a almirante, pensava, sem coragem de revelar meu desejo, que morria ao peso da incompreensão do ambiente, como ave ferida que a pouco se esvai quase sem agitar as asas enfraquecidas. Só eu sei o que me custou essa tragédia íntima. Só eu sei, porque somente eu a presenciei continuamente dentro de mim. Nossas almas são sepulturas de desejos e ambições desconhecidos dos outros e que se não realizaram.

Para distrair, remava nas bateiras do Pocinho ou do Poço da Draga,(3) transformadas pela minha imaginação em navios de guerra subindo o Prata ou combatendo em Cuba e nas Filipinas. O Ceará em peso vibrara em prol dos cubanos revoltados contra a Mãe Pátria com o auxílio dos Estados Unidos. O entusiasmo geral refletira-se em tudo. Até no letreiro da mercearia fundada à esquina de meu quarteirão por Guilherme Moreira da Rocha, meu futuro professor de francês no Liceu: ILHA DE CUBA.(4) Depois, o entusiasmo transferira-se para os bóers em luta contra os ingleses. Só se falava no Presidente Kruger, em Dewet, Botha e no coronel de Villebois-Mareuil. Discutiam-se nos cafés e nas rodas de estudantes a batalha de Blenfontain e a tomada de Ladysmith. Joaquim Magalhães, pai do capitão Juraci Magalhães, (5) que conheci de camisolinha a brincar nas calçadas, montara uma casa de secos e molhados chamada TRANSVAAL e a chapa em que disputava a presidência da Fênix Caixeira! era anunciada nas folhas como CHAPA TRANSVALIANA...

Ah! se eu pudesse ser almirante!...

---

3 – Formado pela foz do riacho Pajeú – M.S.A.

4 – Esquina nordeste das ruas Major Facundo e Senador Alencar. – M.S.A.

5 – Cearense que governou a Bahia e foi Ministro das Relações Exteriores logo após a Revolução de 31 de março de 1964. – M.S.A.

A MORTE VISTA DE PERTO

Neste ano, pela primeira vez, vi a morte de perto, o que profundamente me impressionou.

Dia de Finados. A cidade lúgubre, fechada, ruas desertas. Somente os bondes da linha do Mororó(1) carregados de gente para o cemitério de São João Batista. Pela rua das Flores (2) desusado movimento de pessoa de luto. Lembrava o dia do aniversário da morte de Caio Prado, quando a população pobre ia cobrir de grinaldas e ramalhetes a coluna partida de seu mausoléu. Antônio Caio da Silva Prado, irmão de Eduardo Prado, amigo íntimo de meu pai, governara o Ceará durante a seca de 1888 e morrera de febre amarela. Moço e belo, brincalhão e estabanado mas generoso e simpático conquistara a admiração de todos. Muitos e muitos anos durou o culto dos cearenses à sua memória. Creio que hoje se perdeu.

Na tarde do Dia dos Mortos, ia à casa de minha prima Isa, quando no trecho da rua das Flores compreendido entre as ruas Major Facundo e Formosa,(3) uma mulher muito magra e pobremente vestida, que caminhava à minha frente, se sentou na soleira duma das portas do hotel do Barroccio(4) e me chamou com um gesto cansado.

Aproximei-me e sussurrou-me:

– Menino, estou me sentindo muito mal. Arranje-me um canequinho de água pelo amor de Deus!

Antes que desse um passo para satisfazer-lhe o desejo, a infeliz encostou-se ao batente da porta, soltou horrível gemido surdo e inteiriçou-se pálida como cera, escorada ao umbral. Estava morta!

---

1 – Rua Padre Mororó, que passa pela frente do Cemitério de São João Batista. – M.S.A.

2 – Atual Rua Castro e Silva. – M.S.A.

3 – Atualmente Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

4 – Sito na esquina sudoeste das ruas Major Facundo e Castro e Silva. – M.S.A.

Muita gente logo em redor. Um soldado de polícia perguntando:

– Que foi? Que foi? Deixem passar a *otoridade*!

Escafedi-me por entre as pernas dos basbaques e raspei-me para o sobrado, onde contei o fato a minha avó e minhas tias. O que desejava é que me não embrulhassem nele. À noite, sonhei com a morte, de foice em punho, guiada pela mulherzinha magra, que apontava para mim, dizendo:

– O menino é aquele! Não me quis arranjar um canequinho de água e eu morri.

A morte puxou-me pela perna. Dei um pulo e soltei um grito. Acordei com espanto, estirado no assoalho. Caíra da rede e ficara com o pé enganchado num dos buracos da *varanda* de croché grosseiro, rasgado pelo uso. A luz tépida da manhã lavava o quarto. Que bom, era a Vida! O engraçado é que, no sonho, a Morte se não mostrara em caveira, mas com a cara chupada e melada do Candinho Ramela, nesse tempo o homem mais feio de Fortaleza, de sutambaque e cartola esfiapada, assoando constantemente com estrépito num vasto lenço vermelho de Alcobaça o rapé que lhe pingava das ventas.

Em janeiro, havia falecido, com treze anos e uma existência apagada e triste de enfermo, meu irmão Valdemar. Ouvi-o gemer e estertorar, mas estava dormindo quando expirou. Aquela mulher, não. Acabara-se em pleno dia, junto de mim, olhando para mim. Deus recebeu na sua infinita misericórdia aquelas duas almas. A da desconhecida livrava-se da pobreza. A de meu irmãozinho livrava-se da doença. Nosso Senhor recompensou-os ao cêntuplo pelas provações que lhes deu.

Se naquela época, após o meu sonho, me dissessem que hoje olharia a Morte com outros olhos, não acreditaria.

O SÉCULO XX

A 31 de dezembro tive licença de ficar na rua até depois de meia-noite. Só um grande acontecimento permitiria isso: a comemoração da passagem do século na Sé. Minha avó achou que era cedo ainda para eu ficar acordado até tão avançada hora. Minha tia Iaiá obtemperou que só se vê passar um século uma vez.

O estúpido século XIX, como o denominou alguém, era substituído pelo século XX. Assisti a um Te-Deum longo e soporífero, escutei um sermão hipnótico e vi inaugurar-se na parede da igreja uma cruz de ferro pintada de verde. Que decepção! Pensava que a passagem dum século para o outro fosse muito mais interessante, que houvesse qualquer alteração na ordem das cousas naturais, pelo menos assim como que um estalo no mundo. Pitágoras não ouvia a música dos planetas em seu eterno giro sideral? Que haveria de mais em ouvir-se o rumor das mudanças dos séculos? Como não pretendo assistir a outra passagem de século, força é contentar-me com essa.

1901

D. ANTÔNIO XISTO ALBANO

No início das aulas do terceiro ano, apresentou-se como professor de francês Guilherme Moreira da Rocha, antigo proprietário da ILHA DE CUBA.(1) Substituíra Monsenhor Xisto Albano recentemente nomeado Bispo do Maranhão.

D. Xisto deixava saudades, porque havia sido um professor paciente e bondoso. Cuidava com o maior carinho da igreja do Coração de Jesus, em face do Parque da Liberdade,(2) onde organizava quermesses em benefício da conclusão das obras. Durante o dia, a meninada do Liceu invadia aquele deserto logradouro no intervalo das aulas e enchia as tábuas das mesas e paredes das barraquinhas do mafuá com pilhérias e caricaturas alusivas ao padre. Algumas bem pesadas.

Eu era o autor da maioria delas, açulado pelo bando de garotos encapetados que me acompanhava: os filhos do Jeromão Vilela, Raimundo e Jerônimo, os filhos do Filomeno Gomes, Mário e Pedro, os filhos do Façanha de Sá das Damas, Pedro e José, os filhos do falecido Vieira Perdigão da Alfândega, Plínio e Alderico, e o Chiquinho Bizerril Fontenele.

Uma tarde, estava entretidíssimo desenhando o padre Xisto com barbas e tudo, a carvão, na tábua duma mesa de vender doces, rodeado pelo meu grupo, que comentava e ria, quando ele nos avistou do adro da igreja e veio bispar de perto o que fazíamos. Aproximou-se com todo o cuidado e era tão grande nossa distração que o não pressentimos. De repente, uma voz grossa e bastante co-

1 - Loja sita na esquina nordeste das ruas Major Facundo e Senador Alencar. - M.S.A.

2 - Onde depois se instalou a Cidade da Criança. - M.S.A.

nhecida ressoou nas nossas costas como a trombeta do Juízo Final no vale do Josafat:

– Peguei-os afinal com a boca na botija, *seus* peraltas!

Levantamos as cabeças surpreendidos e demos com o sacerdote rubro de ira e de sol, brandindo o guarda-chuva de castão de ouro. Foi um Deus nos acuda! Espirrou menino para todos os lados. Fiquei imobilizado como se olhasse a cabeça da Medusa. Jerônimo Vilela pôs-se a andar de costas até que – catrapus! – se despejou nas águas do lago. D. Xisto gritou por socorro. Os empregados do Parque tiraram o rapaz que se debatia. Aproveitei a confusão e musquei-me.

No dia seguinte, D. Xisto, de cara amarrada, abriu a aula com estas palavras ditas em voz calma e séria:

– O que se passou ontem, a queda dum de vocês dentro da água me confundiu de tal modo que perdi completamente a memória do aluno que rabiscava a minha caricatura. Vou dar parte ao diretor do grupo todo, que conheço muito bem, salvo se o culpado se acusar a si próprio. Neste caso, só ele será castigado.

Levantei-me de cabeça baixa, sem poder dizer nada. O padre desfranziu o rosto e concluiu:

– Ora, muito bem! Muito bem! Está perdoado já que se acusa com dignidade. Está perdoado! Não faça mais, sobretudo não me pinte tão feio, tão esquisito. Vamos à lição. Esqueçamos o incidente.

Nunca mais tive coragem de rabiscar qualquer cousa contra ele. O novo professor era de outro gênero. Gênio arrevesado. Impliquei com seu costume de comunicar a meu pai quando gazeteava ou não sabia a lição. Respondi-lhe mal uma noite em presença de meu pai na Casa Palhabote(3) e levei uma correção imediata, que me irritou muito e foi uma das causas de cousas que seria melhor não terem acontecido. O castigo paterno em público arrasou-me. Pretendi fugir do sobrado e ganhar mundo. Mi-

3 – Atual nº 286 da Rua Major Facundo. – M.S.A.

nha prima Isa, a quem pedi auxílio, dissuadiu-me com agrados, deu-me guarida por aquela noite e fez-me voltar a casa. Mais tarde, numa briga à saída dum circo de cavalinhos, o negociante Elesbão arrebentou a cabeça do Guilherme Moreira a pau. Vingou-me. Gozei quando o professor apareceu na aula de óculos pretos e pontos falsos. Minha implicância com ele era de tal natureza que chegava a preparar e a saber de cor e salteado o tema da gramática de Halbout, de ensinar a lição a meia dúzia de colegas e de responder-lhe cinicamente, quando me chamava ao quadro negro:

– Não estou preparado!

Furioso, sentindo que aquilo era proposital, Guilherme Moreira arredondava um zero com tanta força diante de meu nome, na caderneta, que quebrava a ponta do lápis. Essa implicância recíproca duplicou, quando ele assumiu também a regência da cadeira de inglês. A vida tornou-se um inferno. Nas duas aulas, chamava-me continuadamente:

– Gustavo Adolfo Dodt Barroso!

– Não estou preparado!

Resmungava entre os dentes cerrados:

– Meu consolo é que nunca serás nada na vida!

Doze anos mais tarde, como Secretário do Interior, recebi-o no meu gabinete. Creio que ele era, então, diretor do Liceu. Conversamos. Lembrei a antiga malquerença já diluída pelo tempo. Ele explicou-me que, sendo amigo de meu pai, o trazia ao correr de minhas peraltices por amizade e por interesse. Estou de há muito capacitado disso. Mas o erro foi de psicologia. Eu não tinha caráter para ser levado como ele e meu pai entendiam. O método de D. Xisto Albano dava melhor resultado comigo. Estas explicações acabaram de apagar os últimos ressentimentos. Ficamos amigos. Disse-lhe:

– Você foi um profeta errado, vaticinando que não daria para nada.

É meu dever fazer justiça nestas páginas de memórias ao professor Guilherme Moreira da Rocha, hoje um dos mais velhos educadores do Ceará, tendo deixado o Liceu pelo Colégio Militar. Com o tempo se tornou verdadeiro profissional do ensino, dedicando-se-lhe de corpo e alma e sendo guia de consecutivas gerações. Ao começar a carreira e ao encontrar-me em seu caminho, não tinha a menor prática de lidar com meninos e rapazes, justamente no período da vida que, com a maior propriedade, o francês denomina *l'âge ingrat*. Reconheço que era um dos mais difíceis de conduzir: rebelde, astucioso, inquebrantável na minha vontade, embora à primeira vista parecesse tímido e maleável. Sem forças para lutar peito a peito, recorria à astúcia e à inércia. Mesmo quando fingia ceder não cedia. Com bons modos e estimulando-me, conseguia-se tudo. De outro modo, não. Até hoje.

TOUROS E CAVALOS

Três irresistíveis tentações arrebatavam-me aos estudos: touradas, passeios a cavalo e o mar.

A Companhia Pedro Ramirez revelou-me um simulacro de corridas de touros no antigo Coliseu Cearense. Nos dias em que o Segurita e o Germano Marques bandarilhavam uns bois mambembes, que o Espada Ramirez fingia somente matar para economizar o gado, não abria um livro e não pisava nas aulas. Transportava-me pela imaginação à Espanha. De volta do Coliseu, metia-me no fundo do quintal de minha prima Isa e, com uma espadinha de pau e um pedaço de pano vermelho, toureava o cachorro Una...

Gastava todo o dinheiro que apanhava alugando cavalos, quando não obtinha por empréstimo os dos meus colegas Façanha de Sá, cujo pai tinha um sítio nas Damas, estrada de Porangaba.(1) Conhecia todos os alquiladores da cidade. O velho Pirolito junto ao Pajeú. O cabo João, reformado da polícia e empregado na Higiene, no beco do Pocinho.(2) O Domingos, no fim da linha do Benfica, junto à ponte do riacho do Tauape. O Tomé, ao lado do Passeio Público, na Praia.(3) O Bonates, na rua do Chafariz. (4) A Casa da Onça, no Outeiro, (5) esquina da rua da Conceição, (6) onde se erigiu o edifício da União do Clero,(7) venda de taipa com uma grande onça saltitante

---

1 – Voltou a chamar-se Parangaba na reforma administrativa de 1943. – M.S.A.

2 – Atual Rua Pocinho, que alguns teimam em chamar, erroneamente, de Rua Pedro Borges, como se fosse a sua continuação para a banda leste da cidade, a partir da Avenida Sena Madureira. – M.S.A.

3 – Praia Formosa. – M.S.A.

4 – Atualmente Rua José Avelino. – M.S.A.

5 – Bairro hoje ignorado pelo povo, limitado pela praça da Escola Normal (atual Figueira de Meio) e Cristo Rei (oficialmente Benjamin Constant) e entre a praça Cristo Redentor e a Rua Pinto Madeira. – M.S.A.

pintada à parede. Gozava de crédito com essa gente toda. Às vezes, andava no fiado.

Percorria em geral as praias ou o caminho da Porangaba. Fantasiava romances que impingia aos condutores de bonde ou aos comboeiros com quem prosava, tomando um gole de café ou de cachaça no café do Pedro Eugênio e nas tendas miúdas: quase sempre era um aprendiz marinheiro disfarçado à cata dum colega desertor. Dava sinais deste, pedia indicações. Um dia, em Arronches, (8) um velho bolieiro chegou a me querer guiar até a casa onde se ocultava o pretenso fugitivo. Disse-lhe que era melhor à noite. Traria uma escolta e o procuraria. Nunca mais apareci. Anatole France escreveu em "Putois" uma das maiores verdades deste mundo. A nossa imaginação dá vida ao que não existe.

Grata surpresa reservou-me o mar em 1901: a estadia do cruzador norte-americano "Atlanta", conduzindo o ministro plenipotenciário Page Bryan, que excursionava pelo Norte. Por acaso, um dos oficiais maquinistas, escocês como Mister Myles, fez amizade com esse meu amigo e o convidou a passar um domingo a bordo. Mister Myles levou-me consigo. Havia recepção no cruzador, muita gente graúda, entre a qual meu professor Guilherme Moreira, a quem Mário Borges, filho do Presidente do Estado, só chamava – *William*, talvez por se acharem em um vaso de guerra ianque.

O lindo navio pintado de branco, com o aço dos canhões alumiando ao sol, reacendeu a chama de meu entusiasmo em ser marinheiro. Comprei um dólmã de azul-mescla e um cachimbo. À noitinha, descia, gingando o passo, para a rua do Chafariz e ia sentar-me na sala traseira da venda do Assunção, onde se reuniam embarcadiços.O velho Xavier, empregado no porto, vinha

6 – Hoje Avenida Dom Manuel. – M.S.A.
7 – Sede dos Círculos Operários Católicos, no início da Rua 25 de Março, antiga do Outeiro. – M.S.A.
8 – Hoje, novamente, Parangaba. – M.S.A.

conversar comigo. Líamos histórias e poesias sobre o mar e a vida de marinheiro. Um dia, ele emprestou-me o "Navio Negreiro" de Castro Alves. Quase fiquei maluco. Que revelação! Decorei o poema e o recitava por toda a parte.

Está se vendo que, nessas condições, os estudos necessariamente iam de águas abaixo. No fim do ano, levei tanta bomba que fiquei incapacitado de exames em segunda época e tive de dobrá-lo. A luta em casa aumentou. Minha revolta íntima cresceu. Comecei a invejar os colegas que faziam preparatórios parceladamente, livres da freqüência obrigatória e da apertada disciplina do Curso Integral. Alguns, embora mais velhos do que eu, conversavam às vezes comigo e mostravam as vantagens que desfrutavam: Alfredo Bezerra de Araújo, muito macambúzio e corcovado, Artur Mota, rico, filho de banqueiro, dono dum cavalo de sela admirável, Gabriel Skinner, filho dum velho marmorista conceituado na cidade, hoje com projeção no escotismo nacional, Domingos Bonifácio, funcionário de Fazenda, que escrevia nos jornais, Rodolfo e Manfredo Segismundo Liberal, o boêmio Teúnas Gualberto de Oliveira e Afonso Bezerra, destinado a morrer vítima duma bomba de dinamite no atentado contra o deputado Tomás Cavalcanti, quando da agitação rabelista em Fortaleza.

Apesar de mais fáceis do que os do Curso de Madureza, que eram arrochados, os exames avulsos de preparatórios no Ceará se realizavam dentro de normas bastante rigorosas. Por isso, muita gente se dava ao luxo duma viagem à Paraíba, onde os corações dos examinadores eram reconhecidamente mais brandos. Sófocles Câmara, por exemplo, ia lá buscar três ou quatro preparatórios por ano.

Todavia minha vadiagem não conseguiu fazer com que deixasse de ser um dos primeiros alunos em desenho e o primeiro, sem contestação, em geografia e história. Não só as matérias eram mais agradáveis ao meu espírito como os professores as tornavam acessíveis. O de geografia, dr. Antônio Teodorico da Costa, tornou-se o ídolo da minha

geração. Bondoso. Paciente. Agradável. Não fazia pouco caso de ninguém. Não humilhava o faltoso ou o preguiçoso. Aconselhava com brandura. Também não se limitava ao ramerrão dos compêndios de Tomás Pompeu e Moreira Pinto. Lia "Le Tour du Monde", Rêclus, as "Grandes viagens e grandes viajantes" de Charton e ilustrava as aulas com palestras sobre usos exóticos, costumes invulgares, episódios heróicos, observações curiosas. Eu sabia muito mais história do que o próprio livro adotado, o Mascarenhas. Lia todos os livros de história de meu primo Ricardo. Conversava com ele. Escutava as tiradas de meu pai, ao jantar, sobre a idade Média e a Revolução Francesa, com a maior atenção. Muitas vezes, quando dava minha lição de história, juntava-se um bando de meninos dos outros anos, à porta da sala, para ouvi-la.

O francês e o inglês eram sacrificados à implicância com o professor Guilherme Moreira. A gramática latina de Clintock dava-me uma dessas preguiças que nenhuma força é capaz de vencer. Suportava o "De Bello Galico". Ainda hoje sei grande parte dele de cor. Mas Horácio e Virgílio fatigavam-me o espírito em dois minutos. O pior de tudo era a tal de álgebra. Empaquei desgraçadamente nas equações do 2º grau. Preferia ver pegar touros magros à unha e montar em cavalos de aluguel a lidar com $Ax + Bx + C = O$.

Meu pendor para as cousas literárias começou a manifestar-se um pouco nessa época de revolta, com o agrado que sentia em freqüentar as representações do Grêmio Taliense de Amadores, dirigido por Carlos Câmara, onde tocava sempre, regida pelo maestro Manuel Magalhães, a orquestra do Clube Filarmônico de Amadores, e as do Clube de Diversões Artísticas, rival do Grêmio, onde pontificavam Pápi Júnior,(9) Padilha de Negreiros e Valente de Andrade, representante dum jornal carioca encalhado no Ceará, onde se casara e fundara um colégio com José Vieira. De 1911 a 1912, fomos companheiros na re-

9 - Pai de D. Nadir Papi Sabóia. - M.S.A.

dação do "Jornal do Comércio". Menino de treze anos, passava despercebido a todas essas pessoas, mas elas não me passavam despercebidas. Todas já morreram. Aos cinqüenta anos, não dou um passo pelas minhas recordações que não seja por entre cruzes.

Na festa de 19 de outubro, a sessão literária me agradou mais do que a passeata dos alunos pelas ruas, puxados por uma banda de música. Ouvi atentamente o discurso de Bruno Barbosa, inaugurando os retratos dos professores falecidos João Francisco Sampaio e Henrique Théberge.(10) Voltei para casa com uma interrogação em surdina lá no fundo do meu espírito:

– Algum dia terei coragem de pronunciar um discurso?

10 - Filho de Pedro Theberge, autor de uma história do Ceará. - M.S.A.

ISAQUE BRITO

Parecia o passarinho chamado no Norte *sebite*. Pequenino, magro, ágil, vivo, olhos miúdos de preá. Saíra à mãe. O pai, Juvêncio Brito, era forte, barrigudo, mais alto do que baixo, de charuto pendurado ao queixo e fala grossa. Um dos marchantes da cidade. Isaque, meu companheiro no Liceu, tinha a faculdade de decorar tudo como um papagaio e de não saber nada. Uma feita, deu-lhe na veneta falar francês e inglês. Achou ser o melhor meio para realizar essa idéia aprender de cor todas as frases dos temas e lições dos compêndios escolares. Depois, convidou todos os colegas para uma demonstração prática no Passeio Público. Fomos à tarde e nos sentamos num banco da avenida Caio Prado(1), diante do mar. Temperatura agradável ao sopro manso do alíseo vesperal. Os poucos estrangeiros da terra costumavam vir gozá-la naquele recanto.

O primeiro a aparecer foi Mister John Reid, gerente da Companhia do Gás, inglês de quarta classe, ainda moço, cor de tijolo, de pince-nez e cachimbo, arrotando uma importância de feitor na África e pisando com as brutas sapatorras fortemente o nosso solo como a apregoar sua conquista. Isaque Brito teve a inaudita coragem de dirigir-se àquele potentado com uma pronúncia que bem se pode avaliar qual tenha sido, dizendo-lhe em carretilha todo um exercício por perguntas e respostas do Bensabat:

– *How do you do?*
– *Very well. Thank you.*

1 – Nome que se dava a uma das três alêias que, no sentido leste-oeste, cortavam o Passeio Publico: a Caio Prado, no lado norte; a Carapinina, ao meio; e a Mororó, ao sul, próxima ao leito da Rua João Moreira. – M.S.A.

– *Where are you going?*
– *I am going to the school.*
– *Do you like your school?*
– *Yes. I like very much.*

Mister John Reid parou, concertou o pince-nez e examinou detidamente o verme humano que o interpelava naquela língua desconhecida. Encolheu os ombros após alguns instantes e, sem tirar o cachimbo da boca, tartamudeou:

– Oh! coitadinhes, está ficanda maluques...

Em sentido contrário, vinha elegante e taful Madame Branca Reischoffer. Com uma das mãos suspendia um pouco as longas saias rendadas. Com a outra agitava uma sombrinha de seda creme. Isaque abordou-a e metralhou-a com outra carretilha de frases:

– "La Fontaine a écrit des fables que tout le monde apprend par coeur. Le lion est le roi des animaux. Le livre de l'enfant est joli. Dieu est misericordieux. La France est un doux pays. Voulez-vous promener avec moi?"

A bela judia apressou o passo, um tanto espantada, sem entender patavina daquilo tudo. Ele seguiu-a, continuando o papaguear. Ao pé da caixa de água, em frente à rua Major Facundo, ela impacientou-se e explodiu, ameaçando-o com o guarda-sol creme:

– *Fichez-moi la paix, voyou!*

Isaque voltou descoroçoado e sentou-se junto conosco, suspirando:

– Não adianta. São umas bestas, não sabem falar nem a língua deles..

Isaque sofria da mania de decorar tudo. Nesse tempo, estavam em moda remédios terminados em *ina*, como mais tarde os em *ol* e quejandos. O farmacêutico Souza Soares anunciava longa lista deles nos jornais. Pedia-se a lista ao Isaque por brincadeira e ele matraqueava com incrível rapidez.

Febrilina
Nervosina

Respirina
Estomaquina
Doridina
Intestinina
Urinarina
Oleolina
Depuridina
Uterinina
Inflamina
Fortificina

Quando a gente acrescentava, por pilhéria: Brilhantina, Gasolina, Gelatina e Cavatina, ele zangava-se. Não fossem pensar que seria capaz de errar. Sabia de côr e recitava tudo o que de versalhada de anúncio aparecia em qualquer folha:

Quem é aquela formosa,
Que está ali assentada,
De tez alva, aveludada,
E de faces cor de rosa?
Vede-a tão linda e garbosa,
Nunca vi um rosto assim,
Aqui no nosso jardim!
Aquela meiga menina
É a bela Adalbertina
Que usa *Creme Amorim!*

Um dia apareceu no quadro negro do terceiro ano uma paródia a esta décima do teor seguinte:

Quem é aquele bichinho
Que vai ali apressado,
Com um todo amacacado
E uma pinta no focinho?
Vêde-o falando estrangeiro
Aqui no nosso jardim!

Nunca vi falar assim.
Ninguém entende o brejeiro
Que berra como um cabrito:
- *Je me chame Isaque Brito!*

A paródia obteve um êxito colossal. Isaque descobriu que eu era seu autor e ficou de mal comigo muito tempo.

Somente vi até hoje idêntica facilidade de decorar e tamanha rapidez no repetir em um tipo de rua que freqüentava as rodas de alunos do Liceu, na praça do Ferreira, o famosíssimo Tostão. Vinha-lhe a alcunha de pedir um tostão a quem encontrava. Davam-lhe a moeda e desfiava uma série de parlendas imoralíssimas, entremeadas com os nomes das pessoas mais ilustres e conspícuas da terra, o que produzia as mais bizarras antinomias. Verdadeiro papagaio humano. Quando acabava de enumerar tudo aquilo e mais a horrenda lista das matérias pornográficas que dizia estar aprendendo, declarava singelamente:

- Meu professor é o dr. Antônio Epaminondas da Frota, vulgo Papagaio Macho, diretor do Liceu do Ceará!

Vingança de estudantes!

O OFÍCIO DO PAPAGAIO MACHO

O dr. Epaminondas, homem honesto e bom, não possuía a maleabilidade necessária para conduzir bem, sem forçar a mão e provocar revolta, um rebanho de meninos levados do diabo. O dissídio entre ele e seus jurisdicionados envenenou-se de tal sorte que, um dia, ao entrar no Liceu, foi vaiado e metralhado com caroços de monguba que choviam do alto das árvores, onde trepara uma tribo de guerreiros selvagens de que eu fazia parte. O Secretário do Liceu telefonou para o Posto Policial da praça do Ferreira,(1) de onde vieram cinco ou seis guardas cívicos, corridos sem dificuldades a pedradas pelos alunos maiores, enquanto a caroçada tamborilava nas vidraças do edifício. Nova telefonada. Apareceram vinte praças com o gordo Major Ranulfo a cavalo. A rapazeada entrincheirou-se por trás da cacimbão central e dos troncos, sem parar o apedrejamento. A macacada do arvoredo não cessou de fazer fogo. Um matacão derrubou o Major da montaria. Os estudantes do meu tempo sabiam reagir. Hoje ninguém reage mais. Todos se acomodam. A tropa carregou com os rifles alumiando ao sol e debandou os rebeldes.

Os que estavam nas árvores continuaram escondidos, sem poder descer, porque os policiais ocupavam toda a quadra. Fechou-se o Liceu às quatro horas da tarde e eles sem arredar pé. Tínhamos que ir para nossas casas sem sermos agarrados. Passando duma árvore para outra pelas pontas dos galhos, como macacos ou índios, em extraordinárias acrobacias, conseguimos nos reunir na grande mongubeira da esquina da rua do Rosário. Éramos uns oito. Precipitamo-nos de súbito, a um tempo, no chão, com

1 - Situava-se no local de um dos prédios da Caixa Econômica Federal, na Rua Guilherme Rocha, quarteirão entre as ruas General Bizerril e Floriano Peixoto, face sul. Confrontava com os fundos da Igreja do Rosário. - M.S.A.

uma gritaria de ensurdecer. Os soldados ficaram tontos e fugimos em todas as direções. Nenhum foi seguro.

No dia seguinte, entrei no Liceu meio ressabiado, um olho no padre, outro na missa. Todos os meninos sérios, compungidos. Parecia casa em que tivesse morrido alguém. Na tábua à porta da Secretaria em que se colavam editais, horários e avisos, branquejava uma portaria de suspensão, encimando a longa lista dos castigados. Lá estava o meu nome com dez dias, por motivo disciplinar.

Saí com o coração aos pulos. O mal estava feito. Não havia remédio, nem para quem apelar. Precisava tratar de ocultar tudo à minha família. O Liceu tinha três empregados de categoria secundária, abaixo do porteiro: o dr. Bacorinho, cujo nome não me lembro mais, inspetor de alunos, odiado por todos, pretensioso e ruim, sempre de lápis em punho, tomando notas para dar parte; o Zé Grande, servente, alma boa e despreocupada, gostando duma gorjetinha uma vez por outra; e o Graciano, mulato claro e sem dentes, de Pernambuco, ajudante do preparador de Física, incapaz de matar uma barata, cuja casinhola no morro do Moinho(2) eu freqüentava à noite muitas vezes para uma prosa e um café gostoso, que ele coava como ninguém. Um dos três teria de levar ao sobrado o ofício comunicando o castigo. Dois tinha a certeza de que me protegeriam. Pedi a Nosso Senhor e a Santo Antônio que me livrassem do dr. Bacorinho. Fiz promessas.

Até a hora de jantar, rondei ansiosamente a porta de casa. Não veio ninguém. Quando me achava à mesa, bateram palmas. Levantei-me e fui atender, correndo como uma bala. O carão do Zé Grande sorria no topo da escada. Perguntou:

– *Seu* Coronel está?

– Não, respondi com a maior naturalidade, foi para o sítio e só volta amanhã.

– E o resto da família?

2 - Por trás da Estação dos trens, próximo da praia. - M.S.A.

– Saíram todos em visitas.

– Trouxe aqui um papel para *seu* Coronel. Posso deixar em confiança?

– Pode.

Abençoado Zé Grande! Entregou-me o invólucro que enfiei por dentro da blusa. Sentei-me à mesa, afetando a maior calma deste mundo, a vontade dominando os pulos do coração.

– Quem era? indagou meu pai.

– Um sujeito meio bêbado pedindo dinheiro.

Uma de minhas tias comentou:

– Esta cidade está ficando sem Polícia.

Após o jantar, queimei o maldito ofício do Papagaio Macho no fundo do quintal. Durante os dez dias que durou a suspensão, saía para as aulas e ia passear a cavalo, assistir às touradas do Ramirez, tomar banhos de mar ou jogar bilhar à francesa, à italiana e à americana no sobradinho do Bonates, à esquina da rua do Cajueiro(3). Vida deliciosa! Em casa, nunca souberam dessa suspensão. Sempre que vou ao Ceará, em memória do feito, gorjeteio o Zé Grande, que continua vivo. Ainda em setembro de 1937 comemoramos juntos, num café da rua da Assembléia(4), a destruição do ofício do Papagaio Macho.

---

3 – Rua Pedro Borges, atualmente. – M.S.A.
4 – Atual Rua São Paulo. – M.S.A.

JOGO DO BICHO

Em 1901, comecei a tornar-me elegante, graças ao que vulgarmente se chama *golpe errado*, dado por meu padrinho, Antônio Leal de Miranda, dono do Banco Forte. Tendo chegado da Europa, onde visitara a Exposição Internacional de Paris, fui vê-lo, levando-lhe recados amáveis de meu pai e de todos de casa. Recebeu-me na alpendrada traseira de sua residência, balançando-se preguiçosamente numa rede. Deu-me a gorda mão a beijar e falou:

– Deus o abençoe! Lembranças a todos. Diga que um dia destes aparecerei para conversar.

Depois duma pausa, com um suspiro:

– Procurei uma lembrancinha para você na Exposição de Paris e não encontrei nada que prestasse.

Não acreditei e fui saindo, de cabeça baixa, decepcionado. Ele sentiu um pouco de remorso e chamou o rapaz que então o ajudava e hoje é, do próprio esforço, distinto oficial superior do Exército:

– *Seu* Severo, encha aí uma *poulezinha* de três mil réis para meu afilhado ver se tem sorte.

O Alfredo Severo indagou:

– Em que bicho, sr. Miranda?

E ele:

– Na borboleta, meu filho. É o bicho que há mais tempo não dá. Bom palpite!

A borboleta era conhecida por não dar nunca. Consideravam-na todos o azar dos azares. Meu padrinho descartava-se do afilhado pobre com um gesto bonito e nenhum risco. Mas o homem põe e Deus dispõe. À tarde deu a borboleta! Eu, que guardava indiferente, por guardar, a *poule* do Banco Forte, corri a receber os meus ses-

senta mil réis. Meu padrinho pagou-os suspirando continuamente:

– Que sorte, menino! Que sorte! Ai! Ai! Na tua idade nunca tive o gosto de pegar em sessenta mil réis. É muito dinheiro. É um começo de vida. Ai! Ai! Vou dizer ao compadre que abra com esse cobre uma caderneta na Caixa Econômica. Ai! Ai!.

Deu-me o dinheiro em notas miúdas de cinco mil, de dois mil, de mil e de quinhentos réis, contando-as vagarosamente como para que demorassem mais tempo em suas mãos. Os sessenta mil réis deram para um terno de jaquetão azul, feito pelo Amâncio, para um chapéu de feltro preto ao meu gosto e para um par de botinhas Bostock, de enfiar. Livrei-me afinal do *chapéu de couro* e dumas botinhas de verniz e elásticos, inteiriças, a militar, da antiga grande gala de meu pai, que me forçavam a usar, embora com rachas por onde saiam os tufos brancos das meias de algodão. Se ia a qualquer reunião, escondia os pés, encalistrado.

Meu padrinho errava sempre os golpes com que pretendia defender-se no jogo do bicho. Parecia castigo. Contavam que um matuto de posição procurara-o e lhe dissera:

– Sr. Miranda, tive esta noite um sonho que dá um palpite formidável. Quero jogar um conto de réis. Procurei seu banco, porque sei que é forte, agüenta a parada.

O Mirandão hesitou um instante entre o ganho provável do conto de réis e o risco possível do palpite dar certo. Indagou para julgar melhor o caso:

– O sr. poderá contar-me o sonho que teve?

– Pois não. Sonhei que ia por um caminho e esbarrei de repente numa moita de onde saiu um lagarto enorme que avançou para mim com o rabo encurvado como uma foice. Vou arriscar um conto de réis no jacaré. É tiro e queda!

Meu padrinho estremeceu. O jacaré era um dos bichos que mais saiam. Habilmente dissuadiu o matuto:

– O sr. está enganado. Esse sonho não dá para jacaré. Qual o que! O palpite certo é galo. O lagarto não tem importância. O que vale é o rabo, e rabo curvo, em forma de foice, é de galo. Na certa!

O outro pensou um momento e declarou-se convencido, jogando o conto de réis no galo. De tarde, a notícia do Rio foi um estouro para meu padrinho: Galo!

1902

O ANO TERRÍVEL

L'année terrible! Dobrei o terceiro ano. Exames rigorosíssimos em 1901 e muita vadiação. Diminuta a turma, entrada no Liceu depois de mim, que me pegava em atraso: Péricles Antunes de Alencar, Abdênago da Rocha Lima, Francisco Prado, Júlio de Matos Ibiapina, hoje professor e jornalista de renome, e Carlos Augusto Perdigão de Oliveira, a simpatia e a bondade em pessoa, que apelidávamos – o Foca. Todos ótimos estudantes, cumpridores dos deveres, que me olhavam de soslaio como que receosos de contraírem a mesma doença.

Continuei na vadiagem sem me ligar muito a eles. Freqüentava de preferência a roda dos preparatorianos, onde tinha melhor acolhida e figuravam Sebastião Cavalcanti de Albuquerque, – o Mirabeau, e três Júlios, Júlio de Oliveira, Júlio Sampaio e o poeta Júlio Maciel.

Com meninos de outros anos, organizava em torno do lago do Parque da Liberdade(1) *corridas de cavalos*, com inscrições a duzentos réis e prêmios aos vencedores, tudo como no Derby Cearense. Uma porção de garotos corriam por minha conta e repartíamos o ganho. Dois terços para mim, que pagava a inscrição, e um para eles. Faziam-se apostas por fora. Havia duas coudelarias: a minha era a Cearense, a rival, Acreana. Os *cavalos* possuíam nomes de guerra. Homero Ribeiro, detentor do maior número de prêmios, apelidado Sapa Prenha por ter as pernas arqueadas, chamava-se Atleta; Alderico Perdigão, Fumaça; José Israel, Flor do Prado.

1 – Onde se instalou, na década de 1930, a Cidade da Criança. – M.S.A.

A Coudelaria Acreana refletia o fervor em torno da questão do Acre, de que falavam os jornais. A estudantada ia a bordo dos paquetes do Lloyd Brasileiro ver passar os batalhões da expedição do general Olímpio da Silveira. Realizavam-se sessões cívicas, comícios e passeatas pelas ruas, com vivas a Plácido de Castro e morras à Bolívia, ao general Pando e ao judeu Leão, que traíra os acreanos revoltados e indicava seus refúgios aos invassores.

Freqüentávamos também as sessões do júri, nos altos da Intendência Municipal,(2) onde retumbava a verborragia demagógica do advogado Joaquim da Silva Menezes, que aplaudíamos com delírio só para o juiz mandar evacuar as galerias. Atraía-nos qualquer oratória tonitruante e vazia. As conferências eruditas do padre Júlio Maria, na Sé, decepcionaram-nos.

À noite, íamos ao circo da Companhia Peri Coelho, onde o palhaço Laplace nos matava de riso e a Estela Foller nos deslumbrava com a Dança da Serpentina, ou às sessões da Companhia de Arte e Bioscope Inglês do José Filippi, que exibia as primeiras fitas animadas: "O criado espiando pelo buraco da fechadura" e a "Luta extravagante", e as vistas da "Catástrofe da Martinica" com o monte Pelé fumegando e escombros cobertos de cinza. Esse avô do cinema obrigou o pobre Paula Barros a fechar definitivamente as portas de sua *lapinha mecânica*, desaparecendo para sempre no esquecimento.

Os estudos de mal a pior! Não estudava e quase não freqüentava as aulas, salvo as de geografia e história, que continuavam a me atrair. No fundo da alma, alguma cousa que não sabia bem o que era prendia-me sempre àquele estabelecimento criado a 15 de julho de 1844 pelos esforços do Senador Pompeu e inaugurado no salão da Câmara

2 – Sobrado existente, até a década de 1 940, no lado norte da Praça do Ferreira, com três frentes – para as ruas Guilherme Rocha e Floriano Peixoto e a Travessa Pará, desaparecida com a demolição de todo o quarteirão. – M.S.A.

Municipal(3) a 19 de outubro de 1845, data que os estudantes festejam tradicionalmente, com carinho.

Em 1902, no dia 20 ela mereceu um belo editorial da "República", que terminava assim: "Mocidade, onde estão os próceres que vos precederam e passaram pelos mesmos bancos? Uns assistem aos próprios triunfos, indefesos operários do mesmo edifício de nosso progresso intelectual na política, nas ciências, nas letras e nas artes. Outros têm apenas a memória orvalhada pelas lágrimas da saudade".

Reproduzindo estas palavras trinta e oito anos depois, vejo-me nos dois casos: assisto de certo modo ao meu próprio triunfo e verto lágrimas de saudade sobre a primavera de minha vida, em grande parte passada no velho Liceu do Ceará.

Dos meus professores somente Monsenhor Bruno de Figueiredo e o Dr. Teodorico me dispensavam sempre sua consideração afetuosa. Monsenhor Bruno nunca descreu de mim. Devo-lhe isso. Quando lhe contavam minhas diabruras, encolhia os ombros e dizia: – Isso passa! Isso passa! Ele endireita. Os outros, não; estavam todos convencidos de que era um perdido, um moleque. A meninada e até os maiores, no entanto, respeitavam-me os ares de mata-mouros, o que se contava das minhas traquinadas e sobretudo a navalha que trazia dia e noite no bolso. Minha família, isolada no velho sobradão silencioso, ignorava quatro quintos do que eu fazia.

Ano terrível! Poderei chamá-lo com propriedade – a dança em cima do abismo.

3 – Funcionava também no aludido sobradão da Intendência. – M.S.A.

O MAXIMINO

Nesse ano, conheci fora do Liceu um menino endemoniado que acabou de me desencaminhar. Valente e desabusado, com toda a escola da vadiagem, era filho do falecido Desembargador Américo de Freitas Guimarães e residia com suas irmãs e irmãos num sobradão de cinco portas, à rua Formosa,(1) quase esquina da Senador Alencar, antiga travessa das Hortas. Chamava-se Maximino e era cruel como o Imperador romano do seu nome.

Por baixo da escada do sobrado, abria-se uma porta, um pátio interno, seguido de grande quintal com goiabeiras e ateiras. No pátio, quartos vazios da antiga criadagem. Nosso conhecimento viera de morarmos junto à Escola de Aprendizes Marinheiros no casarão do português José Maria da Silveira, à rua da Praia,(2) onde agora se ergue o prédio atorreado da Secretaria da Fazenda. Sabíamos os nomes dos oficiais superiores e conversávamos com os sargentos e cabos. Acompanhávamos as formaturas. Éramos infalíveis à cerimônia do arriar a bandeira. Daí a idéia de fundarmos nos baixos do sobrado uma Escola de Aprendizes Marinheiros.

Traçamos o plano e executamo-lo à risca. Juntamos dinheiro e compramos uma peça de algodãozinho, com que a Elvira, irmã do Maximino, confeccionou blusas de marujos em três tamanhos e dólmãs de oficiais. Os sabres eram de arcos de barril de ferro e as espingardas de madeira podiam calar baioneta. O sirgueiro Joaquim Deodato vendeu-nos uma corneta velha por oito mil réis.

A Escola ocupava os quartos do pátio. No socavão da escada, pusemos uma grade de pau e o transformamos em xadrez. A caixa do registro do gás, desocupada por econo-

1 – Hoje Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.
2 – Atual Rua Pessoa Anta. – M.S.A.

mia da família em decadência, passou a solitária. No portal da sala de armas, pendia dum prego uma palmatória para manter a disciplina. Como comandante, imitava o *jeitão* do capitão-tenente Ludgero Bento da Cunha Mota. O Luisinho Cunha Barros foi escolhido imediato, porque parecia com o primeiro tenente Abdon Caminha; Luís, irmão mais moço do Maximino, era o comissário. O Coelhinho, filho do Chico Coelho, muito gordo, fazia o papel de médico. O 1º sargento Maximino impunha as punições disciplinares. A meninada das proximidades, deslumbrada por aquilo tudo, assentava praça aos magotes e chiava no bolo, se não fazia o exercício direitinho.

Às cinco horas da tarde, começava a brincadeira. Ao chegar, a sentinela bradava às armas, a guarda formava e o caboclo Lupércio dava o toque de comando. Uma maravilha! À noite, espalhávamos patrulhas até a rua do Sampaio(3) e até o Trilho de Ferro,(4) recrutando os moleques pelas esquinas, que eram metidos no xadrez. Se reagiam, entravam na palmatória e na solitária. O batalhão de meninos mais bem organizado que jamais houve no Ceará. Nunca tive notícia de outro igual, nem antes, nem depois.

O farmacêutico José Elói acabou com ele. Seu filho mais moço, o Mário, hoje distinto engenheiro, entusiasmou-se pelas nossas paradas e assentou praça, apesar da proibição terminante do pai de que não queria vê-lo misturado com os moleques do Barrosinho. À primeira vez em que saiu formado, por caiporismo deu com o pai à esquina da bodega do Arruda. Tomou-se de pânico, despiu a blusa, largou a espingarda e pernas para que te quero? pela rua Formosa afora.

Gritei, indignado com a indisciplina:

– Pega o desertor! Pega! Debandar!

---

3 – Rua Governador Sampaio, o antigo Beco da Apertada Hora. – M.S.A.
4 – Atual Avenida Tristão Gonçalves, por onde passavam os trilhos da estrada de ferro em demanda do interior. – M.S.A.

Os pelotões dispersos perseguiram o fugitivo que deu volta ao quarteirão e se meteu em casa, na rua Major Facundo. Ao chegarmos lá no seu encalço, demos de cara com o José Elói, que viera pelo outro lado e nos escorraçou, brandindo a bengala. Não se contentou com isso. Começou terrível propaganda contra a Escola, procurando os pais dos meninos mais animados e enchendo-lhes os ouvidos de que aquilo era uma perdição. O Chico Coelho internou o dele no colégio do Anacleto. O velho João Saboia proibiu ao Jorge Saboia o nosso convívio. A viúva Cunha Barros retirou o Luisinho. A viúva Manuel Rocha, o Zé Rocha; o velho Coutinho dos Correios, o neto Clóvis, alcunhado Bogologa. Outras pessoas seguiram-lhes o exemplo e nossas fileiras foram rareando.

Um dia, à *court d'argent*, o Maximino vendeu a corneta, o armamento e o fardamento. Como não me pudesse prestar contas, foi arejar corpo e alma no sítio da família, no Trairi, em companhia do Lupércio. De volta, como continuasse a pintar a manta, as irmãs meteram-no na verdadeira Escola de Aprendizes Marinheiros Nacionais. Morreu anos depois, de febre amarela, a bordo do "Benjamin Constant", no porto de Nova Orleans. Deus o perdoe! O irmão fez-se faroleiro no Pará, depois de ter sido remador da Capitania do Porto.

Graças a Deus, meu anjo da guarda me impediu de rolar no abismo.

O BOI DE BOTAS

Fechada a Escola de Aprendizes Marinheiros, inventei outra cousa para encher o tempo. Meu espírito irrequieto e ativo exigia derivativos à sua revolta. Durante o ano tivera pavorosa decepção.

Vi certo domingo, à noite, no Passeio Público, um rapazelho corado, mais ou menos da minha idade, com o mais lindo uniforme deste mundo: calças garance, dólmã castanho, dragonas de torçal dourado. Nunca tinha visto uma farda assim. Soube que era o Clóvis, filho do falecido Dr. Meton de Alencar, grande cirurgião, médico do Exército e veterano do Paraguai. O menino cursava o Colégio Militar do Rio de Janeiro. Quando a banda de música da polícia deixou o Passeio e toda a gente foi embora, acompanhei-o até sua casa na rua General Sampaio, sem que notasse, apreciando em silêncio sua linda indumentária. E não preguei olho metade da noite, pensando no Colégio Militar.

Logo no dia seguinte, pus-me em campo para obter todas as informações precisas sobre o Colégio. De posse delas, armei-me de toda a coragem que o caso requeria e falei diretamente a meu pai, a sós, pela manhã, no seu cartório. Supliquei-lhe que me mandasse para o Colégio Militar, prometendo de pedra e cal estudar e fazer figura. Falei a linguagem da sinceridade. Ele ou não acreditou ou achou que não podia com aquela despesa, pois já gastava muito com minha irmã, internada no Colégio da Imaculada Conceição. Devia ter refletido no caso de minha irmã em muita cousa parecidíssima comigo. Vinda do Maranhão com minha família alemã, fez tais diabruras que meu pai se viu obrigado a apelar para o internamento com as irmãs de caridade. Receava-se uma expulsão e obteve-se recomendação especial do bispo. Pois bem, a menina encarreirou-se, tornou-se a melhor aluna do estabelecimento, dele saiu para ensinar alguns anos em Fortaleza,

ganhando o dinheiro com que pagou seu dote de Noiva do Senhor, professando num convento de Beneditinas, onde morreu aos trinta anos. Se meu pai me tivesse atendido, outro teria sido o meu destino. Mas recusou.

Sabia que com um pequeno esforço podia realizar o meu desejo. Por isso, mordendo os lábios, recalquei uma explosão e afastei-me desalentado. Nunca mais na minha vida lhe pedi nada.

Minha Escola de Aprendizes representava o Colégio Militar que não conseguira. Era uma tentativa de realização pelas minhas mãos daquilo que me negavam. Fechada, decidi abandonar a Marinha e dedicar-me à Artilharia. Talvez fosse mais feliz. Com o tronco dum cano de granadeira Minié, preso por aros de ferro a um bloco de pesada madeira, fabriquei um canhão. Não disparava como qualquer ronqueira reles por meio dum pavio a que se pusesse fogo. Muito mais aperfeiçoado. Conservei-lhe o ouvido protuberante e, depois de carregada a peça, nele enfiava uma espoleta de caça. Batia-lhe com um martelo: o tiro partia.

Acrescentei ao bloco de madeira um reparo de tábuas, assentei-o sobre as rodas do meu antigo velocípede, pintei tudo de verde como os velhos La Hitte da fortaleza de Nossa Senhora da Assunção(1) e obtive uma peça de artilharia como nenhum menino jamais possuíra na minha terra. Impossível conservá-la em casa. Se soubessem de sua existência, minhas tias ficariam malucas. Levei-a para o Café do Floriano(2), onde este não negociava mais, alugado à família do meu amigo Gidinho, que nele residia. Com outras duas rodas velhas, um caixote de sabão, varas e tinta fabricamos ali o armão a que a peça se engataria e de que precisávamos para guardar munições, soquete e martelo. E os animais de tiro?

Muito pobres os pais do Gidinho. O velho Egídio, simples guarda da Alfândega. D. Constança, muito gorda, co-

1 - Forte que deu nome à capital cearense. - M.S.A.
2 - No bairro da Prainha. - M.S.A.

sia, cozinhava e engomava para fora. Mas adoravam aquele filho único e tinham-lhe comprado um carneiro malhado que pastava o capim salgado da praia. Arranjei outro carneiro e completei a parelha. Assim, nasceu naquele recanto dum bairro tranqüilo de Fortaleza, graças à imaginação dum menino, o Primeiro Regimento de Artilharia a Cavalo, famigerado Boi de Botas, diretamente transportado pela magia do espírito dos campos de Tuiuti, onde se cobrira de glória sob o comando do velho Mallet.

Em frente do Café do Floriano, erguia-se a Alfândega, cuja guarda era dada pelo Contingente do 2º de infantaria, que fora transferido de guarnição por imposições políticas do velho Aciólli. Conhecíamos todos os sargentos, cabos e soldados, os quais nos davam peças de uniforme fora de uso: túnicas, quepes e bibicos. Com elas, D. Constança compôs pacientemente o fardamento dos dois oficiais e dos seis inferiores e soldados do Boi de Botas: Coronel Barroso, capitão Gidinho, Sargento Benedito, meu compadre de São João, o Beni, cabos Olavo e Manuel de Pontes, praças João do Cristóvão, que uma vez salvei de morrer afogado no Poço da Draga(3), o negro Vespasiano, que imitava o clarim, e o caboclo Caganíquel. A memória destes heróis não deve ficar sepultada no esquecimento.

Meu carneiro foi comprado ao Antônio Matias, à rua da Cruz(4), por trás da igreja do Sagrado Coração, e trazido a pé, às escondidas, pelos areais do Pajeú e do Rabo de Besta para a Praia(5). Custou sete mil réis. Alvinho e manso. Antônio Matias merece especial referência, como uma das criaturas mais interessantes de sua época, em Fortaleza. As anedotas que contavam a seu respeito pintam quem ele era: cigano, mentiroso e filósofo.

Guabiraba, abastado negociante no Calçamento da Messejana(6), gostava imensamente de cavalos marchadores e esquipadores. Antônio Matias, diariamente, pas-

3 - Na Praia Formosa, formado pela foz do riacho Pajeú. - M.S.A.
4 - Atual Rua Barão de Aratanha. - M.S.A.
5 - Praia, para o Autor, era a Prainha. - M.S.A.

sava-lhe à porta, de tarde, para lá e para cá, em lindo cavalo melado-caxito, isto é, baio de canos pretos, que encurvava elegantemente o pescoço e baralhava com a maior perfeição. Um dia, Guabiraba não se conteve e chamou o cavaleiro:

– Antônio Matias, venha cá!

O outro *riscou* o animal rente ao passeio:

– Às suas ordens, capitão!

– O cavalinho é bom, não?

– Ora, se é! É uma rede, de macio! Estrada baixa e alta, meio, marcha, baralha e esquipado, o que quiser! Doce de rédea como um carneirinho. Se quer experimentar um instantinho, eu *desapeio*.

Guabiraba, em mangas de camisa, experimentou o magnífico animal até o Alto da Balança(7). Não podia haver melhor. Examinou-lhe os dentes e os sinais. Depois, indagou:

– E para vender?

– Depende de preço, tornou o Antônio Matias.

– Quanto quer por ele?

– Oitocentos mil réis sem os arreios. Nem um tostão menos.

Guabiraba ofereceu seiscentos de cara. Discutiram. Fecharam afinal o negócio por setecentos, que o Antônio Matias embolsou logo. E foi dizendo:

– Capitão, deixe-me levar um de seus meninos na garupa até lá em casa para voltar com o cavalo. Eu não hei de carregar os arreios nas costas, não é verdade?

Guabiraba consentiu. Anoitecera, quando o menino trouxe o baio precioso. Levou-o pessoalmente à estrebaria, com todo o cuidado, e deu-lhe milho, alfafa, capim verde e farelo com mel de furo, para passar a noite. Pela manhã, vestido com um terno branco bem engomado e de flor ao

6 - Atual Avenida visconde do Rio Branco. M.S.A.
7 - Elevação do solo existente na estrada para Messejana, mais ou menos na altura da atual Base Aérea. - M.S.A.

peito, mandou banhá-lo, penteá-lo e selá-lo. Veio que parecia um brinco. Montou e acendeu um charuto, antegozando a figuração que ia fazer Calçamento da Messejana afora, os comentários invejosos, o alto preço lançado displicentemente às fuças dos perguntadores. Mas – que horror dos horrores! – o melado, igualzinho ao que exibia o vendedor, não havia meio de trocar um passo certo. Choutão de marca! Nem espora, nem chicote, nem puxões à brida e ao cabeção arrancavam dele mais do que um trote áspero e desengonçado. Guabiraba furioso galopou para a casa do Antônio Matias.

Encontrou-o sentado num tamborete à porta de entrada, calmamente encabando um chiqueirador. Levantou a cabeça e sorriu:

– Bom dia, Capitão! Vem me agradecer a boa compra?

O outro explodiu, erguendo ameaçadoramente o rebenque:

– Sem vergonha! Descarado! Malandro! Cigano do diabo! Ladrão duma figa!

– Que nomes feios são esses, Capitão? Que zanga é essa?

– Que zanga é essa, cachorro rabugento? Então, você não trocou de noite o cavalo marchador por este choutão desgraçado?

– Eu, Capitão de minha alma? Deus me livre!

– Você mesmo! Os cavalos são do mesmo tamanho e da mesma cor. Você preparou a velhacada!

A voz do Antônio Matias tornou-se macia como veludo:

– Capitão Guabiraba, que foi que o senhor deu ao bichinho para comer de noite?

– Ora, que pergunta? O que se dá a todo cavalo de sela: capim verde, alfafa, milho, farelo, mel de furo.

Antônio Matias encolheu os ombros e sacudiu a cabeça, profundamente desolado:

– É por isso que o animal não quer marchar nem esquipar. Logo vi que havia cousa! Aqui em casa ele só comia maizena. O senhor sustente-o com maizena e vai ver que beleza para baralhar!

Uma feita, alguém encontrou Antônio Matias à praça do Ferreira e prometeu-lhe de sopetão:

– Dou-te cinco mil réis, se me contares já uma mentira!

E ele, com a maior serenidade:

– Acabo de recusar dez ali na esquina para contar outra.

Quando morria um ricaço na cidade, ele costumava andar pelos cafés, dizendo em voz baixa aos conhecidos:

– Estou voltando do enterro do sr. Fulano. Examinei o defunto no caixão, estava direitinho, bem vestido, mas – coitado! – com tanto dinheiro foi com os bolsos vazios...

Baixava a cabeça tristemente e acrescentava:

– Se fosse de mortalha era pior ainda, porque mortalha não tem bolso...

Foi esse homem quem me vendeu o carneiro que ajudava a puxar a peça de artilharia do Boi de Botas. Carregando-a com pedaços de ferro e socando a pólvora com barro, fazíamos exercício de tiro contra as portas dos galpões de depósito isolados ao pé das dunas da praia. Arrebentamos a bala o cadeado daquele em que se guardavam as bóias de reserva da Capitania do Porto, onde raramente ia alguém, e nele estabelecemos nosso quartel. Aos domingos, fazíamos ali um almoço ajantarado de lamber o beiço: delicioso *baião-de-dois* com toucinho, isto é, arroz e feijão cozinhados juntos pelo mestre cuca Caganíquel. Comíamos acocorados em volta da panela, cada qual com sua colher de pau. Um traguinho de cachaça completava o rancho. À noite, acendíamos uma vela de carnaúba num lanternim de lata e vidro e, à sua luz, ceiávamos uma mariquita ou um cangulo da risca cosidos com pirão escaldado.

Não há bem que sempre dure. Abusamos um dia da carga de pólvora e da socagem de nossa peça, para bombardear do alto dum morro as barraquinhas de banho à beira-mar, numa distância de mais ou menos duzentos metros. Apontamos o primeiro tiro na barraca oitavada do judeu Boris. Caganíquel, verificador do alvo, fez sinal que

havíamos acertado. Segundo tiro. Na barraca azul do Valdemiro Moreira, novo sinal de boa pontaria. Disparamos o terceiro. O velho cano de ferro superaquecido não resistiu à explosão e rachou todo, *fachiou*, como diziam os meninos, esfuziando fogo e estilhas para todos os lados. Os artilheiros receberam queimaduras e ferimentos. Felizmente nada de grave. A peça, porém, estava inutilizada. O caboclo Caganíquel chorou de pena.

Vendi as rodas da artilharia ao português Bonates, que as aplicou numa carrocinha de verduras. Em 1914, Secretário do Interior no Ceará, detive uma vez um rapazelho à Rua do Chafariz(8) que levava uns cocos nessa carrocinha e contemplei instantes aquelas rodas gloriosas. Ele não podia adivinhar o porquê daquele exame e deve ter pensado que eu estava maluco. Gidinho vendeu o carneiro malhado. O meu foi entregue ao dono, que apareceu reclamando com provas, um filho do rico português do Benfica, Bernardo Ferreira da Cruz, Antônio Matias lograra-me como ao capitão Guabiraba. O grupo de Boi de Botas dissolveu-se. Decididamente eu não tinha sorte com as minhas organizações militares.

8 – Atual Rua José Avelino. – M.S.A.

O EXEMPLO DO MARINHEIRO

Antes do fim do ano, fui eliminado do Liceu por mais de vinte faltas sem justificação. O mal crescia. Em 1901, suspenso em companhia de muitos, por uma manifestação coletiva. Em 1902, eliminado sozinho, individualmente. Por que a eliminação? O Regulamento não permitia mais de vinte faltas não justificadas. As suspensões eram assim consideradas. Eu tinha mais de quinze faltas devidas a sucessivas gazetas. Uma suspensão muito justa por quinze dias encheu a medida.

Num dos corredores do Liceu, o dr. Bacorinho, endireitando o pince-nez e estufando o peito garnisé, chamara a minha atenção, porque estava rindo alto, de modo áspero. Retruquei-lhe no mesmo tom. Ameaçou dar parte. Disse-lhe que, se o fizesse, dava-lhe uma surra fora do estabelecimento. Sentindo-se desmoralizado diante dos alunos, o inspetor reagiu, avançando para mim de punhos fechados. Descasquei uma navalha e pu-lo a correr, lívido, até a portaria, onde o negro José se levantou, protestando com energia. Disse-lhe horrores e fui embora.

Nesse tempo, não largava uma navalha, cujo uso aprendera com os marinheiros. A arma produzira-me profunda impressão desde a mais tenra meninice. Quando existia a Escola Militar do Ceará, todos os anos, na data aniversária da revolta da Armada, os cadetes costumavam pregar nas paredes, por toda a cidade, cartazes com o retrato de Saldanha da Gama, injuriosamente ornamentado. Ficavam de guarda nas cercanias, a fim de que ninguém os arrancasse. Ainda estavam muito vivas as paixões do Florianismo e palpitavam os ódios gerados no sangue da guerra civil.

Certa manhã, brincava de camisolão – tão pequeno era – perto de casa, quando um grupo de alunos da Escola Militar à paisana pregou à esquina do sobrado do Barão

de Ibiapaba(1) o retrato enxovalhado do Almirante. Vinha passando, em direção ao mercado, um cabo de marinheiros do pequeno destacamento da Escola de Aprendizes. Parou, olhou o cartaz infame e as lágrimas lhe pularam dos olhos. Arrancou-o com indignação e dilacerou-o. Os cadetes, armados de cacetes e facas, cercaram-no, bramindo injúrias. Coçou-se rapidamente por baixo da blusa curta, a lâmina duma navalha alumiou na sua mão escura *e espalhou-se*. A cadetada fugiu. Desde esse dia, adorei uma navalha.

Ao entrar no Liceu, tivera pavor do dr. Bacorinho. Agora, não tinha medo de ninguém. Estava, como se diz na gíria, por conta do diabo. O dr. Epaminondas da Frota, a quem meu pai procurou para ver se dava remédio ao caso, declarou que eu devia ser expulso ou pelo menos eliminado. Em consideração a meu pai, como a suspensão por quinze dias somada às faltas redundavam em eliminação, aplicara-a, evitando maior mal para mim e um escândalo prejudicial à disciplina da instituição.

Em minha casa, houve o diabo. Nem é bom relembrar isso. Corramos sobre os sermões, os ralhos, as ameaças e os castigos o véu do esquecimento. Nada, absolutamente nada adiantou. Continuei mais revoltado e mais terrível do que nunca. Comigo era na navalha! O exemplo do marinheiro gravara-se para sempre profundamente no meu espírito. À menor cousa, eu me *coçava* e *espalhava*...

1 – Esquina noroeste das ruas Major Facundo e Senador Alencar. – M.S.A.

1903

O BATALHÃO DA GALINHA PRETA

De fins de 1902 a começo de 1903, envenenou-se a falada questão do território de Grossos, entre o Rio Grande do Norte e o Ceará. O primeiro laudo da Justiça, favorável às reivindicações cearenses, desgostou sobremodo os vizinhos que atropelaram as autoridades e ameaçaram com forças superiores o destacamento de quarenta praças do Major Raimundo Arrais. Sentindo-se inseguro, este recuou para o Aracati e pediu reforços. O presidente Pedro Borges ordenou que toda a policia, sob o comando do Coronel Cabral da Silveira, entrasse em campanha. Inicio de verdadeira guerra entre pedaços do mesmo Brasil, gravíssimo sintoma da desagregação nacional. Levara-nos a esse ponto, insensivelmente, o liberalismo maçônico-positivista, com a ampla autonomia dos Estados por um lado e o ideal das pequenas pátrias pelo outro.

Equipado em ordem de marcha, o Batalhão de Segurança deixou a cidade pelo Calçamento da Messejana.(1) Convocado pela imprensa, o povo acompanhou-o até perto ao Alto da Balança(2). A banda de música tocava o dobrado "Saudades de minha terra", ainda hoje usado pelas nossas tropas, que era a marcha das despedidas militares. Ao som dele, embarcaram o 14º, o 11º e o 2º de infantaria, quando em várias épocas transferidos de Fortaleza. Na insciência política e social de meus quinze anos, segui a multidão num grupo de camaradas do Liceu, que se mantinham fiéis à minha amizade, apesar da eliminação do ano

1 – Atual Avenida Visconde do Rio Branco. – M.S.A.
2 – Elevação do terreno situada mais ou menos onde hoje se acha a Base Aérea. – M.S.A.

anterior, Arquias de Aguiar Pereira, Pedro Monteiro Gondim, Boanerges Viana do Amaral, Eugênio de Avelar Cavalcante Rocha, Edgard Arruda, João e Amadeu Furtado, acompanhando as vociferações da arraia-miúda, excitada pelo Chico Vilela, fiscal da Câmara Municipal:

– Viva o Ceará!

– Viva o território cearense dos Grossos!

– Viva o Presidente do Estado!

– Viva o Coronel Cabral!

– Vivam as baionetas cearenses!

– Viva o bravo Batalhão de Segurança!

– Abaixo o Rio Grande do Norte!

– Morram os *gerimuns!*

– Morram os *currajados!*

Não fora essa a lição que aprendera no colégio do professor Lino da Encarnação. Ele ensinara-me que o Espírito Imortal do Brasil sobrelevava a todos os pruridos de desunião e que os brasileiros eram irmãos e deviam esquecer as rivalidades mesquinhas em face da soberba grandeza da Pátria Integral. Mas eu me afastara muito dos ensinamentos e exemplos daquele modesto, mas modelar, instituto de educação. O contágio de outro meio infeccionara-me sutilmente. A voz do Vilela me fazia estremecer e juntava ao coro minha voz ainda infantil.

De volta, cansados da longa caminhada, sentamonos numa beira de calçada à espera do bonde da linha da Estação(3). Perto, duas mulheres do povo conversavam:

– Comadre Biluca, *dizque* as guerras já entraram mesmo de verdade!

– É exato, comadre Rufina. O batalhão de polícia foi hoje. Se não chegar, segue a guarda cívica. Só quero é ver o dia em que tem de ir o tal de *batalhão da galinha preta.*

O Batalhão da Galinha Preta era a sociedade de tiro

3 – A linha da Estação percorria toda a atual Avenida Visconde do Rio Branco, dividida em três secções, a última delas terminando nas proximidades da atual Avenida 13 de Maio. – M.S.A.

da Fênix Caixeiral. Os rapazes do comércio que dela faziam parte usavam no boné o emblema da associação: uma águia negra surgindo das chamas. Não compreendendo o símbolo, o poviléu o intitulava galinha preta. Os caixeiros davam o cavaco e constantemente havia brigas entre eles e os alunos do Liceu. Bastava um grito, quando passava qualquer um:

– Galinha preta! Fechava-se o tempo.

MUDANÇA DE RUMO

A falta de consideração de que comecei a ser alvo por parte da maioria dos colegas, devido ao meu procedimento, causou em meu espírito maior efeito e mais salutar do que as punições que me impunham. Os dois anos perdidos muito me haviam atrasado no Curso de Madureza. Encontrei um dia na rua o professor Lino da Encarnação, que me chamou de parte e indagou com voz triste por que deixara de estudar e me comportava tão mal. Sacudiu a cabeça encanecida:

– Que pena, você, o meu melhor aluno!

Não tive uma palavra para responder-lhe. Aquela suave recriminação apunhalou-me. De outra feita, o preparatoriano Rui de Almeida Monte, apressadinho e dentucinha, caçoou comigo!

– Não passas dum bicho *crônico!* Três anos no terceiro ano, quatro no quarto, cinco no quinto e seis no sexto, daqui a quinze anos serás bacharel em letras barbado e pai de família, tendo conseguido isso em vinte anos de estudos. Uma beleza!

Não respondi. Minha vida respondeu-lhe com o tempo. Quinze anos depois de suas palavras, eu tinha sido no Ceará tudo o que se podia ser na minha idade: Secretário de Estado e Deputado Federal, e viajara à Europa e aos Estados Unidos com o Presidente eleito da República. Os governos enchiam-me o peito de condecorações. Voltas que o mundo dá ou, como escrevia D. Silvério, arcebispo de Mariana, meu eminente antecessor da Academia Brasileira, "altos juízos de Deus!"

A tristeza de meu antigo mestre e as picuinhas deste jaez meteram-me em brio e resolvi tomar o pião na unha. Insistir na conclusão do Curso Integral seria perder tempo, mesmo que nunca mais fosse reprovado. Comecei, então, a voltar meus olhos para os preparatórios

avulsos que a lei permitia. O diabo era ter de declarar qual a Escola Superior a que me destinava. Queria a Naval em primeiro lugar, mas sabia que isso era impossível. Meu pai não faria os sacrifícios necessários para satisfazer meus desejos. Encarei a possibilidade da Militar. Tinha tantos parentes oficiais no Rio de Janeiro! Encontrei cerrada oposição. Toda a minha família não compreendia que se trocasse por um galão dourado o canudo de bacharel, espécie de bastão de marechal da política, da cátedra e das glórias forenses, no seu entender. Por isso, ainda flutuei o ano inteiro em busca duma decisão que não dependia infelizmente de mim.

Os alunos que vinham do 2º para o 3º ano encontravam-me neste na triste situação de repetente, suspenso anteriormente por motivo disciplinar, olhavam-me com certa prevenção. Eu fugia deles e freqüentava a roda dos avulsos, cujo espírito era menos tacanho e me recebiam com agrado: Dionisio Torres, Álvaro Costa Ribeiro, Jaime Severiano, Beni Carvalho, Almério Pinto, Benvenuto Lima, Tancredo de Morais, Pedro Laurentino(1), Josias Sisnando, Clodoveu Coelho, José de Matos Vasconcelos, Turíbio Mota, Mozart e Renato Barroso, José e Raul Caracas, Arebal Souto, que publicava sonetos, e Elcias Freire, hoje meu companheiro na redação do "Fon-Fon", uns mais velhos, outros mais moços do que eu.

Ligou-me a alguns uma afinidade maior. Galdino Catunda Gondim conversava horas seguidas comigo nos bancos da praça do Ferreira. Com Adonias Lima discutia idéias e fatos do tempo. Consultava José Lopes de Aguiar(2) em qualquer dúvida sobre português. Ia às festas em casa de Francisco de Alencar Matos, acompanhava Leônidas e

---

1 – Pedro Laurentino de Araújo Chaves, Feitosa legítimo, ligado à minha família paterna pelo casamento de um seu irmão com uma prima – irmã de meu pai. Emigrado do Ceará, veio a ser Desembargador e Interventor Federal em Mato Grosso. Era meu padrinho de batismo. – M.S.A.

2 – Irmão daquele que se tornou o maior filólogo do Ceará – Martinz de Aguiar. – M.S.A.

Hermenegildo Porto, ambos desaparecidos prematuramente, nos exercícios de natação da praia às colunas de ferro da Ponte da Alfândega, que o engenheiro Hildebrando Pompeu construía e o povo chamava Ponte Metálica. Abria-me intimamente com Álvaro Adolfo da Silveira.

Esse convívio foi pouco a pouco me retirando da ganga da molecagem. Batidas pelo sol começaram a luzir outras facetas de minha alma. Aqueles amigos achavam que eu podia dar para gente e que já sabia muita cousa aprendida às tontas, por aqui e por ali. Carecia de certa metodização. Estimularam-me. Abandonei a navalha.

Passei a procurar divertimentos mais decentes, em companhia de rapazes de família. Descia à praia para assistir a chegada de personagens ilustres como, por exemplo, o general Serra Martins, velho e nervoso, metido numa farda escura, resmungando e reclamando. Tendo arribado uma galera inglesa, carregada de carneiros russos para a Austrália, não fui mais a bordo, nem pensei em fugir nela como grumete. Os pastores da carneirada alojaram-se num velho armazém da rua do Chafariz(3). Eram russos do sul, usavam botas e barretinho de pala. Altos, louros e mansos. Meti-me a conversar com eles por gestos e uma ou outra palavra de inglês. Conseguimos nos estender mais ou menos e até cheguei a aprender várias cousas em russo. Fora disso, não me pendi mais para aquele lado nem nos quintalejos das vendas do Outeiro, entre as ruas do Seminário(4) e Leopoldina, onde ia assistir às brigas de galo com apostas. Também nesse ano faleceu o campeão dessas lutas sanguinolentas, o famoso Aquidabã, que pesava cinco quilos e meio. Os jornais teceram sentidos necrológios ao "invicto gladiador emplumado". O emplumado era figura de retórica. O velho galo de briga não tinha mais uma pena.

A tudo isso substituíram o cinema e o teatro. O cinema apesar de ter assassinado o Cosmorama do Paula Barros, ainda engatinhava. Apareceu sob o nome de Bioscope Ítalo-Francês, dirigido por um italiano Cesare Genazzine. Um motor a álcool gerava a luz e a força elétrica de que precisava. Aboletou-se no teatrinho Iracema(5) e iluminou a fachada com uma lâmpada Ampère a carvão de 300 velas. Deslumbramento para a época. Veio gente de longe para ver a nova luz. O programa, muito longo, dividia-se em duas partes: vistas fixas e de movimento. O cinema ainda se não desprendera da lanterna mágica inicial. Viam-se com encanto as cenas da coroação de Eduardo VII, a história da Gata Borralheira, a chegada do Presidente Kruger a Paris, o cerco de Pequim e a morte de Augusto Severo na catástrofe do balão "Pax". Foi seu sucessor, no antigo Eden Cearense, o Cynematógrafo (sic), que exibia os "Sete Castelos do diabo", a execução na cadeira elétrica do assassino do presidente Mackinley e outras maravilhas.

O Ceará não possuía então um teatro digno desse nome. Alcançara ainda o velho e famoso Teatro São Luiz, à esquina da rua Formosa com a Misericórdia(6), junto à casa onde nasci. Lembrava-me ter ali assistido a três dramas que me deixaram indelével impressão: "Dragões do Rei", "Os Dois Sargentos" e "Remorso Vivo". Tinha de cinco a sete anos de idade. Derrubada aquela vetusta casa de diversões, tentara o Presidente Bizerril levantar um Teatro Novo na praça do Patrocínio, depois crismada em Marquês do Herval e Nogueira Acióli(7), hoje José de Alencar, bem no centro, no local onde se acha agora a estátua do cantor de Iracema e antes se pretendera construir um mercado. As paredes ficaram pelo meio e acabaram arrasando-as

3 - Atual Rua José Avelino. - M.S.A.

4 - Atual Avenida Monsenhor Tabosa. - M.S.A.

5 - O Clube Iracema, sob a influência de Pápi Junior e outros, mantinha seu teatro. Nessa época a simpática agremiação sócio-cultural se abrigava no prédio que fora do Reform Club, na Rua Barão do Rio Branco nº 1.321. Depois nele esteve a Faculdade de Farmácia e Odontologia e o Curso de Comunicação da Universidade Federal. Hoje é uma das Lojas do grupo Romcy. - M.S.A.

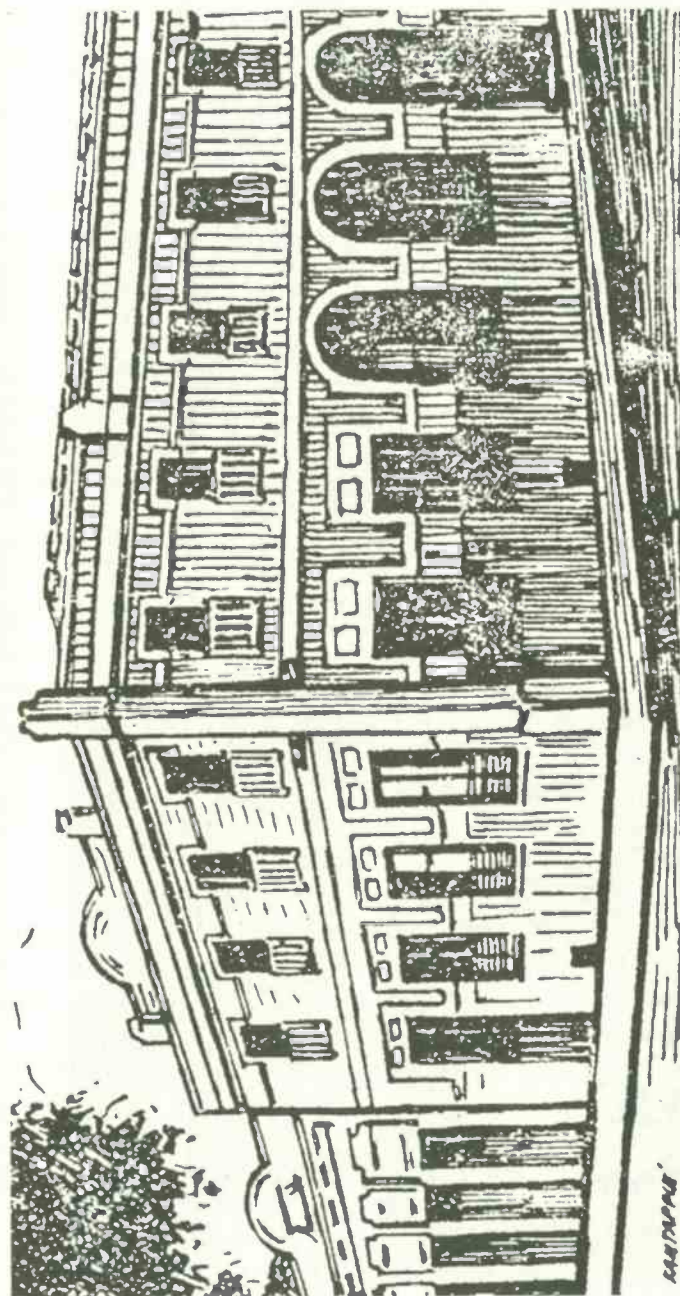
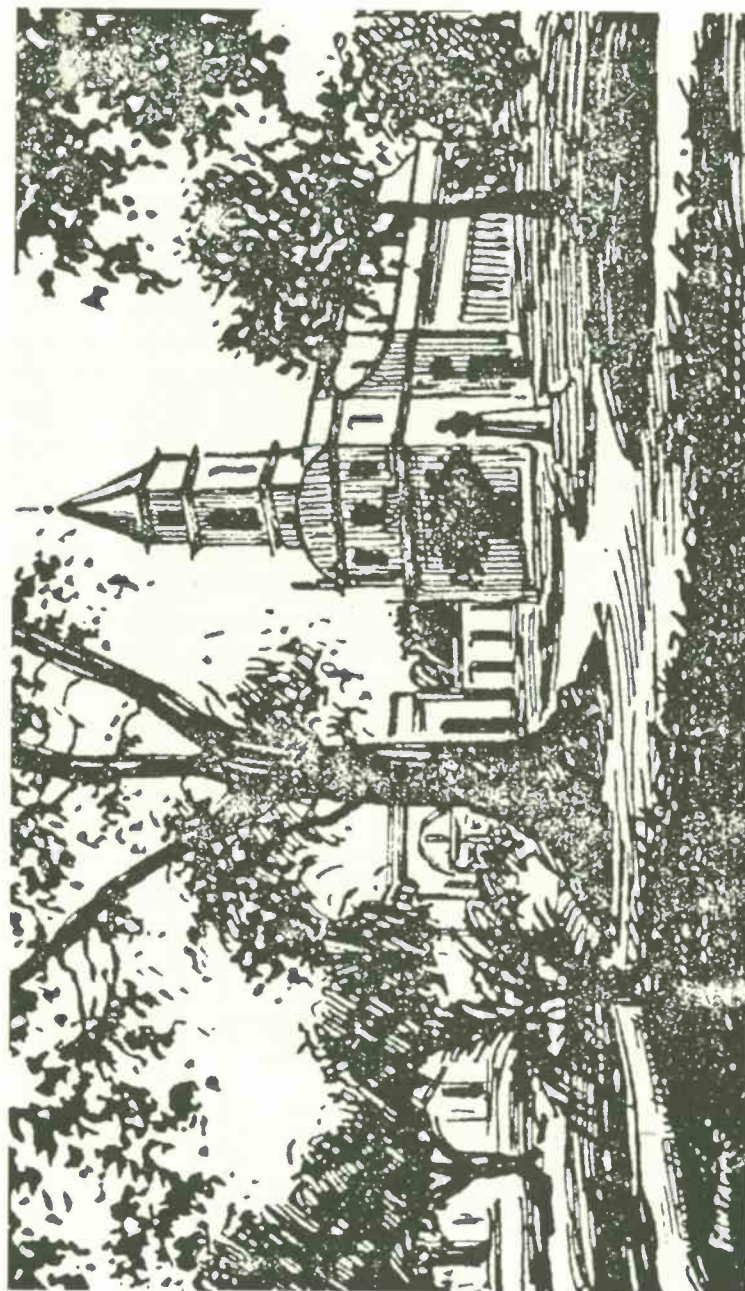
6 - Esquina sudoeste. - M.S.A.

7 - Nogueira Aciólli era, apenas, o nome do jardim nela existente. - M.S.A.

para ajardinar a praça. As pobres companhias de comédia e dramas que por acaso aportavam a Fortaleza viam-se forçadas a se contentarem com o Iracema.

O palacete onde funcionava o Clube Iracema, à rua Formosa, fora residência particular do leiloeiro José Rossas num tempo de vacas gordas. Havia no pátio interno um teatrinho que servia a representações de amadores dos seus filhos, filhas e amiguinhos. Platéia ao ar livre, o que era ótimo numa terra cálida e sem chuvas. Em 1903, ali representava a Companhia Dramática Santos e Guimarães, cuja estrela, Branca de Lima, fazia a rapaziada do Liceu delirar em peças como "O Acre", "O Voluntário de Cuba" e "A Tomada da Bastilha".

Eu já preferia o teatro ao Grande Carroussel do Blondin, com seus equilibristas, trapezistas voadores e palhaços cambalhoteiros. Essa mudança de rumo foi salutar. Não perdia mais as aulas e não levava mais zeros. Lembro-me como se fosse hoje dum dia em que o então Secretário do Liceu, o velho Raimundo Borges, pessoa delicada e boa, pai do coronel Raimundo Borges, comandante da polícia, me deteve num dos corredores e, afagando-me o rosto, disse:

– Meus parabéns! Você agora está ficando um homenzinho decente.

Casa onde funcionou o Colégio Patérnon Cearense do professor Lino da Encarnação, à praça do Patrocínio, hoje José de Alencar. Sofreu pequena modificação nas janelas e platibanda do sobradinho.

Igreja do Patrocínio na Praça Marques do Herval, depois Jardim Nogueira Acioli e hoje José de Alencar. Nessa Igreja fui batizado.

SANGUE!

No dia 23 de outubro, a Companhia Dramática Santos e Guimarães levou à cena o dramalhão "A Voz do Sangue", em benefício do ator Roberto Guimarães, muito querido dos estudantes. Casa à cunha. Mas o título da peça como que foi sinistra profecia para a pacata cidade.

Ao sair do espetáculo, vi a rua, em frente ao Iracema(1), coalhada de gente. Compacta multidão espremia-se no passeio da residência do velho Torcápio Ferreira, amigo do meu pai. Autoridades. Oficiais do Exército, Soldados de polícia. Que teria sido?

Indaguei em um grupo e contaram-me horrível tragédia. Mais ou menos às dez horas da noite, em casa de seu pai, o veterano do Paraguai Viriato Nunes, à rua General Sampaio, onde residia, o alferes do Exército Júlio Nunes matara com três tiros de revólver a esposa, Neném Ferreira, filha dileta do velho Torcápio e uma das moças mais bonitas, prendadas e queridas da cidade. O assassino estava de viagem para uma das guarnições do sul e diziam que a mulher não o queria acompanhar, porque ele a maltratava. Daí surgiram desavenças que culminaram no crime.

A morta tinha 22 anos e deixava três filhinhas pequeninas. Aleitava e ninava a menor, quando o marido a matou. Depois, fugiu em pijama pelos fundos do quintal e foi entregar-se preso ao oficial de dia no quartel federal. Transportaram o cadáver para a casa dos pais e por isso o ajuntamento que deparara à saída do teatro. Terrível a exacerbação popular contra o criminoso. A cidade inteira comoveu-se.

No dia seguinte, o enterro foi verdadeira apoteose. Assisti-o e dou meu testemunho. Fortaleza inteira, desde as pessoas mais altamente colocadas até as mais humil-

---

1 – Prédio nº 1.321 da Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

des, acompanhou ao cemitério aqueles pobres despojos mortais cobertos de flores. Todos os oficiais do Contingente do 22 de infantaria, colegas do matador, compareceram incorporados. Seus próprios soldados. Os oficiais da polícia e da Escola de Aprendizes Marinheiros. As associações de classe. Bandas militares tocavam marchas fúnebres. O povo miúdo chorava. Toda a imprensa vituperava o crime.

Muitas vezes, indo passear à tarde na Ponte Metálica, descia a pé pela rua do Quartel(2) e avistava o alferes, cujo processo se formava, encostado às grades do pátio externo do edifício, tomando um pouco de ar. Guardava-o sempre outro oficial. Vestia farda de brim pardo com galões de cadarço preto. Por toda a parte fervia a indignação contra ele. Se o não guardassem bem, seria linchado. Os depoimentos das testemunhas arrasavam-no. Nem uma voz se erguia em seu favor.

Lembro-me perfeitamente do dia do júri, no sobrado da Intendência Municipal(3). A multidão aglomerada na praça do Ferreira interrompeu o trânsito dos bondes. Com dificuldade, consegui rompê-la e alcançar as bancadas reservadas ao público, onde se estava como sardinha em lata. Avistei entre os jurados os cabelos brancos de meu antigo professor Lino da Encarnação. Depunha no momento, de pé, em segundo uniforme, o Alferes Raimundo Maramaldo, cujas palavras causavam assombro. Declarava seu companheiro de farda o opróbrio da classe. Foi a derradeira impressão do caso que até hoje me ficou fortemente impressa no espírito.

O infeliz Júlio Nunes foi condenado a 30 anos de prisão, perdeu todas as apelações e recursos, e cumpriu a pena até o fim na Cadeia Pública de Fortaleza, onde ensinava os presos a ler. Dizendo-se vítima de atroz persegui-

2 – Atual Rua General Bizerril.

3 – Com frentes para as ruas Guilherme Rocha (em plena Praça do Ferreira) e Floriano Peixoto e a Travessa Pará. Destruído no meado da década de 1940 para aumento da Praça do Ferreira. Mas levantaram, em seu local, o Abrigo Central, também já desaparecido. – M.S.A.

ção e, pretendendo uma revisão do processo com reparação dos danos sofridos, nunca aceitou um indulto. Quando exerci o cargo de Secretário do Interior no Ceará, bombardeou-me continuamente com cartas, memoriais e pedidos. Respondi sempre, porém, nunca o procurei ver. Desde os quinze anos de idade, ressoavam em meus ouvidos as duras acusações do Alferes Maramaldo. Era difícil apagá-las. Mais tarde, Júlio Nunes procurou-me muitas vezes, no Rio de Janeiro e em Fortaleza, quando lá estive, em 1937. Estava presa de uma obcecação: a revisão do processo, a reintegração no Exército com todas as promoções e ganhos perdidos, a reabilitação definitiva. Escrevia cartas a todas as altas autoridades do país e aos chefes das nações estrangeiras. Nada conseguia, declarava, devido a perseguição que lhe moviam. Mas Mussolini, Hitler, Roosevelt iam intervir. Haviam de ver! Delirava.

Ano ótimo para mim o de 1903, um dos melhores senão o melhor de minha vida. No entanto, foi um ano de sangue no meu Ceará. Certa noite, esfaquearam nas Areias o pobre Mané Rodrigues, o cozinheiro do Café Iracema(4), que preparava umas paneladas melhores do que as do Pedro Eugênio, aos domingos, no Café Benfica(5). No sobrado da rua Major Facundo nº 30(6), paredes-meias com o de minha residência, que era nº 32, suicidou-se por causa duma paixão mal correspondida um moço de vinte anos, empregado da firma Boris Frères, Antônio Astinfero Teixeira. Ia chegando em casa, quando ouvi um tiro. Corri para o sobrado e subi as escadas. Fui a primeira pessoa a deparar de costas, num lago de sangue, em mangas de camisa, o desgraçado.

Em fevereiro, a cidade emocionara-se com o enforcamento do Coronel Emiliano Cavalcante, coletor na cidade

4 – Canto sudoeste da Praça do Ferreira – M.S.A.

5 – No bairro desse nome. – M.S.A.

6 – Recebeu depois o nº 160 e, como o de nº 170, que era o sobradão do pai do Autor, foi demolido para, no local de ambos, ser levantado um prédio mais moderno. – M.S.A.

tudando-o sempre e aprofundando-me nele. Minha primeira conferência pública, na Fênix Caixeiral de Fortaleza, em 1909, foi sobre Pero Coelho. A "Revista Trimestral do Instituto do Ceará", dirigida pelo doutor Barão de Studart, publicou com realce esse estudo, que, melhorado, saiu no "Jornal do Comércio" e, definitivamente refeito, faz parte do livro "Aquém da Atlântida". Convidado ultimamente pela Sociedade das Colônias de Lisboa, nas comemorações dos centenários de Portugal em 1940, a apresentar uma monografia da série "Pelo Império", escolhi como assunto a aventura de Pero Coelho.

O saudoso e insubstituível Barão de Studart foi a alma das comemorações. Pela manhã, bandas militares percorreram as ruas, enchendo-as de alvissareiras vibrações. A foguetaria do velho Padre-Nosso de vez em quando atroava os ares. À tarde, a polícia formou em grande uniforme em frente do edifício da Assembléia(7), onde se realizou uma sessão magna, presidida pelo Dr. Pedro Borges, ladeado pelo bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira, e pelo do Maranhão, D. Antônio Xisto Albano. Nos lugares de honra, as altas autoridades. Nas tribunas, dum lado as alunas da Escola Normal, do outro os meninos do Liceu, que cantaram em coro, sob a batuta do maestro Zacarias Gondim, o Hino do Ceará, letra de Tomás Lopes e música de Alberto Nepomuceno. Discursos de Paulino Nogueira, Tomás Pompeu(8), José Lino da Justa, Domingos Bonifácio, Godofredo Maciel e João Araripe. Saímos em charola, caçoando de Domingos Bonifácio, que só falava de D. Tomásia, heróica mulher de Pero Coelho, com jeremiadas e lamentações. Ao crepúsculo, Te-Deum na igreja do Co-

7 - Hoje (1967) abriga a Academia Cearense de Letras, mediante comodato entre essa entidade e o Governo do Estado. Tem o nº 51 da Rua São Paulo. - M. S. A.

8 - Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil, primeiro Diretor da Faculdade de Direito do Ceará e homônimo de seu pai, o Senador Tomás Pompeu de Sousa Brasil. - M.S.A.

ração de Jesus. À noite, recepção no palácio do Governo e iluminação a *giorno* na praça do Ferreira.

Perdido no anonimato das tribunas, vi entrar no salão, incorporados, os corpos docentes da Escola Normal, do Liceu e da nova Faculdade de Direito, criada por iniciativa do velho Acióli, em fins de fevereiro ou começo de março. Apontavam-se a dedo os lentes da Faculdade com culminâncias nas letras jurídicas, romanas, constitucionais, internacionais, civis, criminais, comerciais e administrativas: doutores de borla e capelo Raimundo Ribeiro, Bezerra de Menezes, Alcântara Bilhar, Paulino Nogueira, Virgílio de Morais, Sabino do Monte. Eu já perdera a esperança de cursar a Escola Naval, mas conservava ainda a de entrar para a Militar. Quão longe estava naquele dia de pensar que muito breve seriam meus mestres naquelas disciplinas tão alheias às inclinações de meu espírito.

A 19 de outubro, quando se festejou mais um aniversário do Liceu(9), dancei pela primeira vez. O dançar não foi nada. O pedir à moça para dançar é que foi o nó. Se um colega não me ajuda, não sei o que teria sido. Em novembro, prestei com assombro geral todos os exames com distinção e plenamente, mesmo o de álgebra. Como recompensa, delicioso mês de férias no sítio Jurucutuoca(10). Ali, passava os dias com meus primos Nunes percorrendo os taboleiros dourados de sol. À noite, quando não íamos à Precabura(11) caçar tatus com o cachorro Gigante, que nos pregava boas peças, sentávamo-nos à beira do forno e nos escanchávamos nas virgens da prensa, na casa da farinha. José Guabiraba ou o Minervino do Chico Pedro dedilhavam uma viola rústica e nós cantávamos os velhos desafios e as antigas gestas dos grandes cantadores do sertão, guardadas de longos anos na

9 - O Liceu do Ceará foi fundado a 19 de outubro de 1845. - M.S.A.

10 - Em Messejana, no caminho para Aquiraz. - M.S.A.

11 - Lagoa situada entre Messejana e Aquiraz. - M.S.A.

memória coletiva. O risinho aflautado dos caborés vinha dos cajueiros que embalavam a noite. O luar escorria pelas folhagens densas, encharcando-as de luz esverdinhada que se derramava pela areia clara dos caminhos torcicolosos, perdendo-se no mistério dos matos adormecidos.

Podia respirar fartamente aquela poesia dos campos com a alma desafogada: era afinal quartanista!

1904

O 3 DE JANEIRO

Malgrado meus firmes propósitos de regeneração, de volta do sítio comecei o ano com uma greve e um conflito sério, a três dias de distância um do outro.

Comecemos pela greve.

A polícia do Estado fervia. A atitude do Presidente Pedro Borges, ao iniciar o governo em 1900, como que esboçara um rompimento com o chefe do partido dominante, Dr. Antônio Pinto Nogueira Acióli. Esse rompimento, desejado por muitos, não chegara a se delinear e, no termo do mandato, em 1904, o chefe executivo cearense se achava nas melhores relações com seu antecessor e futuro sucessor. Atroz decepção para os oposicionistas de todo o feitio, os que por qualquer motivo desejavam a queda do aciolismo e os adversários sinceros duma política unicamente norteada por interesses pessoais.

Como primeiro passo para uma atitude de franca oposição, mais tarde, João Brígido montara o "Unitário". Agapito Jorge dos Santos, com outros, lançara o "Jornal do Ceará", do qual seria eu um dia um dos redatores. Ambos sincronizavam em torno do programa da revisão constitucional, *faute de mieux*. O órgão oficial denominava o revisionismo – *hidrofóbica opinião* e os dois periódicos – *as duas capas do diabo*. De lado a lado, a linguagem dessa sórdida politicagem liberal-democrática se empeçonhava com o tempo. João Brígido, alma sem escrúpulos, escrevia horrores contra tudo e contra todos, é verdade que com uma graça diabólica. "A República" crivou-o seguidamente com as piores alcunhas: Barão das Duas Mortes, Apulcro

Negro, João Broto, João Calunga e João Cacique. Ao velho Agapito arrastava pela rua da Amargura, dizendo em prosa e verso que costumava bolinar as moças com o pé por baixo das mesas:

O dedo do Agapito,
O dedo grande do pé,
É rijo como o granito,
Quebra coco e catolé!

Ou então:

O dedo do Agapito
Fez morrer a Revisão!

GLOSA

Foi um desastre maldito
Ao partido da Maloca,
Pregar imensa taboca
O dedo do Agapito!
Um partido tão bonito,
Ao tremendo trambolhão,
Caiu de costas no chão,
No mais desmedido medo,
Pois só a sombra do dedo
Fez morrer a Revisão!

Chegaram ao ponto de criar o verbo agapitar, que os dicionários ainda não quiseram registrar.

Diziam a cada passo: – Fulano *agapitava* com a namorada; sicrano está *agapitando*; Beltrano vai *agapitar*. O "Unitário" era o *latrinário*, o *urinário*. O "Jornal do Ceará", o "Jornal da Peste", alusão infame à infelicidade de seu redator-chefe, dr. Valdemiro Cavalcante, que era morfético. Não se respeitava nem uma desgraça dessa ordem no adversário polilico. Em linguagem idêntica o revide da oposi-

ção. Às vezes, pior, mais violenta em função de sua impotência política.

O lápis ferino de Leônidas, que "A República" crismava em Li-onidas, porque talvez viesse da venda de seu parente Pedro Brito, à esquina da rua da Praia(1), onde eu guardava meus apetrechos de pescador e remador, uma tarrafa e um remo de ginga, e onde o vira muitas vezes desenhando bonecos, vingava os oposicionistas apresentando o Acióli e seus partidários em caricaturas horrendas. Li-onidas, que poderia significar isso? O povo chama às ondas – ôndias. Daí a explicação que dou. Muito perseguido e seriamente ameaçado, Leônidas expatriou-se e, no Rio, trabalhou longos anos no "Malho". Depois, desapareceu do cartaz.

A oficialidade da polícia, insuflada pelo tenente coronel Carneiro da Cunha, que tinha o gênio um tanto enfezado, e pelo capitão Marcondes Ferraz, que a oposição não poupava, ameaçava céus e terras da impunidade. Hermenegildo Firmeza, companheiro de jornal de João Brígido, escreveu um artigo que ela julgou ofensivo aos seus brios. Uma tarde, achava-me no Café Java, à praça do Ferreira(2), encostado ao balcão vidrado de vender charutos e cigarros, conversando com o negro Chico, gerente do estabelecimento, quando por este adentro penetrou de roldão um grupo de oficiais da polícia, fardados e armados. Arrastavam Hermenegildo Firmeza, lívido e trêmulo. Envolvido pelos militares, não pude sair e presenciei a cena miserável, de começo ao fim, álgido de espanto. Tinha quinze anos e aquilo como que foi o estupro da minha crença dos dogmas da liberdade. O tempo reservava-me ver cousas piores, de maneira a fazer-me rir como adiante duma pilhéria de palhaço, quando ouço alguém se referir às tradições liberais do Brasil...

1 – Atual Avenida Pessoa Anta. – M.S.A.
2 – No canto nordeste da Praça. – M.S.A.

O capitão Marcondes apresentou ao jornalista a mão cheia de pílulas feitas com pedacinhos de seu artigo e disse-lhe:

– Ou engole ou morre!

Depois, pediu ao negro Chico:

– Dê-me um copo de água!

O capitão Milfont empunhava um revólver, apoplético:

– Ou engole ou morre!

O homem engoliu. Vi com estes meus olhos que a terra há de comer. Um bravo teria morrido e não engoliria. Ninguém tem obrigação de ser bravo. Nem todos nascem com inclinação para o heroísmo ou o sacrifício. Isso não apaga a covardia suja de um grupo de homens forçarem um só e desarmado a engolir pedaços de jornal, desaforo posto em voga no Brasil por um grande declamador liberal, o Sr. Barbosa Lima, quando do alto das tamancas de governador de Pernambuco. Após ter deixado o governo, não consta que tenha feito alguém engolir cousa alguma. Militares que se prezassem não se reuniriam em bando para tão mísera ação. Se de fato o artigo era ofensivo aos brios da classe, fosse um deles bater-se em duelo ou, pessoalmente, de qualquer modo, para desafrontá-la. Se o ofensor estava abaixo dessa honra, um o procurasse e o chicoteasse ou obrigasse sozinho a engolir as pílulas. A agressão em massa, sem dar ao outro a menor possibilidade de defesa, enojou-me. Foi o primeiro empurrão que levei em Fortaleza para cair nos braços da oposição. No dia seguinte, lia-se esta quadra cruel no órgão oficial:

Firmeza brincos engole
Sem tempero, o parvalhão.
Valdemiro, mais sabido,
Passa calote no pão!

Aludia a uma reles acusação do padeiro português Siqueira contra o redator-chefe do "Jornal do Ceará", a

propósito duma conta de fornecimentos da padaria Duas Nações(3).

Em julho, o Dr. Aciólli sucederia ao Dr. Pedro Borges no Governo do Estado. A oposição tinha todos os motivos para esperar que a situação piorasse e se multiplicassem as violências e arbitrariedades. O Dr. Pedro Borges era homem de rompantes, mas um coração largo e generoso. Gritava muito, ameaçava, mas não fazia nada. Fogo de palha. Estava a terminar o mandato e certas cousas não partiam dele, sim dos que preparavam serviços a alegar ao novo governo. Temia-se a roda que ia cercá-lo e dar as cartas. Do Sul vinham boatos de conspirações e revoltas. O clima tornava-se favorável a qualquer agitação e quem sabe se, graças a isso, não ocorreriam circunstâncias favoráveis aos que se achavam *de baixo*?

A agitação surgiu de repente no meio dos catraieiros e estivadores com a lei do sorteio para a Marinha, posta em execução sem a menor habilidade, no Ceará, pelo então Capitão do Porto, Luís Lopes da Cruz, comensal de palácio, atacado estupidamente por isso pelo jornal de João Brígido e irritado naturalmente contra os oposicionistas. A gente do mar pendia para este por causa de João Brígido que dispunha de grande número de relações no meio das chamadas capatazias, em virtude de ser advogado da firma judaica Boris Frères, uma das que se ocupavam com as cargas e descargas no porto.

No dia 3 de janeiro, achando-se no porto o paquete "Maranhão", do Lloyd Brasileiro, os catraieiros declararam-se em greve, açulados à socapa pelos políticos revisionistas. Na véspera, o Cairara, que gozava do maior prestígio nos meios marítimos, prevenira-me que a cousa rebentaria no dia seguinte, dizendo-me que os estudantes precisavam

3 – Ficava na esquina sudoeste das ruas Barão do Rio Branco e Castro e Silva. O prédio, hoje (1987), só possui as paredes externas, transformado em estacionamento de carros dos funcionários da agência do Banco do Estado do Ceará, sita na esquina noroeste das ruas Barão do Rio Branco e Senador Alencar. – M.S.A.

ajudá-la. Conhecidíssimo desde a meninice no meio praieiro, era naturalmente o elemento de ligação indicado para coordenar com os dos catraieiros os esforços dos estudantes. Estavam, porém, de férias e não havia mais tempo de ir atrás deste ou daquele. Conversei no máximo com uns dois ou três.

Na manhã do dia 3, dirigi-me ao galpão da Alfândega, na chamada praia Formosa, diante do Gasômetro(4), em frente a um dos ancoradouros do porto. Encontrei lá e em caminho muitos rapazes da mesma idade, mais moços e mais velhos. Todos esperavam graves acontecimentos. Alguns estavam armados. O comandante do "Maranhão", não podendo embarcar nem desembarcar carga e passageiros, reclamou providências do Capitão do porto, que mandou executar o serviço pela baleeira da capitania. O pessoal do Cairara tomou-a, pôs em fuga os remadores, quebrou os remos e emborcou-a na praia.

Surgiu, então, um pelotão do Contingente do 2º de infantaria, requisitado pelo Capitão-Tenente Lopes da Cruz, sob o comando do alferes José da Penha, que se ensaiava na política. Ela o devoraria em 1914, no combate de Miguel Calmon entre as forças do Coronel Franco Rabelo, que ele comandava, e os romeiros do Padre Cícero. Os *calças-encarnadas*, recebidos com aclamações, descansaram armas e limitaram-se a simples observações das ocorrências.

Logo após, cercou o galpão por todos os lados o batalhão da polícia comandado pelo Coronel Cabral da Silveira, tendo como assessor o Tenente Coronel Carneiro da Cunha. O esquadrão de cavalaria tomou posição ao lado. Um oficial intimou os grevistas a desocuparem o galpão. Receberam-no com vaias e pedradas. A força moveu-se e avançou. Reagiu-se a pedra e a tiro. Os que estavam armados dispararam suas armas. Os outros desmanchavam o empedramento em que se apoiava o galpão de madeira e atiravam os calhaus aos gritos:

---

4 – Início da Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

– Morra o governo!

– Morram os *mata-cachorros*!

Uma saraivada de insultos sobre o comandante Cabral da Silveira. A tropa espingardeou com suas Comblain grevistas e rapazes. Os que fugiam a cavalaria perseguia e derrubava à espada. Confusão! Horror! Sangue! Meti-me com muitos outros embaixo da construção que se elevava sobre estacas a um metro do solo. Os policiais abaixavam-se e atiravam às cegas. De vez em quando um gemido. Lembrando-me desses momentos apertados, vem-me aos lábios a famosa frase: – A bala que tinha de me matar ainda não fora fundida!..

Quando cessou toda e qualquer resistência de parte dos grevistas, a soldadesca cutucava os que se achavam acocorados na parte de baixo com as pontas das baionetas:

– Vão saindo, cambada!

Saímos. Havia cadáveres pelo chão, aqui e ali. Um cabo revistava os presos. Os catraieiros eram levados para o Posto Policial. Aos rapazes, o alferes Ladislau perguntava:

– Que é que você veio fazer aqui?

A resposta era uma só:

– Vim espiar.

– Vá embora!

Resultado: meia dúzia de soldados de polícia feridos; dezenas de catraieiros e rapazes baleados, baionetados ou cortados a sabre; alguns mortos, entre os quais um moço português do comércio, Antônio Marques Dias de Souza. Das balaustradas do Passeio Público, grande parte da população da cidade presenciou atônita o espingardeamento.

Ao entardecer, enorme multidão conduzindo numa padiola o cadáver do jovem e inditoso comerciário dirigiu-se ao Palácio do Governo, a fim de pedir justiça. O Presidente do Estado, irritado e mal aconselhado, não a quis atender e, como insistissem aos brados, para dar mostra de que não tinha medo, mandou carregá-la pela guarda. Debandada geral e o corpo atirado ao chão, no meio da

praça General Tibúrcio, aos pés da estátua de bronze do grande soldado.

À noite, grupos de estudantes percorreram a praça do Ferreira e seus arredores, quebrando bancos, gradis e lampiões, correndo a pedra os rondantes isolados e berrando vivas e morras, sobretudo morras. Eu ia com um bando de exaltados em que figuravam, se me não falha a memória, José Jácome, Zaqueu Esmeraldo, Afonso Medeiros e Rubens Nelson, cunhado do filósofo Farias Brito.

João Brígido rompeu fogo com a maior veemência contra o Governo. O "Jornal do Ceará" perdeu as estribeiras na linguagem. O comércio inteiro fechou dias seguidos, em sinal de pesar. A agitação alastrou pela cidade. O foco era a praça do Ferreira, onde se sucediam distúrbios e pequenos conflitos. Demonstrando grande coragem pessoal, o Presidente Pedro Borges diariamente saía do Palácio a pé, sem ajudantes ou ordenanças, absolutamente desacompanhado, tomava o bonde de Fernandes Vieira(5) e ia visitar no fim da linha seu cunhado Guilherme Rocha, Intendente Municipal. Todos voltavam-lhe as costas. Os passageiros abandonavam o veículo que ele tomava. Mas ninguém nunca se atreveu a um gesto, uma palavra insultuosa, um assovio. Naquele homem sacudido, simpático, de cabelos brancos, respeitavam o médico caritativo que se não recusava a ninguém e não recebia o dinheiro dos pobres, respeitavam também aquela prova de ânimo varonil arrostando sem capangas ou soldados a animadversão momentânea. Sim, porque fora muito querido e, quando com o tempo se acalmaram as paixões despertadas pelo 3 de janeiro, continuou a sê-lo.

A atitude do tenente José da Penha tornou-se suspeita. Tanto quanto me recordo da confusão na hora do tiroteio, o pelotão do Exército deitou-se na areia, providência natural para evitar ferimentos nos soldados por balas perdidas. Diziam, porém, à boca pequena que havia soldados de polícia feridos por bala de Mauser. Então, a polícia usa Comblain. O certo é que o Capitão Tenente Lopes da Cruz o levou a um inquérito militar, do qual resultou sua transferência para outra guarnição e a demissão do próprio comandante do Contingente do 2º de infantaria, alferes Luís Inácio, substituído pelo tenente de artilharia Bernardo José de Melo, que curava em Fortaleza os pulmões avariados e era amigo dos Aciólli.

5 – Fernandes Vieira era a denominação da praça do bairro Jacarecanga. Hoje o logradouro se denomina oficialmente Gustavo Barroso, tendo em seu centro a bela estátua do grande escritor cearense, autor destas "Memórias", e, sob esta, os seus restos mortais. – M.S.A.

Anos mais tarde, o Capitão Tenente Luís Lopes da Cruz morreu fuzilado pelos capangas dum chefe político carioca, o Dr. Mendes Tavares, segundo diziam, à porta do Clube Naval; muito tempo os sinais das balas permaneceram na parede, do lado da Avenida Rio Branco. Nunca passei por ali que os não contemplasse. Obscura testemunha do drama de 3 de janeiro de 1904, aqueles buracos no reboco tinham para mim uma significação que não podia ter para os que haviam olvidado ou desconheciam aquele fato. Eu lia neles as palavras do Evangelho: "Quem com ferro fere com ferro será ferido!"

A ronda da estudantada em geral contra a situação dominante, criada nesse dia trágico, não se apagou enquanto estive no Liceu. Muitos de nós a transportamos à Faculdade de Direito, onde deu origem a lutas terríveis. Tudo se tornou pretexto para demonstrá-la com acinte.

A passagem do bravo Plácido de Castro pelo Ceará, em abril, por exemplo, deu causa a ruidosas manifestações em que se não pouparam vivas aos heróis do Acre e à memória das vítimas do 3 de janeiro. O embarque para o Rio do engenheiro João Feliciano, muito acusado na direção do prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité e amigo dos próceres da situação, provocou outra barulheira. Embora protegido pela polícia, levou a mais estrondosa vaia de que tenho notícia, chefiada por Godofredo Maciel, então acadêmico, e Artur Cirilo Freire, o Cirilinho, que "A República" denominava *Ciri-Boite*...

Estava de luto fechado por meu avô alemão, o engenheiro Gustavo Dodt, falecido em Blumenau no dia 14 de março, aos 72 anos de idade, mas tomei parte e bem a fundo na gritaria, saindo dela completamente afônico. No meu tempo, o Liceu tinha alma, vibrava com as vibrações do seu meio. Errado ou certo, não importa. A verdade é que não havia na mocidade de então a triste imobilidade dos pântanos.

Justamente nesse momento e nesse clima surgiu em Fortaleza, vindo do alto sertão, onde estudara com os padres, um estudante feio, pobre e cabeludo. Trajava uma roupinha coçada e apresentava-se timidamente, mas logo se impunha pelo saber, sobretudo em latim e filosofia. Refiro-me ao atual professor Joaquim Pimenta, de quem fui companheiro nessa época. Lembro-me perfeitamente da primeira vez em que o vi, numa roda da praça do Ferreira, à noite, num banco em frente da Empresa Telefônica,(6) explicando o sentido das orações *ad petendam pluviam*, que o bispo diocesano mandava recitar em todas as paróquias com receio de nova seca. Aproximei-me e vi ali Ludgero Feital, recém-chegado do Sul, o escuro Mamede Cirino, filho do melhor sapateiro da terra, e o Oscar Pinto de Lima, o Pinto Molhado que morreu médico do Exército, namorando de olhos dengosos uma cadeira de Deputado Federal por obra e graça do Padre Cícero. O sertanejo latinista e filósofo encontrava na cidade a agitação política, envenenando os meios estudantis. Essa atmosfera o envolveu, o enrodilhou e o atirou aos braços da oposição. O prêmio foi a perseguição governamental expelindo-o para Pernambuco, onde se encarreirou. Tudo mais em sua vida não passa de corolário disso.

---

6 – Sobradinho de duas portas, vizinho à atual livraria Alaor, lado norte. – M.S.A.

AS PASTORIS AFRICANAS

Passemos agora ao conflito.

Os divertimentos populares do Natal – pastorinhas, congos, fandangos e boi-surubi – prolongavam-se em Fortaleza primeiramente até o dia da Epifania e depois até o fim de janeiro. Eu era assíduo freqüentador de todos eles. Então, gozavam de grande fama o Boi do Boca Calada, João Felício da Fonseca, na rua do Sampaio(1), e os Congos do João Ribeiro, no fim da rua Major Facundo, além da praça do Livramento, hoje do Carmo. De vez em quando, havia perturbações da ordem nesses espetáculos baratos, afugentando as famílias que gostavam de ouvir as cantorias tradicionais. A cachaça armava das suas. Tanto assim que o João Boca Calada, homem que gozava de certo conceito, declarava pelos jornais não permitir a entrada no seu Bumba-meu-boi de "pessoas da plebe que não estivessem em estado normal" e o João Ribeiro dos Congos assegurava nos seus anúncios "plena tranqüilidade às famílias timoratas".

O que mais atraia a freqüência nos Congos eram as piadas dum tal Reis, no papel de Secretário, e no Boi as graçolas do caboclo Mateus, grande sapateador, que andava pelas ruas carregando as pesadas pastas do Cristóvão Guerra ou do Laurênio Cabral, cobradores da Companhia do Gás.

Nas páginas da "República", João Ribeiro estampava colunas de literatura barata, feita por qualquer escrevinhador pago, denominando pomposamente os Congos – *Pastoris Africanas* e descrevendo as cenas principais do auto neste estilo: "No renhido da batalha, fascinadores cambiantes iluminarão o teatro da ação, dando uma idéia evidentíssima dos gigantescos e formidáveis combates em

---

1 – Hoje, Rua Governador Sampaio. – M.S.A.

que Napoleão - o Gênio Guerreiro - representava o símbolo palpitante da coragem e do terror!"

Três dias após a greve sangrenta de 3 de janeiro, na festa dos Reis Magos, fui aos Congos do João Ribeiro. Estava lá muito tranqüilo, sentado na arquibancada de tábuas de pinho, quando o Reis teve a desastrada idéia de pilheriar com um desordeiro contumaz que se achava presente, o famoso João Lopes de Sousa, vulgo Boca de Sebo, que lhe respondeu com as piores grosserias. O outro revidou:

- Cala a boa, zonofone!

Uma gargalhada geral. Naquele tempo, a expressão estava em plena voga. O que hoje se chama vitrola aparecera como fonógrafo, passara a grafofone, transformara-se em gramofone e afinal fora zonofone. Como os rádios de hoje, os zonofones então azucrinavam a paciência de todos.

- Cala a boca, zonofone! repetiu a platéia divertida. O Boca de Sebo berrou, furioso:

- Zonofone é a mãe que os pariu!

Houve protestos em nome do respeito devido às famílias presentes. O desordeiro ameaçou os protestadores. A assistência dividiu-se contra e a favor dele. O pau choveu de todos os lados, primeiro nos focos de acetileno - *cambiantes fascinadores*, que se apagaram, deixando às escuras o teatro *da ação*. Entrei no sarilho e levei uma bordoada na cabeça que me atirou ao solo. Na escuridão da noite trilavam os apitos. A polícia apareceu sob a forma dum pelotão de guardas cívicos com o tenente Gustavo Rodrigues, um batoré escuro e prepotente, escanchado num cavalo magro. Ouviu gritar:

- Baixem o *flandre*!

O chanfalho entrou em cena, a torto e a direito. Escafedi-me, rolando pelo chão. Ao passar por baixo duma cerca de arame, toda enramada de melão de São Caetano, um dos estrepes prendeu-se no ombro do meu casaco de brim pardo. Forcejei e ele rasgou-me as roupas e a carne até o osso. Conservo a cicatriz como lembrança amável das Pastoris Africanas...

O NAUFRÁGIO

Meu colega e amigo Eurico Duarte, filho do Dr. Alfredo Severino Braga Duarte, gerente da Eqüitativa, cuja agência ficava nas vizinhanças de minha casa, fundou, creio que no meado do ano, o Esporte Club, a primeira sociedade de que fiz parte. Entrei para ele, a fim de freqüentar as aulas de esgrima. Continuava com a mania de ser militar. O florete não me tentou muito. Preferia a baioneta e ainda mais o sabre. Era ledor fiel do "Almanach du Drapeau" e admirava os velhos *sabreurs* da epopéia napoleônica, cujas proezas se contavam nos cadernos do sargento Bourogogne e de outros *vieux de la Vieille Garde*, transcritos naquela publicação anual. Minha avó falava sempre dum veterano de Napoleão que dera com os ossos no Ceará, ao tempo em que os *demi-solde* se viam perseguidos em Paris pela polícia da Restauração, o capitão José Saty, apelidado o Perna de Pau, morador à rua do Sampaio,(1) numa casinha ainda existente, por trás das cocheiras do Colignac. Capitão de dragões da Guarda Imperial, tivera uma perna amputada em Waterloo e viera morrer anônimo e esquecido na longínqua terra cearense.

Minha mudança de rumo não era tão radical que me fizesse contrariar totalmente as verdadeiras tendências de meu espírito. Preferi a sala de esgrima e os exercícios náuticos às tertúlias espirituais. Não fazia sonetos como a maioria de meus colegas. Não participava dos grêmios e revistas literários estudantis que brotavam como tortulhos na antiga Fortaleza como uma capoeira a substituir a mata roçada e queimada pelo tempo da Padaria Espiritual, que tanta fama deixara. Nunca escrevi no "Germinal", lançado por José Vieira e Álvaro Bomílcar, em que saíam os sone-

1 - Rua Governador Sampaio, hoje. - M.S.A.

tos dos estreantes. Nunca quis participar dos grêmios José de Alencar, Rocha Lima, Barbosa de Freitas e Boêmia dos Novos. Nenhuma preocupação com as letras. Lia muito, mas cousas de guerra e de aventuras. Longe estava de pensar que um dia houvesse na minha terra Grêmios Gustavo Barroso.

A tendência para a arte, no entanto, corria parelha com a vocação militar. Admirava Horácio Vernet, Meissonier, o Barão Gros, todos quantos haviam fixado em grandes telas históricas os brilhantes uniformes dos vencedores da Europa. Munido duma caixa de aquarela, procurava imitá-los, pintando soldados e combates. Nos quadros negros do Liceu, traçava as caricaturas do velho Aciólli e do Comandante Lopes da Cruz, que João Brígido apelidava o *Lacroix*, acentuando-lhe o prognatismo. Hermino Barroso, meu professor de alemão e meu futuro colega de preparatórios e como Secretário de Estado, deliciava-se com elas e por sua causa me perdoava as cincadas nas regras da gramática de Otto e nas traduções dos temas do "Deutsches Lesebuch". O Dr. Antônio Adolfo Coelho de Arruda, diretor do Ginásio Cearense, redator-chefe da "República" e meu professor de História, alma doce e contemplativa, uma das melhores pessoas que tenho conhecido e que me queria muito bem, um dia tomou-me das mãos a cópia que fizera do quadro de Henri de Neville - "A escalada", expondo-a na sala da redação do jornal com uma noticia encomiástica na primeira página.

Todavia, o poeta Álvaro Martins, que usava o pseudônimo Alvarins e cantava loas deste teor ao velho Aciólli:

> O próprio céu enfeitou-se
> Com seu manto constelado,
> Para dar realce à posse
> Do nosso chefe adorado

Elogiava minhas composições na aula de literatura. Mandou-me fazer um dia a descrição da visita do núncio

Júlio Tônti, então chegado ao Ceará. Leu-a com encômios em plena aula e vaticinou que eu seria escritor. Levei a profecia na troça.

O poeta era atacadissimo pelos elogios que fazia ao Presidente do Estado. Eu tinha pena dele. Precisava viver. A essas fraquezas, aliás, têm estado sujeitos quase todos os poetas. Leiam-se as dedicatórias lisonjeiras de La Fontaine aos poderosos da Corte. Recorde-se de passagem o "bonito herói, cheirosa criatura" de B. Lopes na "Poliantéia" ao Marechal Hermes. Não se esqueça aquele soneto do então acadêmico de direito Mário Melo ao Comendador Aciólli, que fez época no Ceará:

> Faz anos hoje o nosso velho amigo,
> Velho na idade, porém não no juízo,
> Pois quem faz duma terra um paraíso
> Não envelhece nem como castigo.
>
> É um modo de falar, porque, comigo,
> Só chamo - o *velho Acióli* - e *concretizo*
> Nele o *Asaverus* que, com jeito e siso,
> Estende o braço ao pobre e ao inimigo.
>
> Os despeitados, - miserável gente!
> Mordem-lhe o calcanhar traiçoeiramente,
> Depois de nele ter achado abrigo...
>
> Emérito paulista, honra da prole,
> Proponho um viva altivo ao velho Aciólli,
> O nosso chefe e venerando amigo.

E não percamos tempo a remontar a caudal dos séculos relembrando as adulações de Ovidio, de Horácio e do próprio Marcial.

Unindo o esporte à literatura que tão fracamente desabrochava, eu, meu velho amigo e companheiro dos bancos do colégio Paulo Martins e Aureliano Amazonas Azevedo fundamos o Clube Literário e de Regatas Saldanha da

Gama, que terminou de modo quase trágico, no naufrágio da baleeira "São Jorge", virada por uma onda colossal, na preamar, ao tentar sair do Poço da Draga(2) para o oceano. Eu estava acostumado àquela proeza, mas numa jangadinha ou *bote* de timbaúba que possuía e no qual, ao tempo das molecagens, ia pescar de linha, amarrando-a na bóia do canal, que marcava o lugar onde outrora naufragara um vapor inglês.

Nas marés cheias, pela ponta do velho quebramar do porto aterrado pelas dunas, o oceano comunicava-se com o Poço da Draga. As ondas verdes batiam furiosamente na ponta do cais e se espraiavam em rendas de espumas sobre a coroa de areia do Pocinho. Era necessário muita habilidade na manobra para vencer aquele passo. O Clube Saldanha da Gama tinha um rival, o Rowing-Club, de Hermenegildo e Lourenço Porto. Nós os desafiamos a sair ao largo e eles recusaram. Devíamos mostrar nossa coragem. Tentamos a passagem. Eu ia na ginga, governando a embarcação; mas o grande remo de faia quebrou-se ao meio, quando escorava uma onda. A baleeira ofereceu o costado à segunda, ainda maior. Um banho formidável. Virou aos boléus pela coroa do Pocinho. Os outros conseguiram pular fora. Fiquei preso debaixo do casco arqueado, em que as vagas batiam com um som cavo. Se me não acodem em tempo, não estaria contando hoje esta história.

O barbeiro Isidoro, que usava uma gaforinha pixaim e tinha pretensões a elegante, passeava pela praia. Viu o desastre e correu a chamar os tripulantes duma lancha da Casa Inglesa, os quais acudiram e desemborcaram a baleeira. Isidoro tinha fama de mau pagador e constantemente saíam nos jornais verrinas contra ele sob a assinatura – um *caloteado*. Eu ficava furioso contra seus anônimos autores e só cortava o cabelo no salão do mestiço, à rua da Assembléia.(3) Considerava-se meu salvador.

2 – Na Praia Formosa, ao lado da foz do riacho Pajeú. M.S.A.
3 – Atual Rua São Paulo. M.S.A.

A TOMADA DE PORTO ARTUR

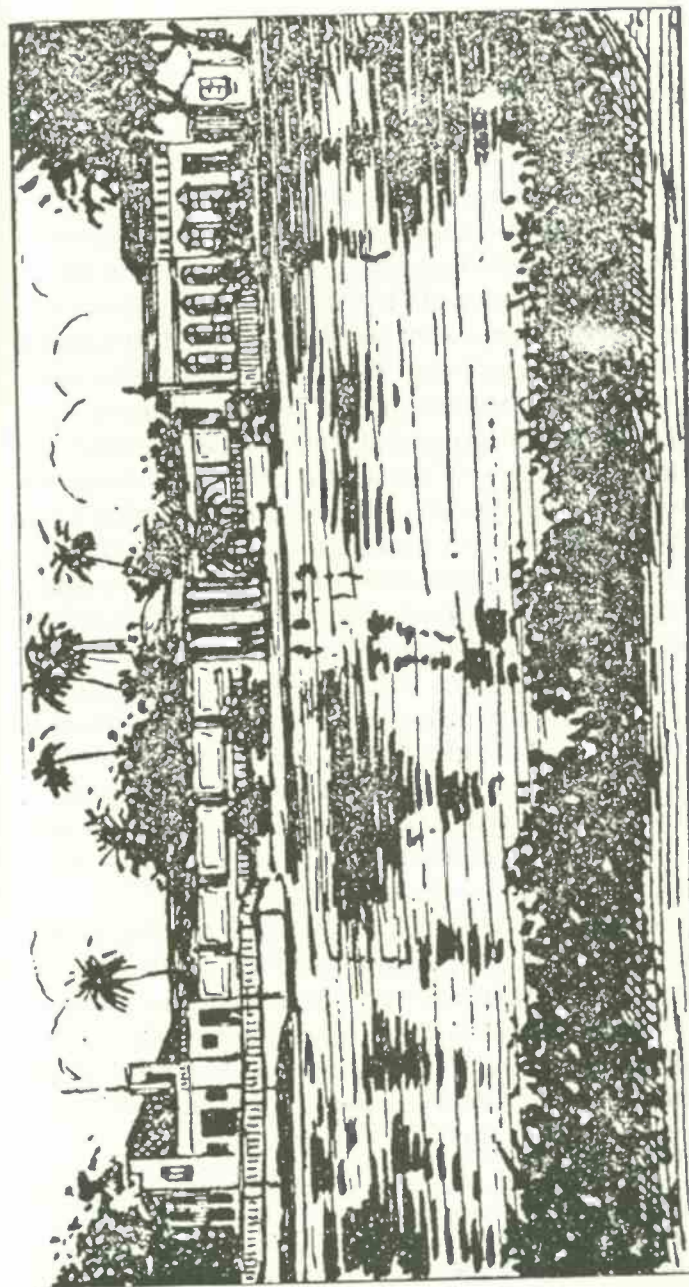
O eco do choque travado no Extremo Oriente entre a Rússia e o Japão chegou ao Ceará através das notícias e transcrições de artigos nos jornais. A rapazeada inflamou-se, vibrando ao fragor das batalhas travadas às margens do Lalu e nas cercanias de Mukden. O Liceu dividiu-se em dois campos rivais: russos e japoneses. Líamos e recitávamos as crônicas entusiastas de Felício Terra. Mal sabia que um dia seria amigo de seu autor, o velho Nuno de Andrade, grande médico e escritor, no Rio de Janeiro. Uns apregoavam as glórias de Nogi, Oku, Kuroki, Togo e Kamimura; outros, as de Skridlof, Kuropatkine, Stoessel e Rodjestvenskt. Fazíamos apostas em quem haveria de vencer. Um dia, resolvemos decidir a parada num combate simulado a caroços de monguba, no Parque da Liberdade.(1)

A ilha do lago foi considerada Porto Artur para todos os efeitos. Nela, os moscovistas se entrincheiraram numa arruinada Torre Eiffel de madeira, que a ornamentava em tempos idos, hoje substituída por um templo circular com a velha estátua de Netuno,(2) que olhava o mar, quando eu era menino, do alto duma penha artificial, no terceiro plano do Passeio Público. Raimundo Vilela, assessorado por seu mano Jeromão, assumiu o comando da fortaleza, na qualidade do Stoessel. Ataquei a posição, comandando os japoneses e tendo como ajudante de ordens Raimundo Barbosa Lima, que chamávamos no Liceu – o filho do Chico Higino. Se o assalto foi terrível, a defesa foi heróica. Conquistamos várias vezes a ponte de acesso e outras tantas

1 – Onde depois foi instalada a Cidade da Criança. M.S.A.
2 – Atualmente (1987) e já há vários anos, a estátua de Netuno não mais lá se acha, substituída que foi por uma menor de Eros, Deus do Amor, com o arco e setas na mão. M.S.A.

fomos repelidos. Da última, tendo-se acabado a munição de caroços dos sitiados, ao invés de se renderem, começaram a atirar pedaços de tijolos e pedras. Revidamos na altura e o general Stoessel tombou ferido com uma brecha na cabeça pingando sangue. Quase desmaiou. Fez-se a paz e pediu-se socorro na vizinhança. D. Lourença Barbosa Leite, moradora nas proximidades,(3) bondosamente forneceu arnica e ataduras.

De então por diante, contentávamo-nos em nos esguelarmos a favor dos russos ou a prol dos japoneses nos cinemas primitivos que exibiam no Eden, no Palhabote ou no Iracema os episódios da memorável campanha: o Kinetoscópio, o Bioscope-Falante do mecânico Hervet, com a história de Ali-Babá e os Quarenta Ladrões em cores, e o Porco-Mundano, de cartola e casaca, cantando e dançando, ou o Cinematógrafo, afinal, da Empresa Franco-Brasileira. Além do cinema, frequentávamos o Panteon Ceroplástico do Afonso Segreto, pequeno museu Grévin ambulante, nos quais se viam os heróis da guerra longínqua.

3 – Em uma das casas, do rengue que ainda hoje existe, no quarteirão da Rua Solon Pinheiro, antiga Trindade, compreendido entre as ruas Pedro Pereira e Pedro 1, lado de números pares ou da *sombra*, pois em frente não há casas mas o gradil do Parque da Liberdade. M.S.A.

O Parque da Liberdade, hoje Cidade da Criança. Na ilha, ao meio do lago, pequenino templo no local de antiga Torre Eiffel de madeira. Não existia outrora o edifício que se vê à direita. Ao fundo, a primeira casa é a de D. Lourença Leite Barbosa.

O "VINETA"

Em agosto, surgiu no porto de Fortaleza o cruzador alemão "Vineta". Tinha desistido de alcançar a Escola Naval, mas ainda namorava em silêncio as cousas do mar. À tarde, costumava passear pela minha querida praia, depois de tomar um delicioso sorvete de cajá ou graviola na tendinha do Amarílio, à esquina da rua do Sampaio,(1) na praça da Sé, em companhia de Mano Bulhão Ramos, que veio para o Rio e fez brilhante carreira na "Imprensa" de Alcino Guanabara. Indo ao Ceará em 1929, a convite do Governo do Estado, representar a Academia Brasileira e a família de José de Alencar na inauguração do monumento ao cantor de Iracema, em que pronunciei o discurso oficial, encontrei o Amarílio estabelecido com um café e bilhares no Passeio Público.(2) Convidava-me sempre a tomar os sorvetes em que era perito, a fim de lembrarmos o passado. Casara e vivia com independência à custa do seu trabalho. Morreu pouco tempo depois. No decorrer da existência, a ausência e a morte vão continuamente levando amigos e conhecidos. É triste a gente sentir-se só, quase estrangeiro, acompanhado somente de reminiscências e saudades, na terra que nos viu nascer.

Ainda acompanhava a Escola de Aprendizes Marinheiros comandada pelo Capitão-Tenente Albuquerque Serejo, sucessor de Lopes da Cruz, nos seus exercícios com acampamento em Porangaba;(3) porém já não tinha mais o velho Mister Myles para levar-me a bordo dos navios de guerra. O escocês convalescia duma enfermidade em

1 - Rua Governador Sampaio, hoje. M.S.A.
2 - O prédio do café do Amarílio ainda lá se acha, bastante mutilado embora. M.S.A.
3 - Voltou a chamar-se Parangaba, na reforma administrativa de 1943, nome primitivo da vila indígena aldeada pelos jesuítas. M.S.A.

Maracanaú. Assim, não visitei o "Vineta" e contentei-me em assistir ao desembarque dos oficiais para as festas que lhes ofereciam, com seu comandante à frente, todo de branco, a placa da Águia Vermelha ao peito, reluzindo ao sol.

À noite, participei do *sereno* que apreciava a recepção no Consulado da Alemanha, na travessa Municipal.(4) Dos salões iluminados elevava-se uma voz de barítono, cantando trechos wagnerianos. Era Corbiniano Vilaça, que então dava concertos em Fortaleza e cujos retratos, em trajes de ópera, eu admirava num grande quadro exposto na livraria Gualter do Militão Bivar.(5) Viemos a nos conhecer muitos anos depois, no Rio de Janeiro, quando tive de adquirir diversas relíquias de sua coleção para o Museu Histórico Nacional.

Comentava-se no *sereno* o fato dos oficiais alemães se sentarem, fumando, nos peitoris das janelas que davam para a travessa. Esse costume, hoje corriqueiro, ainda não chegara ao Brasil através do cinema. Madame Emilie Baubrier, popularíssima na cidade, velha professora de francês condecorada com a Legião de Honra, resmungava num grupo com o espírito da *revanche:*

– *Oh! ces sacrés allemands! C'est inoui!...*

4 - Atual Rua Guilherme Rocha. M.S.A.
5 - O prédio que abrigava a Livraria Gualter foi demolido para no local levantar-se o edifício da esquina sudoeste das ruas São Paulo e Major Facundo. - M.S.A.

O DOUTOR FONEMA

A 19 de outubro, na festa literária do Liceu, o professor Teodorico falou pelo corpo docente. Seria eu, seu apagado ouvinte de então, quem pronunciaria em 1939, numa das sessões da Academia Brasileira, palavras de saudades pelo seu desaparecimento! Inaugurou-se o retrato dum lente falecido, o Dr. Torquato Jorge de Sousa. Pelos alunos, oraram Eduardo Eurico de Oliveira, Francisco Prado e João Óton do Amaral Henriques Filho.

O discurso de João Óton foi cerrado ataque à situação política dominante. Lembrada do 3 de janeiro, a rapaziada entrecortava-o de aplausos. João Óton tinha os mais justos motivos para aquela linguagem veemente. Ninguém sofrera maior perseguição do partido do governo do que seu velho pai, o Dr. João Óton do Amaral. Pobre e carregado de família, vira-se demitido de seu cargo na magistratura e com o escritório de advocacia às moscas, porque ninguém entregava causas a um homem incluído no index dos poderosos da terra. Conseguira, apelando para amigos, uma colocação no Amazonas. A política oficial recorreu ao prestígio de elementos federais e frustrou-lhe esse derradeiro recurso.

Parece-me ainda estar vendo aquele ancião, silencioso e digno, tristemente sentado numa mesa do Café do Comércio, à praça do Ferreira(1), conversando com raros amigos, numa atitude de profundo desalento. A gente do órgão oficial não se comovia com aquela dor concentrada que impressionava meu espírito juvenil. Escrevia verrinas contra ele, dizendo que surrupiava as colherinhas do café. O cúmulo da mesquinharia! Política de aldeia sem entra-

1 – Situado no ângulo noroeste da Praça. – M.S.A.

nhas. Aliás, parece mesmo que a política não tem entranhas em parte alguma e em tempo algum.

Logo que pôde, João Óton do Amaral Henrique Filho veio para o Rio de Janeiro, onde conseguiu uma situação que não atingiria em sua terra natal. Pouca foi a minha privança com ele no curso do Liceu.

O ano findou bem para mim. Obtive graus plenos em todos os exames. Esperava-me a Jurucutuoca com seus cajueirais, as caçadas de precaparas na lagoa do Taimbé, os passeios a cavalo à Messejana, ao Aquiraz e ao Eusébio, as pescarias de búzios no Sabiaguaba. Um dia, com o sol a pino, dardejando fogo nos tabuleiros verdes, conversava com meu primo Licínio Nunes, deitado em redes de tucum à sombra das árvores, quando avistamos um padre a cavalo, galopando pela larga estrada que passava rente à porteira pintada de zarcão. Era Monsenhor Uberato da Costa, que ia a toda a pressa ao Aracati, chamado pela mãe à morte. Nem quis apear-se, tomou um caneco de água e um gole de café na sela. Deu-nos apressadamente grave notícia corrente em Fortaleza: rebentara no Rio de Janeiro o levante da Vacina Obrigatória.

Ao anoitecer, surgiu, montado num rocinante preto, de passagem para seu sítio Tipuiú, que ele chamava o Inferno e ficava perto do Aquiraz, o Dr. Manuel Ambrósio da Silveira Torres Portugal, catedrático de português no Liceu e o rei dos cacetes. Falava devagar e baixinho. Quando dava aula, somente se conseguia ouvir uma palavra que repetia amiúde: fonema. Por isso, os estudantes chamavam-lhe *Doutor Fonema*. Na mocidade, fizera figura como orador empolado e precioso, empregando com abuso velhas chapas: o Leito de Procusto, a Clava de Hércules, o Tonel das Danaides, os Gansos do Capitólio, o Rochedo de Sísifo, a Nuvem por Juno, a Bacia de Pilatos. Fora Deputado Geral na Monarquia e arredara-se da política, embora votasse em todas as eleições com a oposição. Meu pai, seu companheiro de juventude, comparava-o a uma cédula de cem mil réis recolhida...

Deu-nos, durante a ceia, na mesa do alpendre, pormenores do movimento revolucionário que o Governo da República completamente dominara. O general Travassos, seu chefe, estava ferido. Decretara-se o estado de sítio. Enchiam-se as prisões. Havia notícias de movimentos em outros Estados, sobretudo na Bahia, também sufocados.

Meu primo Licínio, oposicionista ferrenho desde a deposição do General Clarindo, quando fora demitido de oficial maior da Secretaria de Estado, alegrara-se com a primeira notícia trazida pelo Padre Liberato, porque esperava, com a vitória duma revolução, mudança política no Ceará e sua conseqüente reintegração no posto. Ela lhe seria dada, anos mais tarde, no governo do coronel Franco Rabelo, genro de José Clarindo, e seria eu, aquele fedelho sem eira nem beira que acolhia carinhosamente nas férias, quem, como Secretário do Interior do Presidente Benjamin Barroso, que o demitira em 1892, o aposentaria a pedido em 1914! As novas de que foi portador o Dr. Portugal o desanimaram. Ainda não era daquela vez.

Estendemo-nos nas redes da alpendrada, gozando a frescura da noite perfumada pelos maturis. O *Doutor Fonema* ciciava monotonamente. Ferrei no sono. Acordei com o sol a brincar-me no rosto. Disseram-me que o maçante somente se resolvera a partir quando os galos amiudaram o canto. Todos tinham ido dormir às onze horas. Meu primo, que lhe fizera companhia, estava derreado pela seca!

O professor Portugal era notável pelas caceteações. Corria em Fortaleza que matara o velho Pirão, morador à praça do Patrocínio(2). Punha-se a conversar com ele maciamente ao anoitecer e só o largava alta madrugada. O velho dentro de casa, ele encostado à janela, cochichando. O pobre homem, doente do coração, resistiu seis meses, *afrontado*, morre-morrendo, até que acabou batendo a bota. Só assim se viu livre de seu perseguidor.

2 – Hoje Praça José de Alencar, depois de ter sido Praça Marquês do Herval e do Patrocínio. – M.S.A.

Quando Secretário do Interior, morava em Fortaleza sozinho, numa chácara de Eduardo Sabóia, meu futuro colega na Câmara, a dois passos da casa do Dr. Portugal, na rua Padre Mororó. À noite, se ficava no meu gabinete com a luz acesa, estudando papéis, era fatal ele bater na veneziana e chamar-me para dar-me secas terríveis. Não querendo desgostar meu velho mestre e um homem digno de respeito pela integridade de seu caráter, usava de estratagemas para livrar-me dele, que nem sempre davam resultado.

Tipo em verdade curioso. Tinha a mania de arrematar trastes velhos nos leilões do Júlio da Pavuna ou do Suçuarana, que empilhava na varanda de sua residência. Aquilo parecia um belchior. Quando arranjava um marceneiro que trabalhasse barato, consertava-os e mandava vendê-los. Com os lucros abria cadernetas da Caixa Econômica no Recife, na Bahia e no Rio de Janeiro. Durante meses, a alpendrada ficava entupida de cacaréus. Não recebia ninguém. Sua mulher não punha os pés fora de casa. Durante uma de suas ausências no Tipuiú, ela mandou pôr uma daquelas bacamartadas em leilão. Ele chegou inesperadamente, foi à cidade e, sem saber o que haviam feito e sem reconhecer os trastes, arrematou tudo de novo.

Era sobrinho do Padre Pedro, morador, à praça de São Sebastião, em cujo açude tomei os mais deliciosos banhos de minha meninice(3). O Padre desaviera-se com ele por uma questão de família e não queria vê-lo nem pintado. Muito rico, sentindo-se morrer, mandou chamar, para fazer o testamento, meu primo Joaquim Feijó de Melo, tabelião da capital, um dos homens mais dignos e fidalgos que tenho conhecido. Feijó foi e encontrou o sacerdote já nas últimas extremidades. Recebeu e registrou os legados aos sobrinhos, que saíram por entre os soluços da pré-agonia. No fim, muito sisudo, concertando no nariz os óculos azuis que não abandonava, pôs-se de pé e disse:

3 – O açude se acha hoje completamente aterrado. – M.S.A.

– Reverendo, as Ordenações do Reino declaram o tabelião assessor natural das partes. Nesta conformidade, sendo de meu pleno conhecimento a existência dum herdeiro legítimo, não nomeado neste testamento, acho de meu dever lembrá-lo para que não haja esquecimento ou omissão.

O Padre indagou em voz sumida:

– Quem é?

O tabelião nomeou-o:

– O Dr. Manuel Ambrósio da Silveira Torres Portugal, seu sobrinho. Que é que o reverendo deixa para ele?

O moribundo recostou-se mais nos travesseiros e, fazendo o gesto vulgarmente chamado de *armas de São Francisco*, expirou com estas palavras:

– Deixo-lhe uma banana!

Por essa razão, em Fortaleza, quando se perguntava a alguém o que havia deixado um parente rico acabado de morrer, a resposta era fatal:

– O que o Padre Pedro deixou para o Doutor Fonema!

As notícias que ele e Monsenhor Liberato levaram naquele dia ao sítio Jurucutuoca fizeram com que se desvanecesse minha esperança de entrar para a Escola Militar. Com toda a certeza, o Governo Federal fechá-la-ia por ter participado do movimento, o que efetivamente se verificou, sendo os cadetes distribuídos pelos corpos das guarnições do Sul.

1905

O CLAUDEMIRO

Em meados de janeiro, de volta das férias na Jurucutuoca, assisti à colação de grau, como bacharel em Ciências e Letras em 1904, de Eduardo Eurico de Oliveira, o *bicho fedorento*. Levava-me na conclusão do curso uma dianteira de dois anos. O Presidente do Estado compareceu à solenidade. À porta do Liceu iluminado, tocou a banda de música da Polícia. Seu paraninfo, o professor Antônio Teodorico da Costa, pronunciou um discurso sobre o tema "Trabalho e Orfandade", duas palavras que resumiam a exemplar vida de estudante daquele órfão paupérrimo, que tudo devia ao próprio esforço. Se não tivesse pintado o sete em 1901 e 1902, ali estaria junto com ele, recebendo os mesmos louros. Meditava profundamente nisso e, enquanto ele lia a sua resposta ao professor, eu cravava os olhos no chão, apunhalado de remorsos.

Ia cursar o quinto ano e só poderia ser bacharel em 1907. Precisava ressarcir pelo menos metade do tempo perdido. Resolvi, pois, naquela hora abandonar o Curso Integral e prestar exames avulsos de preparatórios. Não carecia de muitos para qualquer carreira, pois que, graças às últimas aprovações, possuía vários exames finais. Os que faltavam, porém, eram os mais difíceis. Resolvi-me a fazê-los em dois anos e fi-los.

Como a Escola Militar estivesse fechada e constasse que tão cedo se não reabriria, curvei a cabeça aos desejos de minha família, ainda mais veementes após a fundação da Faculdade Jurídica em Fortaleza, e aceitei ser bacharel em Direito. O destino era mais forte do que eu.

Nova geração de moços dava vida ao velho Liceu: Josué Corrêa de Sena, Alcides de Castro Santos, filho do ex-diretor Agapito, os irmãos Torres de Melo, Clínio Me-

mória, Oscar Guilherme, Mozart Catunda Gondim, Mário e Emílio Cabral, Clóvis Ribeiro, Abias Otávio Vieira, Luís Salgado, Júlio Montenegro, Rui de Alencar Matos e Eurico de Figueiredo Sampaio, hoje coronel do Exército.

Nas fileiras dos preparatorianos, ombreava com homens idosos, que almejavam o canudo de bacharel na nova Academia, como Olavo Carneiro da Cunha, filho do Barão de Abiaí, meu velho conhecido da meninice, quando freqüentava minha casa como cadete da extinta Escola Militar do Ceará, e Hermino Barroso, meu professor de alemão e meu amigo, mais tarde meu colega de governo, Secretário da Fazenda quando eu era do Interior.

Devorei durante o ano a "História do Brasil" de Monteiro Maia, a "Química" de Martins Teixeira, a "Física" de Langlebert e a "Geometria" de F.I.C. Consegui as melhores notas. Meu exame de geometria foi puxado. Constituíam a banca examinadora o Capitão Oscar Feital, que fora meu paciente explicador, o Tenente Antônio Eugênio Gadelha e, como presidente, um paraense aparentado à família Acióli, Claudemiro Júlio de Andrade Figueira, lente da cadeira, detestado pelos estudantes e que não gostava de mim. Houvera entre nós um incidente sério.

A Biblioteca Pública, transferida para a Faculdade de Direito(1), deixara o prédio dos fundos do Liceu. Uniram os dois edifícios por um passadiço coberto e o da Biblioteca passou a ser ocupado pelos serviços administrativos do Liceu. Achava-me uma tarde ali, tratando de minhas inscrições com o então Secretário Dr. José Carlos Rodrigues, até hoje meu bom amigo, quando alguns alunos do Curso vieram saber quais as notas obtidas nas provas escritas por que acabaram de passar. Muito atarefado, o Secretário pediu-me que as desse. Tomei o maço de provas para satisfazer-lhe o pedido. Eram, infelizmente, da cadeira do Claudemiro, que vinha entrando inesperadamente na sala.

1 - A Faculdade de Direito era, então, sediada nos baixos do prédio da Assembléia Legislativa, e passou a ocupar apenas a metade que dá para a Praça General Tiburcio. - M.S.A.

Avançou para mim, arrancou-mas das mãos e pôs-se aos gritos:

– Desaforo! Não admito que você leia as minhas notas! Ponha-se lá fora!

– Desaforo, não, senhor! Retruquei. Foi o Dr. Secretário quem me pediu. Não seja besta!

O professor investiu contra mim a estas palavras, de punhos cerrados. Recuei alguns passos e lancei mão duma cadeira:

– Venha!

José Carlos Rodrigues interpôs-se, detendo-o e explicando o que se passara. Depois, pediu que me retirasse.

Aquela súbita irritação explicava-se psicologicamente. Era a mola dum recalque que se distendia. Claudemiro, professor por mera proteção oficial, não sabia com proficiência a matéria que lecionava e a meninada troçava dele, fazendo-lhe contínuas picuinhas. Incomodava aquela situação falsa. Nada pôde fazer contra mim, porque o Secretário corretamente tomara meu partido e não era homem que se amedrontasse com caretas. Marcou-me, porém, e procurou vingar-se no exame.

Quando os dois examinadores se declararam plenamente satisfeitos com as minhas demonstrações no quadro negro, embora não fosse praxe os presidentes de bancas argüirem os candidatos, começou a dar-me teoremas e a esforçar-se por me atrapalhar. Eu tinha crescido muito e estudado demasiado. Temendo o Claudemiro, na véspera, até altas horas da madrugada recordara a matéria com o bondoso professor Oscar Feital. Sentia-me fraco. No meio da cerrada e odienda argüição, tive uma tonteira e caí. Os professores e os estudantes presentes protestaram. O fiscal federal, Dr. José Lino, amparou-me. Oscar Feital mandou buscar uma xícara de café quente. Apesar de tudo, Claudemiro deu-me a nota mais baixa que pôde, o que me não impediu de tirar média nove.

Em março de 1910, quando eu já fizera com brilho o terceiro ano de Direito e me preparava para embarcar para o Rio de Janeiro, Claudemiro, cada vez pior, esbofeteou

por motivo fútil, em plena aula, o estudante Vicente Pordeus de Oliveira, filho dum velho funcionário, provecto historiador e homem de bem a toda prova, João Batista Perdigão de Oliveira, alcunhado o Pacova.

O Liceu inteiro, solidário com o rapaz ofendido, revoltou-se. A rapaziada realizou comícios de desagravo, apedrejou o estabelecimento e vaiou o professor, não acontecendo cousa pior devido à intervenção da Polícia. Os jornais da oposição à cata de escândalos exploraram o caso. Toda a cidade agitou-se. Nem uma voz se erguia em seu favor. As ruas amanheciam coalhadas de boletins, concitando a mocidade a tomar pronta desforra. Fui um dos panfletários e dos mentores da rebeldia. Ainda possuo no meu arquivo um desses violentos papeluchos, que termina assim:

"Hoje começou a greve e perdurará até que seja retirada a injúria que querem fazer à mocidade estudiosa com a imposição da suja personalidade desse abjeto professor! Mostremos que os estudantes do Ceará ainda não esqueceram suas gloriosas tradições, repelindo por todos os meios ao seu alcance o deslavado professor!"

A greve e a agitação tornaram impossível a permanência de Claudemiro no cargo. O Governo viu-se forçado a pô-lo em disponibilidade e retirou-se de Fortaleza. Mergulhou para sempre no mais completo esquecimento.

Desde esse dia, comecei a observar que quem me persegue gratuitamente deita-se em breve a perder, sem que em pessoa contribua para isso. Chego, às vezes, a pensar que *meu santo* é *muito forte* – como diz o povo. Se publicasse a lista dessas observações no decurso dos anos, seria impressionante. Uma feita, disse-me uma leitora de buena-dicha, fixando os olhos em certas linhas de minha mão:

– *Gare à qui vous touchera!*

O episódio mostra que, no meu tempo e mesmo alguns anos depois, os alunos do Liceu do Ceará tinham uma capacidade de entusiasmo e reação digna de louvor. A estudantada atual, pedinchona de exames por decreto e de dispensas de provas, parece que a perdeu.

O ANDARILHO

Durante o ano fiz amizade com um velho pintor austríaco, Piereck, cujos filhos tinham uma fotografia em Recife e que viera ao Ceará pintar o retrato, em tamanho natural, do Presidente Acióli, ainda hoje existente na galeria do Palácio do Governo. Minha irmã, Nini, que concluíra o curso com o maior brilho no Colégio da Imaculada Conceição e residia com minha avó e minha tia alemãs num sobradinho colonial da rua Sena Madureira, aperfeiçoava com ele seus dotes de exímia desenhista e pintora. Toda a decoração da capela do mosteiro de Notre Dame de Jouarre, em Nieue Herlaag, perto de Hertogenbosch, na Holanda, foi executada por ela, quando se tornou monja beneditina. Eu a acompanhava às lições e ia a *trouxe-mouxe* aprendendo também alguma cousa.

O austríaco era um homem simples, instruído e simpático, de chapéu cinzento desabado, gravata à La Vallière e pera branca, o que lhe dava um aspecto de mosqueteiro ou de lansquenete. À tarde, íamos refrescar no Passeio Público, olhando o mar e conversando sobre os grandes pintores do mundo. Depois, jantávamos muitas vezes juntos na Rotisserie Sportman do Júlio Pinto, que se acabava de abrir à praça do Ferreira(1) e cujo gerente era o Genésio, antigo bedel do colégio do professor Lino da Encarnação,

1- Funcionava nos baixos do Palacete Ceará, construído, na esquina sudeste das ruas Floriano Peixoto e Guilherme Rocha, pelo comerciante e banqueiro José Gentil Alves de Carvalho, no local de velho prédio destinado primitivamente a uma escola e depois ocupado pela Guarda Civil. Foi permutado com o da esquina sudoeste da Rua Guilherme Rocha com a Rua General Bizerril, construído pelo mesmo capitalista, no qual o Governo do Estado instalou a Polícia. Em ambos funciona uma das agências da Caixa Econômica Federal, sendo que o do canto da Praça do Ferreira sofreu incêndio em 1982, mas foi reconstruído com a preservação de suas paredes externas. – M.S.A.

de volta do Amazonas. Freqüentávamos mais amiudadamente o Petit Restaurant do Tristão Faria, onde um prato de camarões ensopados, com acompanhamento de arroz, compota de caju e café custava 600 réis. *Die alte gute Zeit!* O bom velho tempo, como dizem os alemães. O convívio com o pintor Piereck ainda hoje me dá saudades.

Era no Petit Restaurant que me encontrava continuamente com um dos amigos a quem mais estimei em minha vida, Homero Ribeiro, que deixara os estudos no Liceu e se empregara no comércio, na casa de comissão e consignações do sr. Robinson. Andávamos sempre juntos. Indo uma vez ao Maranhão, o sr. Robinson lá adoeceu gravemente. Ele ficara sozinho com o escritório, que funcionava nos altos da antiga residência de velho Joaquim Sebastião, à praça do Mercado(2). Passaram-se meses e mais meses sem que recebesse notícias do patrão, ordens para qualquer atitude, um vintém sequer. Acabou fechando a casa e andava numa pindaíba atroz. Eu ganhava com meus biscates e aulas muito pouco, a quarta parte do que ele tinha de ordenado no escritório do sr. Robinson. Não abandonei, porém, o amigo naquele transe e com ele reparti fraternalmente meus minguados vinténs. Pagava-lhe o jantar, emprestava-lhe os níqueis do bonde e dos cigarros. Homero Ribeiro repetia-me, agradecido:

– O sr. Robinson é um homem muito direito. Quando ele ficar bom e voltar, vai pagar-me todos os atrasados e dar-me ainda de lambujem uma boa gratificação. Vamos ter dinheiro a rodo! Está prometido que a metade da gratificação é tua.

Eu sorria, enlevado com a gratidão do meu amigo.

O sr. Robinson voltou e fez o que ele dizia. Reabriu a casa, pagou os atrasados e deu-lhe um conto de réis de

2 – Praça Carolina, oficialmente. Depois denominou-se José de Alencar e Capistrano de Abreu, sucessivamente, denominações deslocadas para outros logradouros. Hoje está praticamente desaparecida com a construção, na sua área, dos prédios dos Correios e Telégrafos e do Banco do Brasil e do Palácio do Comércio. – M.S.A.

gratificação pela dedicada espera. Homero Ribeiro fugiu de mim como o diabo da cruz. Nunca na minha vida um coice me fez sofrer tanto. Calei-me até hoje, mas não posso deixar de consignar o fato nas minhas memórias, porque ele pesou muito em toda a minha vida. Nunca mais acreditei em ninguém como acreditava naquele amigo de infância. Não sei se é vivo ou morto, se lerá esta página ou não. Sei que para mim morreu naquele tempo, em Fortaleza. É possível que o tenha encontrado aqui ou ali e que tenha falado até com ele, mas falei por falar, falei como se fala a um indiferente. Mais ou menos no mesmo tempo, outro amigo me escouceou. Meu companheiro de passeios quase diários e de brincadeiras na praia, só porque arranjou um empreguinho com um parente e um cavalinho para passear, começou a cumprimentar-me por favor. Creio que se chamava Dagoberto...

Minha irmã pôs-me em contato com a família do Coronel da Brigada Policial do Rio de Janeiro, Benvenuto Magalhães, que fora ao Ceará em busca de clima melhor para pessoa doente de sua família. Ela dava lições às suas filhas. As informações que esse velho oficial me deu sobre o fechamento da Escola Militar e o pouco futuro da carreira no momento, acabaram por me dissuadir de tentá-la.

O velho Piereck também se manifestava contrário, achando que devia cursar a Escola de Belas Artes. Para pintor, sim, é que tinha jeito. Tanto disse que a idéia algum tempo guizalhou em minha cabeça. Cheguei a usar gravata La Vallière, a fumar somente cachimbo e a usar na lapela uma palhetinha de metal dourado, comprada no Edmond Lévi. Isso durou o que duram as rosas de Malherbe, o espaço duma manhã. Outra idéia ainda de mais rápida duração substituiu-a em breve: a de ser andarilho.

Certa manhã, entrou em Fortaleza pela estrada da Messejana, anunciado pelo telégrafo desde o Aracati, um tipo verdadeiramente exótico. Vestia de verde. Envolvia-lhe o pescoço uma tira de veludo com as armas da Repú-

blica bordadas a ouro. Trazia botas, bolsa a tiracolo e, à ponta duma lança, a bandeira nacional. Hospedou-se no Hotel do Universo, aonde logo afluíram os estudantes curiosos. Era o famoso andarilho Sebastião de Campos. À tarde percorreu as ruas centrais, acompanhado de rapazes do Liceu, oferecendo à venda seu livro de versos - "Nuvens Errantes". Fiz parte do bando. Invejei-lhe a indumentária esquisita, o todo decidido, a liberdade de andar mundo afora, contemplando novas paisagens e novas caras. Havia dezessete anos que eu via as mesmas, todos os dias. Estava cansado. Ansiava por uma mudança.

MONSIEUR DE LAVEUR

Nesse tempo, facilmente brotava em mim a flor da admiração. Recordo-me que parava pelas manhãs no passeio da loja de ferragens do Conrado Cabral, à rua Major Facundo,(1) para admirar o lustroso cabriolé do lustroso Dr. Álvaro Fernandes, puxado por um cavalo também lustroso. O lustre do Dr. Álvaro Fernandes era no impecável fraque azul, na cabeleira e na barba negras untadas de brilhantina, na fama de grande médico e nos artigos com que colaborava nos jornais. Ele nunca percebeu minha admiração silenciosa e estava longe de pensar que aquele rapazinho pobre e mal vestido um dia referendaria sua nomeação para Prefeito de Porangaba(2) e seria seu colega na Câmara Federal.

Recordo-me também que apreciava longamente o lindo cavalo de sela esquipador de outro médico, que se tornaria falado na política do Estado e meu colega na Câmara, o Dr. Manuel Moreira da Rocha. Ambos eram oposicionistas e combatidos pela "República", que ao segundo somente chamava Mané Onça, alcunha por que em verdade ficou conhecido, estampando diariamente este horrível anuncio:

"DR. MANÉ ONÇA

Especialista em matar gente antes mesmo da operação. Partureja e adoece senhoras. Sistema aper-

---

1 - Atualmente números 302 e 306 da Rua Maior Facundo.

2 - Voltou a denominar-se Parangaba na reforma administrativa de 1943. Nessa época Parangaba era município autônomo, com Prefeito e Câmara próprios. O Dr. Álvaro Fernandes morava em belo prédio das Damas, então integrando o território daquele município. A residência do Dr. Álvaro Fernandes, após reforma que sofreu, serve hoje de sede ao Automóvel Club (Avenida da João Pessoa no- 5.434) - M.S.A.

feiçoado e rápido de eliminar um freguês pelo medo que lhe desperta o clorofórmio. Garante-se presteza nas execuções".

A admiração pelo andarilho Sebastião de Campos esvaiu-se com sua ausência. A dos outros dois não se esvaiu, quando com eles privei, porque, aos dezessete anos, não era bem a eles que admirava, mas as cousas que os cercavam. A um terceiro médico eu admirava, não pelo que o rodeava, porém por ele pessoalmente, o Dr. Aurélio de Lavor, meu professor de História Natural. Estivera na Europa e gostava de falar francês. Por isso, João Brígido o metia à bulha pelo "Unitário", apelidando-o *Monsieur de Laveur*. Eu via nele um modelo de distinção. Viva amizade nos ligou desde os bancos do Liceu e prolongou-se no tempo, através dos azares da política, que ora nos reuniu e ora nos separou.

João Brígido era de inigualável perversidade nas alcunhas com que mimoseava seus desafetos e adversários. A um médico da Armada, metido depois a inventor, que servira em Fortaleza e ali fundara um Instituto Rádio-Elétrico-Terápico, o Dr. Ribas Cadaval, chamava o Ribas Nadaval. Não era, pois, de admirar que o Dr. Lavor, gostando de falar francês, passasse a ser *Monsieur de Laveur*.

Foi o orador oficial da festa de 19 de outubro de 1905, seguindo-se-lhe com a palavra o bacharelando Francisco Prado, cujo discurso escandalizou a rapazeada. Ele havia sido no meio estudantil um dos mais veementes adversários da situação política dominante. De súbito, pronunciava uma oração cheia de elogios rasgados ao governo. Falava-se à socapa duma promessa de emprego e que tudo fora trabalho do professor Oscar Feital no ânimo do seu discípulo. O certo é que, no dia seguinte, João Brígido mudou-lhe o nome pelas colunas de seu jornal, como o fizera com os Drs. Ribas Cadaval e Lavor, imprimindo isto: *Francis-comprado...*

Conto somente um fato notório. Não acuso nem julgo ninguém. O que aí digo está nos jornais da época.

O MASCARADO

Merecia boas férias. Parte delas passei na Jurucutuoca e parte em Maracanaú, fazendo companhia a Mister Myles, que alugara uma casa à esquina da praça da Estação, com fundos sobre a lagoa, onde me banhava deliciosamente todas as manhãs. Aos domingos, visitava Maranguape, vencendo a pé a dezena de quilômetros que distava de Maracanaú. Ali almoçava com o vigário, meu primo Padre Salazar, dava uma prosa com meu colega José de Castelar, na farmácia de seu pai, ou tio, e voltava num burro alugado por dois mil réis ao velho Mota, com um menino na garupa para recambiá-lo.

Na casa vizinha à de Mister Myles, veraneava João Brígido. Freqüentava-a por causa de seu neto Tibúrcio, meu colega no Liceu. Daí datou nosso conhecimento. Com ele comecei a vida de jornalista. Fomos os melhores amigos deste mundo e, depois, os piores inimigos. Mas isto é outra história, como diria Rudyard Kipling, e será contada oportunamente.

Não foi possível prolongar a estada em Maracanaú devido às chuvas constantes desde fins de dezembro, anunciando copiosíssimo inverno. Mal se podia sair de casa. A lagoa transbordou pelos quintais e invadiu as cozinhas. Voltei com Mister Myles quase curado, para Fortaleza. O Ceará inteiro exultava debaixo de água e o poeta Álvaro Martins tornava-se o eco dessa alegria coletiva:

Chove! Que orquestra divina!
Que voz do céu! Que rumor!
Quando a chuva tamborina
No teto do lavrador!

No último dia do ano, pratiquei minha derradeira diabrura na Praia. (1) Quase já me havia esquecido das antigas traquinadas.

Perto da residência de meus primos Bemvinda e Floriano, (2) numa casinha de taipa à esquina da rua da Alfândega com a da Conceição, (3) viviam sozinhas e muito modestamente duas velhas irmãs do sr. Telésforo de Abreu, em outros tempos a pessoa mais importante do bairro e já falecido. A mais idosa chamava-se Mariana e era viúva do Major Demétrio Raimundo Maria de Oliveira, veterano do Paraguai. A outra, solteirona, chamava-se Demétria.

Quase todas as noites, meu primo Floriano chegava até ali, encostava-se ao umbral da porta de entrada e dizia calmamente:

– Boa noite, D. Mariana! Boa noite, D. Demétria!

As boas senhoras respondiam do fundo da salinha mal iluminada pelo candeeiro de querosene:

– Boa noite, *seu* Floriano! Entre um pouquinho, faça favor! Sente-se na cadeira de balanço e converse um bocado com a gente. Como vai D. Benvinda?

Ele entrava e sentava-se com um suspiro e satisfação ao sentir a cadeira embalá-lo maciamente. D. Mariana dirigia-se à irmã:

– Demétria, meu bem, vá buscar um cafezinho bem quente para seu Floriano.

No dia 31 de dezembro de 1905, meu primo fora à cidade visitar o Inspetor da Alfândega, onde era empregado, e levar-lhe com antecipação cumprimentos pelo Novo Ano. Achava-me em sua casa. Entrei-lhe no quarto e vesti a roupa com que costumava, após o jantar, espairecer pela

1 – Já foi esclarecido que, para a cidade de então, Praia era a Prainha. – M.S.A.

2 – Esquina sudeste das ruas Almirante Jaceguai e José Avelino. – M.S.A.

3 – Esquina nordeste das ruas Almirante Jaceguai (continuação, para o norte, da Ladeira da Prainha ou Rua da Conceição) e Dragão do Mar (antiga Rua da Alfândega). – M.S.A.

vizinhança: calças brancas e casaco de alpaca um tanto coçado. Escureci o rosto com uma rolha de cortiça queimada, arranjei uma barba com uns pêlos escuros, enterrei até as orelhas seu velho chapéu de feltro e dirigi-me à residência das duas velhotas.

Em chegando lá, encostei-me ao portal e imitei a voz grossa, lenta e mole do Floriano:

– Boa noite, D. Mariana! Boa noite, D. Demétria!

Ambas convidaram-me a entrar com as frases do costume e D. Mariana acrescentou:

– Veio assistir a passagem do ano com a gente?

Sentei-me na cadeira de balanço, imitando os gestos e modos de meu primo. A gorda D. Demétria trouxe a bandeijinha de prata antiga com uma xícara de café fumegante, que eu estava louco para tomar. Aproximou-se, porém, demasiadamente de mim, viu o logro terrível em que estava caindo, deixou cair tudo ao chão e soltou um berro:

– Jesus! Socorro! Um mascarado!...

E esparramou-se num chilique, esperneando.

D. Mariana levantou-se e botou a boca no mundo:

– Socorro! Socorro! Um mascarado!

Quis escafeder-me pela porta da rua, mas chegavam de roldão os vizinhos alarmados: o Joaquim Amâncio e o velho Balduino Meira, ambos com os filhos. Conhecia felizmente muito bem o terreno em que pisava. Varei à casa pelos fundos como uma bala, pulei a cerca do quintal, atravessei a rua do Chafariz(4) e fui tirar a indumentária no quarto do Floriano, entrando pelo portãozinho do jardim lateral sem que ninguém me visse.

Acompanhados por dois soldados do corpo da guarda da Recebedoria, o Joaquim Amâncio e o João Meira bateram o quarteirão em busca do misterioso mascarado. Nem sombra dele! Sumira-se por encanto. Quem seria e o que quereria, fazendo-se passar pelo Floriano, pessoa tão conhecida e estimada naquele recanto, a fim de penetrar à

4 - Atual Rua José Avelino. – M.S.A.

vontade na casa de duas pobres senhoras sós? D. Mariana, por precaução, escondeu no forno da cozinha um cordão de ouro que fora de sua avó e os botões de punho do defunto Major Demétrio – duas libras esterlinas com um pé de ouro encastoado no reverso. A irmã pediu à minha prima Bemvinda para guardar a bandeijinha de prata em que servia o café.

Para toda a gente, o mascarado da noite de 31 de dezembro na Praia ficou sendo um mistério que desafiava qualquer explicação, menos para meu primo Floriano. Quando lhe contaram a história no dia seguinte, nada disse, limitando-se a balançar a cabeça com ar preocupado. Mas, quando ficamos sós, bateu-me no ombro:

– Foste tu!

E caímos na gargalhada.

1906

O URUBU MALANDRO

A grande novidade do ano foi o Coliseu Metálico do Henrique Lustre, chegado do Sul. Não achei mais nesse modernizado circo de cavalinhos o encanto dos primitivos, de oscilantes armações de madeira sujeitas a desabamentos, quando a petizada entusiasmada começava a pular. Então, tinha doze anos e agora dezoito. A diferença era grande. Eu, (Joaquim Florêncio de Alencar) Thomás de Carvalho, filho do velho professor Carvalho, Presidente da Câmara Municipal, Edgard Saboia Ribeiro, filho do lente da Faculdade de Direito Raimundo Ribeiro, e seu irmão João, que apelidávamos o Veneno por ser verdadeiramente terrível, organizamos com outros uma orquestra de realejos de boca, gaitas, berimbaus, pentes cobertos de papel de seda e cavaquinhos feitos de caixas de charutos. Reuniamo-nos nos bancos mais altos do Coliseu e, quando a música se calava nos intervalos, tocávamos sambas e baianos, às vezes acompanhados de cantorias praieiras e sertanejas. O público, divertido, aplaudia. Havia números bisados. João Veneno corria o chapéu à roda e apanhava alguns níqueis para a ceia.

Anos antes, Tomás Carvalho havia fundado comigo e o Plínio, filho do velho Comendador Costa, conhecido pela alcunha de Perna Santa, um circo de brinquedo, otimamente instalado e armado. O Comendador residia à rua Vinte e Quatro de Maio, entre as ruas das Trincheiras(1) e de São Bernardo,(2) estendendo-se o quintal de sua casa

---

1 – Atual Rua Liberato Barroso. M.S.A.

2 – Hoje Rua Pedro Pereira. M.S.A.

até a rua do Trilho de Ferro, depois crismada em Tristão Gonçalves, onde passava a Estrada de Ferro de Baturité. Gozava da fama de ser o maior potoqueiro da cidade. Contavam que, uma noite, quando em mangas de camisa jogava bilhar no Palhabote,(3) alguém notara o número da lavandaria marcado a linha no cós de suas calças de brim e exclamara:

– Que número é este, Comendador? 163!

Ele replicou sem a menor hesitação:

– Pares de calças brancas. Minha mulher numera-as para evitar confusões.

Era costume em Fortaleza realizar-se anualmente, no dia 1° de abril, a eleição do Rei das Potocas. Votava-se em todo o Estado e o pleito apaixonava a muita gente. Os telegramas com os resultados dos municípios do interior vinham endereçados a um grupo de sujeitos pilhéricos, organizadores do conclave, que os afixavam no anoso tronco dum grande cajueiro existente na praça do Ferreira, conhecido como o Cajueiro da Potoca. Ali também, à tarde, figurava o resultado total da apuração. Enquanto viveu, Perna Santa foi sempre reeleito Rei das Potocas. Substituiu-o leiloeiro José Rossas. Por morte deste, recaiu a escolha no meu amigo João Salgado. Creio que hoje o costume desapareceu e que oficialmente o trono está vago.

Nosso circo de brinquedo no terreno do Comendador constava dum mastro de grosso bambu, que eu tivera muito tempo no quintal de minha casa para içar bandeiras aos domingos e trepar como um macaquinho aos onze anos. Rodeavam-no empanadas de estopa. Os trapézios de cano de ferro, a barra e as argolas provinham do casco da Draga do Porto, naufragada na praia do Arpoador.(4) As argolas eram caixilhos de metal das vigias. Freqüentavam o circo meninos e moleques do Trilho de Ferro e da rua do Imperador, pagando um tostão de entrada. O filho do Perna Santa fazia de contorcionista. Um primo dele trabalhava no trapézio; eu, nas argolas e como palhaço. Nossas malhas eram meias de mulher, de algodão. Um cachorro grande corria como um cavalo em volta do picadeiro, levando às costas uma graúna mansa, a nossa amazona. Mas a grande atração do Circo Cearense era o urubu manso do Tomás Carvalho, promovido a domador de feras. Anunciava-se com retumbância um urubu malandro e lá vinha o bicho numa gaiola de taboca. Solto na arena, ia para lá e para cá com seu passo desengonçado. O domador provocava-o com o chicote e ele revidava com arrotos e cusparadas fedorentissimos. Uma sensação!

3 – Rua Maior Facundo nº 28– Atualmente no local foi construído o Edifício Lopes. M.S.A.

4 – Praia próxima à atual sede da Escola de Aprendizes Marinheiros, no bairro de Jacarecanga. M.S.A.

O AQUIDABÃ

Em fevereiro, outra vez a sestrosa e ominosa política liberal agitou Fortaleza. Chegaram notícias da horrível catástrofe do couraçado "Aquidabã" na enseada de Jacuecanga. A Marinha Nacional cobria-se de luto. João Brígido não o respeitou e publicou violento artigo, argüindo de culpa por incapacidade os dirigentes da Armada. A crítica era inoportuna, inábil e peçonhenta. Como se isso não bastasse, o jornal do governo ainda mais a envenenou, revidando-a. Os ânimos exaltaram-se e a oficialidade da Escola de Aprendizes Marinheiros, associada à da polícia e chefiada pelo capitão-tenente Severino Maia, pichou o prédio do "Unitário" à rua Formosa(1) e empastelou a redação. Enquanto viveu aquele desabusado jornal, João Brígido jamais consentiu se pintassem as portas e paredes pichadas. Conservava e expunha o testamento material da violência.

Então, eu freqüentava pela manhã a roda da livraria Araújo, à praça do Ferreira,(2) quase toda composta de

1 – Sempre conheci como tendo sido a sede do "Unitário" o prédio que foi destruído e em seu local levantado o edifício em que esteve, por muitos anos, o "Hotel Fortaleza", na Rua Senador Pompeu, lado dos números pares, entre as ruas Senador Alencar e São Paulo. Esse outro prédio já foi, também, demolido e no local do Hotel Fortaleza e de outra Casa vizinha, do lado sul, foi construído um edifício de quatro andares, onde se acha a loja Cerbrasa, especialista em ferramentas elétricas, tomando o nº 716 da Rua Senador Pompeu. O jornal de João Brigido teria tido outra sede anteriormente? Ou foi equívoco do autor, confundindo a Rua Formosa (Barão do Rio Branco) com a Rua Amélia (Senador Pompeu) M.S.A.

2 – Situada na parte norte da Praça do Ferreira, em uma das dependências da Prefeitura que, com o histórico Prédio da Intendência Municipal, compunham o pequeno quadrilátero formado pelas ruas Floriano Peixoto, Guilherme Rocha e Major Facundo e pela Travessa Pará, hoje desaparecida. M.S.A.

oposicionistas. À tarde, reunia-se ali a roda dos governistas. Comparecia também a esta, quando não ia à do mesmo feitio, na velha livraria Oliveira, do outro lado da praça,(3) então de propriedade do Dr. Eduardo Studart, associado a seu cunhado, meu professor Hermino Barroso. Ainda não tinha um pensamento definido em questões políticas locais, embora me inclinasse mais para a oposição, desde o 3 de janeiro. Ouvia os comentários de ambos os lados e sobre eles refletia em silêncio.

O livreiro Araújo era ave de arribação no Ceará, creio que rio-grandense-do-norte. Veio mais tarde para o Rio de Janeiro, onde fundou a Livraria Católica. Na roda da livraria Oliveira, estava sempre comigo um menino de rara inteligência, Mário Studart, filho do Dr. Eduardo Studart, que se manteria sempre, tanto no Ceará como na Capital Federal, meu amigo íntimo e fiel. Morte prematura roubou-o à família que acabava de constituir e ao amor de seus pais, cortando o fio de brilhantíssima carreira. Formara-se em medicina e direito. Talento de escol e caráter puro, deixou uma saudade imperecível. Continua a viver na memória dos que lhe quiseram bem.

Coincidência interessantíssima ter aparecido esse ano no Liceu um novo preparatoriano, que mais tarde se tornaria muito meu amigo, Aquidabã de Alencar Fialho. Fui eu quem o descobriu. Estava na Secretaria, quando se inscreveu para exames. O nome insólito fez-me cair das nuvens. Comuniquei-o logo a todos os colegas que pude arrebanhar pelos corredores e adjacências. Com eles formei duas alas que se estendiam da porta da Secretaria à de saída para a rua Sena Madureira. Combinamos a brincadeira inofensiva rapidamente. Quando o rapaz apareceu, gritei:

3 – A livraria Oliveira abrigava-se em demolido prédio onde hoje se acha a parte norte do edifício São Luís. Nele também se instalou a Livraria Gualter (segunda sede), a Casa Americana e a loja de modas "O Amadeu". M.S.A.

– Em homenagem ao couraçado "Aquidabã", bateria de estibordo, fogo!

A fila da direita imitou em unissono o reboar dos canhões.

– Bateria de bombordo, fogo!

A outra fez a mesma cousa. As descargas atraíram professores e funcionários espantados. O Aquidabã humano navegou tão encabulado até a porta da rua que ficamos com pena dele. Foi o único trote que levou.

O ALELHORAMA

Para cuidar melhor do sítio do Benfica, depois de haver despedido o antigo feitor Cândido, meu pai deixou de dormir no sobrado de minha família, à rua Major Facundo(1) e passou a dormir ali, em companhia de meu padrinho Antônio Leal de Miranda, divorciado de sua mulher. Aproveitei o pretexto para ir me libertando das restrições do sobrado e fui fazer-lhes companhia. Ambos chegavam tarde em casa, sobretudo meu pai, que era de natureza notívago. Eu podia, pois, recolher-me à hora que entendesse, sem satisfações a ninguém. Voltava à cidade pela manhã e ia almoçar com minhas tias. Raramente jantava com elas, mas sim no sobradinho de madeira do Café Elegante(2), do João Benício, ou no Iracema(3), do Ludgero Garcia, onde o gerente Heráclito pilheriava com a freguesia amiga.

Passava as tardes no Clube Atlético, à rua Senador Pompeu, fazendo esgrima ou exercitando-me nas paralelas. Ao anoitecer, ia ensinar os filhos menores de Filomeno Gomes e outros meninos da redondeza numa meia-água da rua da Assunção, que se comunicava pelos fundos com a residência daquele senhor. Filomeno pagava-me oitenta mil réis por mês, o que, naquele tempo, me permitia comer o que queria e não perder uma só das animadas sessões do alelhorama, movido a motor Morsing, então o mais aperfeiçoado sistema de cinema.

À noite, estudava no sítio, envolto no silêncio, à luz fumosa duma candeia de querosene ou à luz trêmula duma

1 – Sobradão que tem o nº 170 da Rua Maior Facundo. Juntamente com seu vizinho do lado norte, foi demolido para a construção de outro prédio. – M.S.A.

2 – Ficava no canto sudeste da Praça do Ferreira. – M.S.A.

vela de cera de carnaúba. Acordava cedo, fazia eu mesmo o meu café, repartia-o com meu padrinho somente, porque meu pai não costumava tomar nada pela manhã, cuidava de pequeno jardim que preparava em frente da casa, ali um pouco eu conversava com meu pai e meu padrinho, e às dez horas chegava à cidade.

O feitor do sítio era o Zacarias Coelho, caboclo claro, baixote, atarracado, com uma força hercúlea. Sua mulher, a Rosenda, limpava a casa. Ambos me tinham grande afeição. A Rosenda bebia sempre. O Zacarias, às vezes, tomava pifões e dava para dizer nomes feios. Certa manhã, estava eu nu da cintura para cima, regando o jardim, quando a Rosenda me veio dizer entre soluços que os soldados da polícia surravam seu marido na venda do João Pereira, barracão de madeira, a dois passos de nosso portão, junto aos trilhos da estrada de ferro(4). Para lá corri e fui encontrar o caboclo todo ensangüentado. Dissera uns desaforos ao guarda cívico Joventino e este, ajudado por um colega, o havia açoitado a pano de sabre até cair desacordado. Levamo-lo para o sítio, enquanto o Joventino ameaçava céus e terra, brandindo a arma e querendo levar a vítima para o xadrez. Tive de usar da máxima energia para contê-lo.

Vesti-me, tomei o bonde e procurei no posto policial da praça do Ferreira(5) o delegado Sampaio, apresentando-lhe a minha queixa. Recebeu-me com o mais profundo desprezo e retrucou-me asperamente:

– Soldado de polícia foi feito para bater em paisano. Bêbado comigo é no pau!

Contive minha revolta e retirei-me, decidido a fazer justiça com minhas próprias mãos e fi-la.

---

3 – Sito no canto sudoeste da Praça do Ferreira. – M.S.A.

4 – O Trilho de Ferro viria a chamar-se Avenida Tristão Gonçalves, quando a linha do trem foi deslocada para a futura Avenida José Bastos.

5 – Ficava no prédio então existente no local do que hoje abriga a Caixa Econômica Federal (esquina sudoeste das ruas General Bizerril e Guilherme Rocha). – M.S.A.

Mais ou menos um mês após o fato, indo à tarde dar um giro de bonde até a praça Fernandes Vieira(6), vi ali o tal de Joventino. Nesse tempo, a praça era vasto areal e, mais ou menos no local onde se ergue hoje o edifício do novo Liceu do Ceará, havia um prédio velho, isolado, que servia de depósito de inflamáveis. Por trás passava um corredor de cercas ensombrado de cajueiros, separando o depósito duma chácara, então deserta, onde residiu algum tempo Alfredo Salgado e que é atualmente Asilo de Mendicidade(7). O Joventino estava de guarda ao depósito.

Eram seis horas da tarde e calculei que só seria rendido à meia noite. Corri para o sítio e chamei o Zacarias. Vesti-me como ele, de calças rotas, descalço, camisa de algodão, chapéu de palha de carnaúba. Armamo-nos de cacete e facas. Subimos as areias da rua Santa Teresa(8), atravessamos a praça de São Sebastião, caminhamos por entre cercados e cajueiros e viemos sair por trás do depósito. Tínhamos concertado um plano em caminho e o pusemos em execução.

Fingimo-nos de ébrios e discutimos em voz alta onde a sombra era mais espessa. Aquilo era um deserto. O soldado veio ver do que se tratava. Metemo-lhe o pau sem que tivesse tempo de defender-se e o estendemos no chão. Tomamos-lhe o boné, a túnica, o cinturão e o sabre, e corremos para o sítio. O boné e o cinturão foram queimados. Guardei o sabre muitos anos como lembrança. Em 1914, no Rio de Janeiro, ao embarcar de volta para o Ceará, dei de presente ao meu amigo, o escritor Miguel Melo.

Essa aventura teve certa repercussão. O jornal do governo noticiou o *covarde atentado* e a ronda da praça Fernandes Vieira foi dobrada. A polícia, depois de rouba-

---

6 – Atual Praça Gustavo Barroso, que tem no seu centro uma bela estátua do grande escritor, em cujo pedestal repousam os seus restos mortais. – M.S.A.

7 – Na atual Avenida Padre Ibiapina, que liga a Praça Gustavo Barroso (ex-Fernandes Vieira) à Praça de São Sebastião. – M.S.A.

8 – Hoje Rua Tereza Cristina. – M.S.A.

da, põe trancas à porta. Ela mostrou-me a facilidade de se fazerem certas cousas com um bom disfarce numa cidade mal policiada e pior iluminada. Mais adiante, eu abusaria daquela lição. E levar-se-ia muito tempo para saber que um *capanga* noturno era durante o dia um estudantezinho modesto e calmo...

Na noite em que vinguei o Zacarias, não pude ir à sessão do Alelhorama; mas no dia seguinte lá estava e avistei na primeira fila a cara vermelha do delegado Sampaio. Tive vontade de gritar-lhe:

– Paisano foi feito para dar pancada em soldado de polícia.

Mas não me podia trair.

O Coronel Antônio Felino Barroso, meu pai.
(Silhueta feita em Fortaleza em 1906).

O MUNDO É UMA BOLA

Em junho, salvo erro ou omissão, desembarcou em Fortaleza com grandes festas o Dr. Afonso Augusto Moreira Pena, Presidente eleito da República. Visitou o Liceu, onde foi saudado num discurso xaroposo pelo diretor Antônio Epaminondas da Frota e com uma oração gratulatória pelo meu colega Francisco de Assis Sampaio Barreto. Fazia parte da comitiva o Dr. Arão Reis, ostentando sua calva luzidia. A rapaziada foi distribuída pelas salas de aula, que ele percorreu pacientemente uma por uma. Fiquei, com os preparatorianos, à entrada do gabinete de física e química. O presidente passou por mim, pequenino e teso, de fraque castanho, trazendo na mão um chapéu coco, do formato que então se chamava *bacorinha*. Tenho a sua figura bem guarda na memória. O Dr. Arão Reis pisou-me o pé, bateu-me no ombro amavelmente e pediu-me desculpas. Mal sabia estar ali um de seus futuros amigos no Rio de Janeiro. O gabinete era pessimamente montado com meia dúzia de aparelhos antiquados e defeituosos. Afonso Pena demonstrou secamente sua má impressão. Ouvi o Dr. Arão Reis dizer ao diretor confuso:

– É preciso melhorar isto!

A frase foi propagada em segundos pela rapaziada, instintivamente oposicionista. No dia seguinte, paredes e quadros negros apareceram cobertas com esta inscrição:

"Papagaio Macho, é preciso melhorar isto! (ass.) *Arão Reis*. (Visto) *Afonso Pena* e *Caneta*".

Admirei anonimamente o grupo de jornalistas da comitiva presidencial: Ernesto Sena, de quem viria a ser amigo íntimo e colega no "Jornal do Comércio", de 1911 a 1912; Lindolfo Azevedo, com quem privaria; Rafael Pinheiro, Paulo Vidal, Belisário de Souza, Lemos Brito, todos, anos mais tarde, meus amigos e companheiros de lide nas letras e na imprensa.

Antônio Matias costumava dizer filosoficamente no Ceará: "Este mundo tem a forma duma bola e gira mansamente". A experiência da vida permite-me hoje acrescentar: "Às vezes, gira muito mais depressa do que se possa pensar".

Pouco após a festiva passagem de Afonso Pena, morria Álvaro Martins, o pobre e dolente poeta dos "Pescadores da Taíba". Eu havia pintado a aquarela, a seu pedido, a capa dum livro que não chegou a publicar: "O Beijo da Morte". Associava, então, minha arte incipiente à dos poetas da terra. Fui eu quem desenhou a capa das "Parêmias" de Soares Bulcão. Em Fortaleza, criticavam, às vezes cruelmente, as fraquezas políticas de Álvaro Martins. Não tinham em conta que nasciam das aperturas de sua vida. Guardo desse meu professor de literatura no Liceu uma lembrança amável. Foi ele quem primeiro descobriu em minhas singelas composições de aula uma pequenina semente de gosto literário. Descobriu e proclamou generosamente.

O PEIXE-SOL E A CIGANA

Nas grandes marés de setembro, entrou no Poço da Draga(1) um peixe exótico, que encalhou num baixio e foi morto a pau pelos catraieiros.

Havia mais de dez anos que a draga da Ceará Habour Company deixara de escavar aquele malogrado esboço de porto artificial. Vendida como ferro velho à firma Boris Frères, fora dali dificilmente retirada através do canal afundado a pá por Mister Myles, e ancorada em frente ao Gasômetro(2). Depois de convenientemente segura pela firma judaica, quebrou uma noite as amarras e deu à costa no Arpoador(3), onde o mar a destruiu aos poucos, envolvendo-a na sua renda de espumas. As línguas de trapo assoalhavam que as correntes das âncoras tinham sido limadas.

O tal peixe era enorme e rotundo, com duas alhetas perpendiculares, uma no dorso e outra no ventre. Penduraram-no de um gancho de ferro no interior de velho armazém de sal, que porejava umidade, na rua da Praia(4) e cobravam cem réis a quem o quisesse ver, em benefício do Asilo de Mendicidade, recentemente fundado pela Maçonaria, cujos diplomas foram desenhados por mim, a pedido do professor Oscar Feital, e impressos na Holanda por encomenda de John Petter Bernard, fabricante de malas, em uma de suas viagens à terra natal. Esse trabalho rendera-me quarenta mil réis, com certeza pagos pelos tostões que o peixe produzia.

---

1 – Ao lado da foz do riacho Pajeú, na antiga Praia Formosa. – M.S.A.

2 – No início da Rua Barão do Rio Branco, antiga Rua Formosa, quarteirão imediatamente anterior ao da Santa Casa, em frente ao desaparecido terceiro plano do Passeio Público. – M. S. A.

3 – Praia a oeste da cidade, correspondente a atual sede da Escola de Aprendizes Marinheiros. – M.S.A.

4 – Atualmente, Avenida Pessoa Anta. – M.S.A.

Um dos jornais da terra qualificou-o de Peixe-Sol; outro, de Peixe-Lua. Discutiram a propósito até que um articulista com pretensões a erudito o classificou cientificamente como – *Orthagoriscus truncatus*, citando Lineu, Jussieu, Cuvier e os estudos oceanográficos do Príncipe de Mônaco. Meu primo Quintino Cunha meteu-os todos à bulha: deixassem de ser bestas, aquilo não passava de reles *taioca!*

Tirei-lhe o retrato do natural, aquarelado, o mandei: com uma descrição à redação das "Leituras para todos" da empresa "O Malho", que estampou tudo em um de seus números. Foi a primeira vez que apareci na imprensa carioca.

No fundo do armazém em que se expunha o Peixe-Sol, pousava pequena tribo de ciganos caldeireiros num barracão de madeira, no meio dum capinzal. Enquanto aquarelava o peixe, uma mocinha cigana apreciava meu trabalho e conversava comigo. Morena clara, de olhos esverdeados, pisava com elegância, agitando as amplas saias de chitas de ramagem. Solteira e filha do capitão do bando, tocava violão e cantava cantigas estranhas. Tornamo-nos amigos. Sob o luar de prata, sentávamo-nos no boeiro de cimento por onde o riacho Pajeú despejava suas águas no maceió do Gasômetro. Eu a ouvia cantar e ela me chamava – *Garjão*. Às vezes, ficávamos calados, escutando dentro da moita as chicotadas das tarrafas dos pescadores na água prateada que subia com a maré.

Dum dia para outro, a tribo levantou acampamento e nunca mais vi aquela cigana de olhos de gato que o luar polvilhava de centelhas verdes.

NAUTILUS

A 11 de outubro, no número especial da "República", comemorativo do aniversário do velho Acióli, impresso em papel cor-de-rosa, estreei na imprensa local. Meu professor Antônio Adolfo Coelho de Arruda, publicou nele um artigo de minha lavra sobre o Descobrimento da América, encimado por uma estrofe de Casimiro Delavigne. Mostrara-lhe o trabalho e ele m'o tomara, achando-o digno de publicação.

Assinei-o com meu primeiro pseudônimo literário, que ninguém conhece e vou revelar: *Nautilus*. Devorava livros – os de minha casa, os de meus padrinhos, os de meu primo Ricardo, os que bondosamente me emprestava meu velho amigo Dr. Francisco de Paula Pessoa, em português, em francês e mesmo em inglês, romances e obras históricas, versos e viagens, contos e ensaios. Herculano encantava-me. Maupassant deliciava-me. Eça de Queiroz deslumbrava-me. Recitava Gonçalves Dias, Castro Alves e Bilac. Sabia de cor a "Velhice do Padre Eterno", a "Morte de D. João" e o "D. Jaime" de Tomás Ribeiro. Mas o pseudônimo escolhido mostrava que meu espírito não se desprendera de todo da admiração por Júlio Verne.

Quando revelei timidamente a alguns colegas mais íntimos do Liceu ser o autor do artigo saído na primeira página do órgão oficial, levaram-me na troça e prometeram levantar minha candidatura a Rei na próxima eleição do Cajueiro da Potoca. Só Edgard Sabóia Ribeiro teve fé na minha afirmação e pronunciou com ênfase esta frase bebida alhures:

– Não há dúvida: o estilo é o homem!

Adivinhava que *Nautilus* era o botão de que desabrocharia mais tarde João do Norte; para frutificar um dia em Gustavo Barroso.

A 19 de outubro, na festa comemorativa do Liceu, já o professor Arruda confirmara a autoria do artigo. Senti, então, que, como por encanto, meu prestígio crescera. Jaime Carneiro Leão de Vasconcelos propôs meu nome para membro da Comissão Organizadora e fui aclamado unanimemente. Aprígio Nogueira e Hermenegildo Porto, indicados para oradores, pediram-me de véspera minha opinião sobre os discursos que iam pronunciar.

A festa foi memorável. Festa de minha despedida do velho Liceu. Inauguramos os retratos de lentes falecidos antes de cursarmos o estabelecimento: Pedro Pereira da Silva Guimarães, Teófilo Bezerra de Menezes e Melo Ratisbona. Dançou-se até clarear o dia. Sobraram tantas iguarias e bebidas que obtivemos licença para um *enterro dos ossos*. A Comissão Organizadora saiu de casa em casa a convidar as famílias que tinham estado presentes na véspera. Na residência do Dr. Antônio Pinto dos Santos Pires, que levara suas duas sobrinhas ao baile, fomos recebidos por esse velho fidalgo com os maiores requintes de gentileza. Durante a festa, ele tinha ficado muito tempo a conversar comigo sobre vários assuntos. Tornou a conversar, enquanto os outros insistiam com as moças para não faltarem. Ao sairmos, bateu-me amigavelmente no ombro e disse-me com carinho:

– Um moço como você não se deve estiolar na província. Procure um meio mais adiantado. Vá para o Rio de Janeiro, lute e vença!

O conselho não caiu em terreno estéril. Remoí muitas e muitas vezes. Decidi emigrar na primeira oportunidade. Afinal, não é esse o destino de quem nasce no Ceará?

Muitos anos depois, conversando um dia no Rio de Janeiro com meu saudoso amigo Dr. Antônio Pinto, disse-lhe quanto suas animadoras palavras naquela noite de outubro de 1906 haviam contribuído para a minha resolução, sorriu prazenteiro e respondeu-me:

– Só tenho razões para felicitar-me por isso.

O *enterro dos ossos* foi muito mais íntimo e animado do que a festa oficial. Eu tinha dezoito anos incompletos! Época dos namoros platônicos e contemplativos em que se trocavam postais com versos de Bilac, de Guimarães Passos e dos "cisnes" de Salusse ou do famoso soneto de Filinto de Almeida, que começa assim:

> Onde foste buscar tanta beleza?
> De onde tão deslumbrante formosura? ...

PAPAI-NOEL

Começaram as férias. De somente duas semanas ao sítio Jurucutuoca, porque Fortaleza hospedava a companhia Silva Pinto e eu era louco por suas revistas e operetas: "A Gran-Via", "Tim-tim por tim-tim", "A Capital Federal", "A Mascote", "A Filha do Regimento", "A Gran-Duquesa de Gerolstein", "Os Mosqueteiros no Convento", "O Barba-Azul", "Os Sinos de Corneville". Quanta cousa fina e deliciosa que os jazz e os filmes americanos mataram e sepultaram no mais negro esquecimento! Pela manhã, no sítio do Benfica, trauteava, regando meu pequeno jardim esfestoado de verbenas, floxes, dálias e rosas Paul Néron, os rondéis e estribilhos ouvidos na véspera:

Cabellero de la gracia me llaman,
Efectivamente soy assi!
Dicen todos los que me conocen,
Me coñoce todo Madrid!

Quero-te mais que aos meus carneiros,
Quando juntos fazem: Mé!
Sou o Barba-Azul, olé!
Ser solteiro é o meu filé!

Três vezes dei a volta ao mundo,
Amor profundo nunca encontrei!
....
Vai, marinheiro, voa ligeiro,
Voa ligeiro por sobre o mar!

Raul Domingues Uchoa, meu querido amigo e colega no colégio do professor Lino e no Liceu, e Joaquim Pimenta fundaram no fim do ano a revista literária "Fortaleza", que marcou época e saiu com uma capa desenhada por

mim: um caboclo tangendo o burro de carga sob a luz crua do sol, numa várzea pontilhada de carnaubeiras. Nela colaborei com um conto "O Sorongo", sobre a campanha do Paraguai, o qual, refeito, figura em meu livro "A guerra do Lopez". O artigo de *Nautilus* sobre o Descobrimento da América seria mais tarde desenvolvido em uma conferência realizada sob os auspícios da Fênix Caixeiral.

Quando o aeronauta José Pereira da Luz apareceu em Fortaleza nos últimos dias de dezembro, anunciando a primeira ascensão em que caiu e escapou ileso, pródromo de outra que quase o mata, fui assistir ao enchimento do balão "Brasil" no pátio do Quartel Federal(1). Havia muita gente e fazia calor. De repente, tive um desmaio. Alguns amigos ampararam-me, levaram-me para a sala dos oficiais, deram-me café quente e conduziram-me à casa.

Sentia-me doente desde meados do ano, enfraquecendo e empalidecendo a olhos vistos. Um mal oculto começava a minar-me lentamente o organismo. Atribuia-se aquilo aos estudos forçados e ao espantoso crescimento: dez centímetros dum ano para a outro! Os médicos enchiam-me de fortificantes que pouco ou nada adiantavam. Passei seguidamente pela mão dos melhores clínicos do Ceará: João Marinho, José Lino da Justa, Moreira da Rocha, Eduardo Salgado, Aurélio de Lavor, durante meses e meses. Tomei dúzias de vidros de Hemoglobina Deschiens e de óleo de fígado de bacalhau. Nenhum resultado. O Dr. Álvaro Fernandes injetou-me caixas e mais caixas de *sorum* Fraisse – glícero-fosfato de sódio e cacodilato de guaiacol. Ingeri todos os remédios caseiros aconselhados. Nenhum proveito. Curei-me depois dum ano de luta, por acaso.

Conversando certo dia na livraria Araújo(2) com Valente de Andrade sobre meus padecimentos, ele me con-

1- Ao lado da Fortaleza de N. S. da Assunção, hoje ocupado pela 10ª Região Militar, depois de ter abrigado o 23º Batalhão de Caçadores, hoje em ampla sede própria na Avenida 13 de Maio nº 1.545. – M.S.A.
2 – Situava-se em uma das dependências da Prefeitura Municipal, face norte da Praça do Ferreira, em prédio demolido na década de 1940. – M.S.A.

tou haver lido numa revista médica um estudo sobre anquilostomose duodenal, cujos sintomas lhe pareciam os meus. Eu devia ter apanhado uma opilação. Falei sobre o assunto com o Dr. Batista de Queirós, pai de Narcélio de Queirós, na farmácia de Osvaldo Studart, e este achou que Valente de Andrade podia ter razão. Aplicou-me a título de experiência uma dose de timol pelo método bárbaro do tempo. A melhora foi tão grande que continuou o tratamento. Acabou-o o Dr. José Lino com a Dolearina-Ferro de Peckolt. Fiquei radicalmente curado.

Em 1912, eu era colega de Valente de Andrade na redação do "Jornal do Comércio". Sempre o tratei com a amizade e a consideração devidas a quem nos salva a vida em perigo. A insidiosa e longa enfermidade matou definitivamente minhas aspirações à carreira militar. A Escola de Guerra reabrira-se e foi com o desespero n'alma que a ela renunciei para sempre.

Naquele triste fim de 1906, parecia um cadáver, sem pinta de sangue. O menor esforço exauria-me. Sentia em torno de mim os passos silenciosos da morte ou da tuberculose. Cobria-me de suores gélidos. Quando fazia pequeno passeio, devagarinho, pelas cercanias de casa, entrava sempre na Farmácia Gonzaga, do meu bom amigo Afonso de Pontes Medeiros(3), e me punha a ler o "Chernoviz". Impressionavam-me profundamente os sintomas de todas as moléstias que o velho manual descrevia. Decorava-os.

3 – Instalada em velho prédio corresponde-se à parte norte do edifício que tem hoje o nº 372 da Rua Major Facundo, onde se acha instalado (1987) uma agência do Banco do Nordeste do Brasil. Naquele prédio, depois demolido e que tinha então o nº 80, residiu Joaquim Marques Vairão, cujo filho Antônio, de 14 anos, foi morto, por motivo fútil, pela escrava Bonifácia, depois justiçada com a pena máxima do enforcamento, no Passeio Publico. Nos recuados anos do fim do século passado, a parte norte do terreno em que se acha a agência do BNB era ocupada pelo velho prédio demolido, que então abrigava uma farmácia, de propriedade, sucessivamente, do grande cearense Rodolfo Teófilo, de Antônio Gonzaga Coelho de Almeida (daí o seu nome) e de Afonso de Pontes Medeiros. – M.S.A.

Acabava por senti-los todos. Comprava os remédios que aconselhava e tomava-os às escondidas. Afonso viu-se forçado a ocultar o livro mas eu o caceteava com perguntas. Um dia indaguei dele se não achava que sofria de clorose. Riu-se e ralhou:

– Deixe de ser bobo! Clorose é moléstia de mulher e não me parece que você tenha mudado de sexo!

Vivia a escarrar pelas paredes caiadas, a espera da terrível revelação dum laivo de sangue vivo! Chorava sozinho. Como não consignar minha eterna gratidão a Valente de Andrade, que, um dia, por milagrosa inspiração, me livrou do pesadelo numa terra em que não havia um laboratório de análises para auxiliar a clínica e nem se falava nisso?

Nos dias subseqüentes ao desmaio durante a ascensão do aeronauta, absolutamente esgotado, permaneci imóvel e como alheado da vida numa cadeira de balanço, na sala de visitas do sobrado. Minhas tias rodeavam-me de afagos e minha boa avó, arrastando seus pobres pés doloridos, dava-me a todo instante leite e ovos quentes ou gemadas. A inapetência dominava-me e tomava os alimentos quase à força. Não dava uma palavra. Resignara-me inteiramente a esperar a morte.

Foi quando surgiu na cidade, vindo do Pará, se me não engano, o prestidigitador e quiromante francês De Viremont. Amigo de meu pai em outros tempos, veio visitá-lo e ficou impressionado com meu aspecto. Tomou carinhosamente entre suas mãos rosadas minha destra flácida e lívida, pôs os óculos e analisou miudamente as linhas que se cruzavam na palma descolorida. Sentenciou, depois, num tom peremptório que ainda ecoa, apesar do tempo decorrido, em meus ouvidos:

– Você vai ficar bom, quando menos esperar e de repente. Gozará, depois, duma saúde de ferro por muitos e muitos anos. Tenha coragem!

Voltando-se para meu pai, minha avó e minhas tias, declarou, como se fosse absoluto senhor dos segredos do futuro:

– Se eu tivesse um filho, não desejaria para ele mais do que a posição que este menino vai atingir numa grande cidade aos vinte e tantos anos e aos trinta e tantos!

E concluiu, fitando nos meus olhos ansiosos suas pupilas de safira:

– Na sua vida haverá altos e baixos, porém mais altos do que baixos. Não desanime nas piores ocasiões!

Nunca, durante o meio século que tenho vivido, palavras humanas me fizeram maior bem. Foram um bálsamo ao meu espírito atormentado pela doença. A profecia realizou-se totalmente. Aos vinte e tantos anos, eu era Deputado Federal pela minha terra e a não desonrava em meu mandato. Aos trinta e quatro, sentava-me numa das poltronas da Academia Brasileira. Na verdade, fiz algum esforço para dar razão ao velho francês, que talvez só me tivesse dito aquilo para me animar. Segui-lhe o conselho augural e nunca desanimei.

Fecho agora os olhos do corpo e abro os olhos da alma para evocar sua face muito corada numa auréola de cabelos e barbas cor de neve:

– Meu Papai-Noel de 1906, Deus te pague!

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

1. IRACEMA – José de Alencar – Edição fac-similada; UFC – 1983.
2. FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA – Raimundo Girão – UFC – 1983.
3. TEMPOS HERÓICOS – Esperidião de Queiroz Lima – Reedição da 2ª parte do livro ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO – UFC – 1984.
4. AS VISÕES DO CORPO – Francisco Carvalho – UFC – 1984.
5. CONTOS ESCOLHIDOS – Moreira Campos – 4ª Edição – UFC. 1984.
6. DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1985.
7. O NORTE CANTA – Martins d'Alvarez – 2ª Edição – UFC – 1985.
8. TIBÚRCIO – O GRANDE SOLDADO E PENSADOR – Eusébio de Sousa – Edição Especial – UFC – 1985.
9. O CRATO DE MEU TEMPO – Paulo Elpídio de Menezes – 2ª Edição – UFC – 1985.
10. BUMBA-MEU-BOI E OUTROS TEMAS – Lauro Ruiz de Andrade – UFC – 1985.
11. CANTO DE AMOR AO CEARÁ – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1985.
12. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – 2ª Edição – UFC – 1985.
13. ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS – F. Alves de Andrade – UFC – 1985.
14. POEMAS ESCOLHIDOS – Cruz Filho – UFC – 1986.
15. REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1987.
16. GUSTAVO BARROSO – SOL, MAR E SERTÃO – Eduardo Campos – UFC – 1988.
17. EXERCÍCIOS DE LITERATURA – Francisco Carvalho – UFC – 1989.
18. POESIAS – 2ª Edição – Filgueiras Lima – UFC – 1989.
19. A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR – Ingrid Schwamborn – UFC – 1990.
20. LITERATURA SEM FRONTEIRAS – Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim – UFC – 1990.
21. UFC & BNB – Educação para o Desenvolvimento – Antônio Martins Filho – UFC – 1990.
22. IMPÉRIO DO BACAMARTE – Joaryvar Macedo – 2ª Edição – UFC – 1990/1992.
23. O MUNDO DE FLORA – Angela Gutiérrez – UFC – 1990.
24. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ – Manuel Albano Amora – UFC – 1990.
25. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS – F.S. Nascimento – UFC – 1990.
26. ESPELHO DE CRISTAL – Wilson Fernandes – UFC – 1990.
27. MEDICINA MEU AMOR – CONTOS E CRÔNICAS – José Murilo Martins – UFC – 1991.
28. O TERRITÓRIO DA PALAVRA – MEMÓRIA & LITERATURA – Carlos d'Alge – UFC – 1991.
29. METAFÍSICA DAS PARTES – Carlos Gildemar Pontes – UFC – 1991.
30. REINCIDÊNCIA – Cláudio Martins – UFC – 1991.
31. CONCEITOS & CONFRONTOS – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1991.
32. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA – Antônio Bezerra de Menezes – Introdução e Notas de Raimundo Girão – UFC – 1992.
33. NOTURNOS DE MUCURIPE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1992.
34. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1992.
35. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO – Teoberto Landim – UFC – 1992.
36. FORTALEZA DESCALÇA – Otacílio de Azevedo – UFC – 1992.
37. CRÔNICA DAS RAÍZES – Francisco Carvalho – UFC – 1992.
38. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ – O POVOAMENTO – Vinícius Barros Leal – UFC – 1993.

39. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO – ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO – André Haguette (Organizador) – UFC – 1993.
40. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA – Mozart Soriano Aderaldo – UFC – 1993.
41. ANDANÇAS E MARINHAGENS – Linhares Filho – UFC – 1993.
42. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM À HISTÓRIA – Tácito Theophilo – UFC – 1993.
43. POESIAS INCOMPLETAS – Antônio Girão Barroso – UFC – 1994.
44. FICÇÃO REUNIDA – Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador). – UFC – 1994.
45. O CÉU É MUITO ALTO – Lembranças – Blanchard Girão – UFC – 1994.
46. SONATA DOS PUNHAIS – Francisco Carvalho – UFC – 1994.
47. MAR OCEANO – Fran Martins – 2ª edição – UFC – 1994.
48. SEARA – Luciano Maia – UFC – 1994.
49. MEUS EUS – Pedro Henrique Saraiva Leão – UFC – 1994.
50. A PADARIA ESPIRITUAL – Leonardo Mota – 2ª edição – Introdução e Notas de Sânzio de Azevedo – UFC – 1994
51. CANTIGAS DO CORAÇÃO – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1995.
52. PROSA DISPERSA – Newton Gonçalves – UFC – 1995.
53. O OUTRO NORDESTE – Djacir Menezes – UFC – 1995.
54. LEITURA E CONJUNTURA – Dimas Macedo – UFC – 1995.
55. LOUVAÇÃO DE FORTALEZA – Lustosa da Costa – UFC – 1995.
56. TEXTOS E CONTEXTOS – Francisco Carvalho – UFC – 1995.
57. NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS – Antônio Sales – UFC – 1995.
58. MARÉ ALTA – Yolanda Gadelha Theophilo – Imprensa Universitária – 1995.
59. TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA – F.S. Nascimento – UFC – 1995.
60. ELOGIO AOS DOUTORES E OUTRAS MENSAGENS – Antônio Martins Filho – UFC – 1995.
61. COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) - José Anchieta Esmeraldo e Rui Verlaine Oliveira Moreira – UFC – 1996.
62. SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS – Pedro Paulo Montenegro – UFC – 1996.
63. MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS – Rubens de Azevedo – UFC – 1996.
64. OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
65. NO MUNDO DOS TREBELHOS – Ronald Câmara – UFC – 1996.
66. NADA DE NOVO SOB O SOL – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1996.
67. DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS – José Newton Alves de Sousa – UFC – 1996.
68. POESIA COMPLETA – Aluízio Medeiros – UFC – 1996.
69. ÁGUAS PASSADAS – Olga Stela Wouters – UFC – 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS – Estudos e Expressões Estéticas – Vianney Mesquita – UFC – 1996.
72. A RUA E O MUNDO – Fran Martins – UFC – 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA – José de Figueiredo Filho – UFC – 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ – Sânzio de Azevedo – UFC – 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC – Antônio Martins Filho – UFC – 1996.
76. O ESPANTALHO – Pedro Rodrigues Salgueiro – UFC – 1996
77. A GRAMÁTICA DOPALADAR - *Antepasto de velhas receitas* – Eduardo Campos – UFC.
78. RAÍZES DA VOZ – Francisco Carvalho – UFC – 1996.
79. MISCELÂNEA – de garoto sertanejo a médico cardiologista – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1996.
80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz de Aguiar – UFC – 1996.
81. FÚRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vládia Aires Mourão – UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUA – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteiro – UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – UFC – 1996.
93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica – Florival Seraine – UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – UFC – 1996.
98. MISSISSIPI – Gustavo Barroso – UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – UFC – 1996.
100. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – UFC – 1996.
101. DONA GUIDINHA DO POÇO – Oliveira Paiva – UFC – 1997.
102. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1997.
103. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – UFC – 1997.
104. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutiérrez – UFC – 1997.
105. O SAL DA ESCRITA – Carlos d'Alge – UFC – 1997.
106. MATHIAS BECK E A Cia DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandês no Ceará colonial – Rita Krommen – UFC – 1997.
107. MENINO SÓ – Jáder de Carvalho – UFC – 1997.
108. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÔRA, DORALINA – A lição dos manuscritos – Italo Gurgel – UFC – 1997.
109. FICÇÕES – Martins d'Alvarez – UFC – 1997.
110. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM - (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – UFC – 1997.
111. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – UFC – 1997
112. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – UFC – 1997.
113. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
114. ADOLFO CAMINHA: Vida e Obra – Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
115. POEMAS DO CÁRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim - organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
116. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
117. VOZ CEARÁ – Stella Leonardos – UFC – 1997.
118. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
119. AS CUNHÃS – Mílton Dias – UFC – 1997.
120. FORTALEZA: VELHOS CARNAVAIS – Caterina Maria de Saboya Oliveira – UFC – 1997.
121. NÓS SOMOS JOVENS – Fran Martins – UFC – 1997.
122. TRIGO SEM JOIO (seleção de poemas) – Otacílio de Azevedo – UFC – 1997.

123. UMA CEARENSE NA TERRA DOS *BITTE SCHÖN* – Regine Limaverde – UFC – 1997.
124. O PACTO (Romance) – Stela Nascimento – UFC – 1997.
125. A POLÍTICA DO CORPO NA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO – João Alfredo de Sousa Montenegro – UFC – 1997.
126. IMAGENS DO CEARÁ – Herman Lima – UFC – 1997.
127. EDITOR DE INSÔNIA E OUTROS CONTOS – José Alcides Pinto – UFC – 1997.
128. A CAPITAL DO CEARÁ – Geraldo da Silva Nobre – UFC – 1997.
129. MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO – Raimundo de Oliveira Borges – UFC – 1997.
130. CORPO MÍSTICO & OUTROS TEXTOS PARA TEATRO – Oswald Barroso – UFC – 1997.
131. AS VERDES LÉGUAS – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
132. AUTORES CEARENSES – Joaquim Alves – UFC – 1997.
133. IMAGINANDO ERROS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (organizadores) – UFC – 1997.
134. O POÉTICO COMO HUMANIZAÇÃO EM MIGUEL TORGA – Linhares Filho – UFC – 1997.
135. DOIS DE OUROS – Fran Martins – UFC – 1997.
136. AUTA DE SOUZA – Jandira Carvalho – UFC – 1997.
137. NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS – Lustosa da Costa – UFC – 1997.
138. MAR VIOLETA, VIOLETA MAR – Fabiana Guimarães Rocha – UFC – 1997.
139. NÃO HÁ ESTRELAS NO CÉU – João Clímaco Bezerra – UFC – 1997.
140. SONETOS CEARENSES (poetas cearenses) – Hugo Victor – UFC – 1997.
141. IRACEMA – José de Alencar – UFC – 1997.
142. PIREU IDA E VOLTA & OUTRAS CRÔNICAS – Fran Martins – UFC – 1997.
143. UMA CHAMA AO VENTO – Braga Montenegro – UFC – 1997.
144. O DISCURSO CONSTITUINTE/Uma Abordagem Crítica – Dimas Macedo – UFC - 1997.
145. A ESCRITA ACADÊMICA (Acertos e Desacertos) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Vianney Mesquita – UFC – 1997.
146. A ESTRELA AZUL E O ALMOFARIZ: Exercícios de poesia e metapoesia – Horácio Dídimo – UFC – 1998.
147. RUA DA SAUDADE (POESIA) – Eduardo Fontes – UFC – 1998.
148. REMINISCÊNCIAS – Monsenhor José Quinderé – UFC – 1998.
149. A INSTITUIÇÃO NOTARIAL NO DIREITO COMPARADO E NO DIREITO BRASILEIRO – Regnoberto Marques de Melo Júnior – UFC – 1998.
150. CRÔNICAS DA MOCIDADE NO CEARÁ – Pires Saboia – UFC – 1998.
151. MÃO DE MARTELO E OUTROS CONTOS – Astolfo Lima Sandy – UFC – 1998.
152. A NOITE EM BABYLÔNIA E OUTROS RELATOS AO ETERNO - Poesia – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1998.
153. ESTRELA DO PASTOR - Romance - Fran Martins - UFC - 1998.
154. A BORBOLETA ACORRENTADA-Contos-Eduardo Campos-UFC-1998.
155. HISTORIA ABREVIADA DE LA UFC-Antonio Martins Filho-UFC-1998.
156. GRACILIANO RAMOS-*Reflexos de Sua Personalidade na Obra*-Helmut Feldmann-UFC-1998.
157. OS CAMINHOS DA MUNICIPALIZAÇÃO NO CEARÁ-*Uma Avaliação*- André Haguette e Eloísa Vidal *(Organizadores)*-UFC-1998.
158. O CRUZEIRO TEM CINCO ESTRELAS-Romance-Fran Martins-UFC-1998.
159. MÉDICOS ESCRITORES E ESCRITORES MÉDICOS DA UFC - Geraldo Bezerra da Silva - UFC - 1998.
160. A VOLTA DO INQUILINO DO PASSADO - Segunda Locação - Memórias - Eduardo Campos - UFC - 1998.
161. O LIMO E A VÁRZEA - Poesia - Regine Limaverde - UFC - 1998.
162. TERRA BÁRBARA - Poesia - Jáder de Carvalho - UFC - 1998.
163. A GUERRA DOS PANFLETOS - História - Waldy Sombra - UFC - 1998.
164. ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO - Poesia - Francisco Carvalho - UFC - 1998.
165. NOTÍCIA DO POVO CEARENSE - História - 2ª Edição - Yaco Fernandes - UFC - 1998.
166. A ÚLTIMA TESTEMUNHA - Romance - Elano Paula - UFC - 1998.
167. A INVENÇÃO DO DISCURSO AMBIENTAL - Ecologia - Eduardo Campos - UFC - 1998.
168. URBANIDADE E CULTURA POLÍTICA-*(A cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX)*-José Ernesto Pimentel Filho-UFC-1998.
169. PEDRAS DO ARCO-ÍRIS OU A INVENÇÃO DO AZUL NO EDITAL DO RIO -Poesia-Barros Pinho-UFC-1998.
170. CONTAGEM PROGRESSIVA-Reminiscências da Infância-Memórias-Caio Porfírio Carneiro-UFC-1998.
171. RACHE O PROCÓPIO! - Crônicas-Lustosa da Costa-UFC-1998.
172. O VENDEDOR DE JUDAS - Contos - Tércia Montenegro - UFC - 1998.
173. A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA - Ensaios - José Filomeno de Moraes Filho - UFC - 1998.
174. ALMA DE POETA - Poesia - Eduardo Fontes - UFC - 1998.
175. ESTUDOS TÓPICOS DE DIREITO ELEITORAL - Ensaios - Napoleão Nunes Maia Filho - UFC - 1998.
176. SALA DE RETRATOS - Poesia - Marly Vasconcelos - UFC - 1998.
177. A CONCHA IMPOSSÍVEL - Poesia - Napoleão Maia Filho - UFC - 1998.
178. RASGANDO PAPÉIS - Memórias - Tacito Theophilo Gaspar de Oliveira - UFC - 1998.
179. CRATO: LAMPEJOS POLÍTICOS E CULTURAIS - História - F. S. Nascimento -UFC - 1998.
180. NA TRILHA DOS MATUIÚS - Contos - José Costa Matos - UFC - 1998.
181. NADA NUEVO BAJO EL SOL - Novela - Lúcia Fernandes Martins - UFC - 1998.
182. GENTE NOVA - (Notas e Impressões) - Crítica - Mário Linhares - UFC - 1998.
183. TEMAS DE DIREITO ADMINISTRATIVO E TRIBUTÁRIO - Napoleão Nunes Maia Filho - UFC - 1998.
184. O GUARANI ERA UM TUPI?-*Sobre os romances indianistas O Guarani, Iracema, Ubirajara de José de Alencar*-Ingrid Schwamborn-UFC-1998.
185. A PRESENÇA DA POESIA NO MUNDO DOS NEGÓCIOS - Antônio Martins Filho - UFC - 1998.
186. NORTE MAGNÉTICO - Poesia - Sérgio Macedo - UFC - 1998.
187. REVOLUÇÃO POR CONSENTIMENTO - Valores ético-sociais do empresariado - União pelo Ceará político - 1962/CIC-1978 - José Flávio Costa Lima - UFC - 1998.
188. CANTO IMATERIAL - Poesia - Vanderley Moreira - UFC - 1998.
189. POR UM FIO - Contos - Sandra Maia - UFC - 1999.
190. ERA UMA VEZ - Poesia - Karla Karenina - UFC - 1999.
191. O PORTAL E A PASSAGEM - Poesia - Beatriz Alcântara - UFC - 1999.
192. POÇO DOS PAUS - Romance - 2ª Edição - Fran Martins - UFC - 1999.
193. CAPISTRANO DE ABREU - Biobibliografia - José Aurélio Saraiva Câmara UFC - 1999.
194. UNIVERSIDADE - Caminho para o desenvolvimento - José Teodoro Soares - UFC - 1999.
195. PONTA DE RUA - Romance - 2ª Edição - Fran Martins - UFC - 1999.
196. MELANCHOLIA - (Antologia) - Sociedade de Belas Letras & Artes Academia da Incerteza - UFC - 1999.
197. TEATRO - (Teatro Completo de Eduardo Campos)- VOL I - Eduardo Campos - UFC - 1999.
198. TEATRO - (Teatro Completo de Eduardo Campos) -VOL II - Eduardo Campos - UFC - 1999.
199. Para uma FILOSOFIA da FILOSOFIA (Conceitos de Filosofia) - Willis Santiago Guerra Filho - UFC - 1999.
200. CAMINHOS ANTIGOS E POVOAMENTO DO BRASIL - 3ª Edição - J.Capistrano de Abreu - UFC - 1999.
201. O GUARANI - José de Alencar - Romance - (Volume I) - UFC - 1999.
202. O GUARANI - José de Alencar - Romance - (Volume II) - UFC - 1999.

203. CARLOS BASTOS TIGRE- *O Guardião das Árvores* (Centenário) - Ilka Tigre/Organizadora - UFC - 1999.
204. NORDESTE MÍSTICO-Império da Fé - *Ensaio sobre manifestações da religiosidade popular, no folclore e do sincretismo religioso do Nordeste* - Vilma Maciel e Célia Magalhães - UFC - 1999.
205. ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO - J. Lindemberg de Aquino - UFC - 1999.
206. BRASIL, A EUROPA DOS TRÓPICOS - *500 anos rumo à Civilização Trópico-Equatorial*- Caio Lóssio Botelho - UFC - 1999.
207. VOZES DO SILÊNCIO - Poesia - Cecília Bossi - UFC -1999.
208. ESTÂNCIA CEARENSE - Poesia - Márcio Catunda - UFC - 1999.
209. A SHORT HISTORY OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF CEARÁ (UFC) – Antônio Martins Filho – UFC – 1999.
210. O ELEFANTE E OS CEGOS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (*Organizadores*) – UFC – 1999.
211. MANIPUEIRA – Contos – Fran Martins – UFC – 1999.
212. REENCONTRO – Contos – Glória Martins – UFC – 1999.
213. LOUVADO SEJA TAMBÉM O PEIXE (crônicas) – Ciro Colares – UFC – 1999.
214. A LEI 4.320 – COMENTADA AO ALCANCE DE TODOS (Direito Financeiro) – Afonso Gomes Aguiar – UFC – 1999.
215. DIREITO PROCESSUAL – QUATRO ENSAIOS – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 1999.
216. CANTOS DA ANTEVÉSPERA – Sânzio de Azevedo – UFC – 1999.
217. NOITE FELIZ (Contos) – Fran Martins – UFC – 1999.
218. O PRANTO INSÓLITO – Eduardo Campos – UFC – 1999.
219. PALAVRAS AOS QUE AINDA OUVEM (Discursos) – Raimundo Bezerra Falcão – UFC – 1999.
220. LUSO-BRASILIDADES - NOS 500 ANOS – Dário Moreira de Castro Alves – UFC – 1999.
221. FEITOSAS - GENEALOGIA - HISTÓRIA - BIOGRAFIAS - Aécio Feitosa - UFC - 1999.
222. CANUDOS - Poema dos Quinhentos - Carlos Newton Júnior - UFC - 1999.
223. PERSONAS - Notas de Um Bibliófilo Cearense - José Bonifácio Câmara - UFC - 1999.
224. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: Em busca da operacionalização - Manoel do Nascimento Barradas (Organizador) - UFC - 1999.
225. COMEÇAR DE NOVO: Romance - Elano Paula - UFC - 1999.
226. COMO ME TORNEI SEXAGENÁRIO - Lustosa da Costa - UFC - 1999.
227. PODER JUDICIÁRIO - A Reforma Administrativa Possível (Algumas Reflexões) - Cândido Bittencourt de Albuquerque - UFC - 1999.
228. ORÁCULO - Magdalena Sá - UFC - 1999.
229. CHICO CALDAS, O Patriarca de Viçosa do Ceará - João Severiano Caldas da Silveira - UFC - 1999.
230. UMA VIDA CONTRA HITLER - Hermann M. Görgen - UFC - 1999.
231. A CONCHA E O RUMOR – Francisco Carvalho – UFC – 2000.
232. NARRADORES DO PADRE CÍCERO: DO AUDITÓRIO À BANCADA – Marinalva Vilar – UFC - 2000.
233. ESTUDOS TEMÁTICOS DE DIREITO CONSTITUCIONAL – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2000.
234. ESTAÇÕES DE SONETOS – José Costa Matos – UFC – 2000.
235. NO RASTRO DO BOI: CONQUISTAS, LENDAS E MITOS – Francisco Ésio de Souza – UFC – 2000.
236. DERECHO CONSTITUCIONAL Y CONTROL DE CONSTITUCIONALIDAD EN LATINOAMÉRICA – Régis Frota – UFC - 2000.
237. A DECISÃO DE SATURNO (FILOSOFIA, TEORIAS DE ENFERMAGEM E CUIDADO HUMANO) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Rui Verlaine – UFC – 2000.
238. O AMIGO DE INFÂNCIA (CONTOS) – Fran Martins – UFC – 2000.
239. COLHEITA TROPICAL: HOMENAGEM AO PROFESSOR DR. HELMUT FELDMANN – Antônio Martins Filho e Teoberto Landim (Organizadores) – UFC – 2000.
240. MAR OCEANO (CONTOS) – Fran Martins – UFC – 2000.
241. O CANADÁ É BEM ALI – Regine Limaverde – UFC – 2000.
242. AMOR NOS TRÓPICOS (Ensaios e seleta de poemas contemporâneos) – Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento (Organizadoras) – UFC – 2000.
243. AUTONOMIA DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS (3ª Edição) – Antônio Martins Filho – UFC – 2000.
244. A DESCOBERTA DO SABOR SELVAGEM – Eduardo Campos – UFC – 2000.
245. PSICOLOGIA DO POVO CEARENSE – Abelardo F. Montenegro – UFC – 2000.
246. HISTÓRIAS PARA PASSAR O TEMPO... – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 2000.
247. FRANCISCO CARVALHO: UMA POESIA DE TANATOS E DE EROS – Mailma de Sousa – UFC – 2000.
248. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – UFC – 2000.
249. A PRÓXIMA ESTAÇÃO (ROMANCE) – Teoberto Landim – UFC – 2000.
250. MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO (1º VOLUME) – CORAÇÃO DE MENINO – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
251. ESTUDOS PROCESSUAIS SOBRE O MANDADO DE SEGURANÇA – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2000.
252. MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO (2º VOLUME) – LICEU DO CEARÁ – Gustavo Barroso – UFC – 2000.

Impressão e Acabamento Imprensa Universitária da
Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - Caixa Postal 2600
Fone/Fax: 0xx (85) 281.3721 - Fortaleza - Ceará - Brasil

na Poesia: *As Sete Vozes do Espírito* (1946); Biografia: *Osório, o Centauro dos Pampas* (1932), *Tamandaré, o Nélson Brasileiro* (1933); Memórias: *Coração de Menino* (1939), *Liceu do Ceará* (1940), *Consulado da China* (1941); Folclore: *Casa de Maribondos* (1921), *Ao Som da Viola* (1921), *Através dos Folclores* (1927); Conto e Novela: *Praias e Várzeas* (1915), *Mula sem Cabeça* (1922), *Alma Sertaneja* (1923), *Mapirunga* (1924), *Pergaminhos* (1922), *Livro dos Milagres* (1924), *O Bracelete de Safiras* (1931); Romance: *Tição do Inferno* (1926), *O Santo do Brejo* (1933), *Mississipi* (1961). E não aludimos às obras sobre museologia, arqueologia, lexicologia, política, economia, viagens, ou teatro. Tendo adquirido renome logo quando estreou, Gustavo Barroso chegou a ser um dos maiores vultos de toda a literatura cearense.

Sânzio de Azevedo
Literatura Cearense, Edição da Academia Cearense de Letras - p.140/141 - 1976

A presente edição de **Liceu do Ceará**, de autoria do escritor Gustavo Barroso, constitui o 2º tomo das MEMÓRIAS do eminente escritor cearense.

O texto está enriquecido com Notas do escritor e historiador cearense Mozart Soriano Aderaldo, nome da mais alta expressão das letras cearenses, extraídas da copiosa bagagem literária divulgada em preciosos livros de sua autoria, como, por exemplo, **História Abreviada de Fortaleza**, **Crônica sobre a Cidade Amada** e também nas revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras.

Referidas Notas enriquecem a 2ª edição do livro publicado em 1989, pelo governo do Estado do Ceará - MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO, contendo **Coração de Menino**, **Liceu do Ceará** e **Consulado da China**, obra essa hoje completamente esgotada.

Com o patrocínio da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), as três obras serão reeditadas pelo Programa Editorial da Casa de José de Alencar, separadamente, em meses sucessivos.

Os Editores

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL